



XXII
EXPO
PEJA

Cartas a

Paulo Freire

E-book comemorativo à
III Semana da EJA Rio 2021

Organizadores

Geisi Nicolau • Daniel de Oliveira • Itália Claudia
Aline de Menezes • Andrea Lima • Caroline Martins
Celina Cursino • Evaldo Lemos • Hérica Marinete
Jaqueline Peixoto • Maria Helena Neves • Stella Neumann
Gerência de Educação de Jovens e Adultos



XXII
EXPO
PEJA

Cartas a

Paulo Freire

E-book comemorativo à III Semana da EJA Rio | 2021

Organizadores

Geisi Nicolau • Daniel de Oliveira • Itália Claudia
Aline de Menezes • Andrea Lima • Caroline Martins
Celina Cursino • Evaldo Lemos • Hérica Marinate
Jaqueline Peixoto • Maria Helena Neves • Stella Neumann
Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Rio de Janeiro

Centro de Referência da Educação Pública
da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira

2022

EDUARDO PAES

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RENAN FERREIRINHA CARNEIRO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ADRIANO CARNEIRO GIGLIO

SUBSECRETARIA DE ENSINO

MICHELLE VALADÃO VERMELHO ALMEIDA

COORDENADORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL

GEISI NICOLAU

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

GEISI NICOLAU

DANIEL DE OLIVEIRA

ITÁLIA CLAUDIA

ALINE DE MENEZES

ANDREA LIMA

CAROLINE MARTINS

CELINA CURSINO

EVALDO LEMOS

HÉRICA MARINATE

JAQUELINE PEIXOTO

MARIA HELENA NEVES

STELLA NEUMANN

ORGANIZAÇÃO DO E-BOOK/ GERÊNCIA DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RITA SIMONE PEREIRA RAMOS

ESCOLA DE FORMAÇÃO PAULO FREIRE /
DIRETORA

RENATA SEABRA GARRÃO

CENTRO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PÚBLICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO –
ANÍSIO TEIXEIRA / GERENTE

PAULO ROBERTO MIRANDA

MULTIRIO / PRESIDÊNCIA

EDUARDO GUEDES

MULTIRIO / DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

SIMONE MONTEIRO

MULTIRIO / ASSESSORIA DE
ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA

MARCELO SALERNO

ALOYSIO NEVES

ELIZA RIZO

ANTONIO CHACAR

TADEU SOARES

MULTIRIO / NÚCLEO ARTES GRÁFICAS
E ANIMAÇÃO

CONTATOS E/SUBE/CEF/GEJA

Telefone: 2976-2292 / 2976-2307

E-mail: gejasme@rioeduca.net

Instagram: @ejariosme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Bibliotecário Claudio Marcio Ribeiro Maia. CRB-7/6119.

XXII ExpoPEJA : cartas a Paulo Freire : e-book comemorativo à III Semana da EJA Rio 2021
/ organizadores Geisi Nicolau ... [et al.]. – Rio de Janeiro: Centro de Referência da
Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro – Anísio Teixeira, 2022.

314 p. : il.

ISBN 978-65-998627-1-7

1. Educação de jovens e adultos. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Nicolau, Geisi. II. Empresa
Municipal de Multimeios (Rio de Janeiro, RJ). III. Título.

CDD 374

Sumário

Apresentação: Geisi Nicolau, Daniel de Oliveira e Caroline Martins	4
Prefácio: Renato Costa e Sandra Sales	8
Seção 1: Cartas a Freire Curadoria de cartas da ExpoEJA 2021	19
1.1 Cartas do território da 1ª CRE	20
1.2 Cartas do território da 2ª CRE	35
1.3 Cartas do território da 3ª CRE	50
1.4 Cartas do território da 4ª CRE	61
1.5 Cartas do território da 5ª CRE	74
1.6 Cartas do território da 6ª CRE	89
1.7 Cartas do território da 7ª CRE	100
1.8 Cartas do território da 8ª CRE	115
1.9 Cartas do território da 9ª CRE	127
1.10 Cartas do território da 10ª CRE	137
1.11 Cartas do território da 11ª CRE	153
1.12 Cartas do Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos – CREJA	166
Seção 2: Narrativas de Professoras e Professores da EJA Rio sobre o processo de produção das cartas a Freire	178
2.1 Escola Municipal Professor Lourenço Filho (2ª CRE) Renata Ramos Sader	179
2.2 Escola Municipal Brasil (4ª CRE): CARTA A PAULO FREIRE Lilian Gondim Montegro	188
2.3 Escola Municipal Comunidade de Vargem Grande (7ª CRE) Equipe da E.M. Comunidade Vargem Grande	195
2.4 Escola Municipal Fernando De Azevedo (10ª CRE) Diego Leonardo	199

2.5 Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA): Cartas a Paulo Freire - História de luta e afetos na leitura e escrita no/do/ com o mundo | Marcia Cazer Fernandes; Priscila de Andrade Oliveira Leal; Raffaella Araujo D' Angelo; Valéria Rosa Poubell **208**

Seção 3: Reflexões sobre a importância de Paulo Freire e seu legado para uma EJA emancipadora **217**

3.1 Reflexões sobre a formação docente na EJA: contribuições da educação/formação permanente Jaqueline Luzia da Silva **218**

3.2 O legado de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva formativa emancipatória para os esfarrapados | José Carlos Lima se Souza **260**

3.3 Corporeidades e a plenitude na/da Educação de Jovens e Adultos – uma escrita que se pretende dialógica e amorosa | Rosa Malena de Araújo Carvalho **293**

Seção 4: Acervo digital da III Semana da EJA Rio e da XXII ExpoEJA 2021 **315**



Apresentação

Geisi Nicolau¹

Daniel de Oliveira²

Caroline Martins³

Desde 2019, a Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA) realiza, anualmente, a Semana da EJA Rio, um ciclo formativo com professoras e professores da EJA da Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Em 2021, a III Semana da EJA Rio teve como tema: "O legado Freireano para uma EJA emancipadora", celebrando o Centenário de Paulo Freire (1921-1997), cujo pensamento é uma das principais referências para a Educação

¹ Professora da rede pública do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro, onde atualmente atua como Gerente de Educação de Jovens e Adultos. Especialista em EJA pelo Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica em EJA – CESPEB-EJA/UFRJ.

² Professor da rede pública do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro, onde atualmente atua como Assistente I na Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA). Doutorando em Educação pela UERJ/FFP.

³ Professora de Ensino Fundamental (PEF) – Anos Finais de Geografia da rede pública do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro. Atuou como elemento de equipe da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA). Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2017).

de Jovens e Adultos no Brasil, e integrou o calendário de atividades do "Centenário Paulo Freire", promovido pela Secretaria Municipal de Educação, articuladas pela Escola de Formação Paulo Freire (EPF).

Para a III Semana da EJA Rio, a GEJA propôs uma dinâmica que se iniciava antes da semana propriamente dita. O ciclo formativo começou desde as escolas com convite aos(as) gestores(as), professores(as) e estudantes da EJA Rio para estudarem, debaterem, refletirem e problematizarem nas escolas a biografia e obra(s) de Paulo Freire. A partir daí, foram também convidados(as) a produzirem cartas simbólicas "dialogando" com o homenageado e expressando suas reflexões sobre: "como os referenciais Freireanos nos ajudam a ler o mundo e a transformá-lo?".


Durante cerca de um mês, essa proposta de estudo, diálogos e escrita foi desenvolvida

nas unidades escolares. Ao final desse processo, foi realizada a III Semana da EJA Rio, com o formato de mesas de diálogos, com professores(as) dessa rede de ensino e com convidados(as). As cartas escritas por estudantes e pelo corpo docente das escolas, junto com vídeos de estudantes lendo suas cartas, fizeram parte XXII ExpoEJA: "mostra cartas a Paulo Freire", cujo acervo foi publicado no portal da MultiRio, ficando disponível publicamente. A ExpoEJA é um encontro realizado anualmente para promover a mostra dos trabalhos produzidos por estudantes e professores(as) da EJA Rio. Foi integrada à Semana da EJA Rio em 2019.

Após a mostra foi realizada uma minuciosa curadoria para compor esse e-book. A curadoria foi muito difícil para nós pela quantidade de textos e pela tamanha sensibilidade e envolvimento com a proposta, que demonstravam. Infelizmente não seria possível incluir a todos pelos limites

da produção, mas temos aqui um produto simbólico da memória da III Semana da EJA. Além das cartas produzidas, essa coletânea traz também textos de docentes que narram o processo de estudo sobre Freire e de produção das cartas e outros textos de parceiros(as) convidados(as) apresentando "reflexões sobre a importância de Paulo Freire e seu legado para uma EJA emancipadora".

Esperamos que essa coletânea de textos seja inspiradora e nos ajude a enxergarmos a importância de dialogarmos sobre Freire, a importância de uma EJA que atue de modo reparador, qualificador e equalizador, e a importância de criarmos mais e mais espaços de diálogos em que circulem as palavras dos sujeitos que estudam e que lecionam na EJA, de forma democrática e emancipadora.



Prefácio

Renato Costa⁴

Sandra Sales⁵

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2022.

Prezados/as docentes, orientadores/as, estudantes e gestores/as da EJA Rio,

Que alegria ler um livro de cartas escritas a Paulo Freire por docentes, orientadores/as, gestores/as e estudantes de EJA!

Depois de ler um livro tão bonito como esse, um prefácio que introduzisse a leitura sobre o trabalho de vocês, não poderia ser escrito em outro gênero, senão uma carta. É com esse espírito que nos dirigimos,

⁴ Professor do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Doutor em Ciências Humanas - Educação (2018), pela PUC-Rio. Foi um dos fundadores do NEAd - Núcleo de Educação de Adultos da PUC-Rio (1998), onde atuou por 15 anos. Integra o GEPEJA - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu.

⁵ Professora do Instituto Multidisciplinar e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação de Jovens e Adultos. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007).

primeiro a vocês da EJA Rio, mas também aos leitores/as desse livro, com a intenção fazer valer aquilo que uma carta tem como função social que é de colocar em comunicação duas (ou mais) pessoas que estão distantes. A carta é uma conversa de quem não pode estar perto, mas quer muito dizer algo a outrem.

Como não estamos perto de vocês, usamos também esse gênero para que ele possa levar até vocês os sentimentos e as reflexões que as cartas de vocês nos causaram, sem esquecer a bela iniciativa da Gerência da Educação de Jovens e Adultos, a linda mobilização e o excelente trabalho de todos/as em cada uma das escolas da EJA Rio. E, para essa conversa, chamamos o próprio Paulo Freire que, com certeza, ficaria muito feliz em ler esse livro-carta que vocês produziram. Mesmo que hoje em dia os meios de comunicação tenham se modificado, ampliado e se modernizado mui-

to, todos eles descendem da boa e velha carta, escrita a mão com papel de seda, recheada de carinho, de amorosidade e também de racionalidade. Então, nada de mensagem rápida aqui! Nossa comunicação será como o próprio conteúdo desse livro, firme e atenta à realidade política que nos cerca, mas também carregada de sensibilidade e amorosidade, como bem nos ensinou Freire.

Paulo era um homem de cartas. Não são poucos os relatos que falam da relação dele com esse gênero textual. As cartas faziam parte do seu cotidiano e também da sua produção teórica. Paulo escrevia para se comunicar, para ajudar a pensar, para registrar o pensamento, mas sobretudo para fazer aquilo que ele nos ensinou de mais assertivo – para “dialogar”. Durante o tempo do exílio as cartas, para amigos e pessoas queridas eram como uma forma de trazer para perto as pessoas que tanto

amava. Através das cartas conversava sobre as questões que lhe acudiam a cabeça nas andanças pelo mundo e que povoavam suas inquietações sobre o tema da educação. E são muitas cartas, e muitos amigos/as e muitos diálogos feitos ao longo da sua vida. Havia também, em algumas ocasiões cartas especialmente direcionadas aos professores. Um exemplo disso é a carta publicada em 2001 na revista *Estudos Avançados* na qual discorria, desde uma perspectiva crítica, sobre as tensões entre ensinar e aprender⁶.

As cartas também estão presentes na sua obra. Muitos de seus livros são escritos como cartas, com recomendações a quem, como ele disse ele no livro *Professora Sim, tia não* (FREIRE, 1997), "ousa ensinar"⁷. Nesse livro ele escreve 10 cartas para dialogar

⁶ FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*. v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

⁷ FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olhos D'Água, 1997.

com professores/as sobre questões do cotidiano da sala de aula e de quem vive no dia a dia a tarefa de ensinar-aprender. São questões que vão desde a identidade do/a professor/a até a sua imersão nas lutas por reconhecimento e dignidade da profissão. Apesar de ser um grande teórico, reconhecido mundialmente pela originalidade de seu pensamento, Paulo nunca esteve distante desse diálogo permanente com quem estava na linha de frente das experiências educativas: os/as educadores/as e os/as educandos/as. Nesse sentido, as cartas de vocês fazem muito sentido na sequência desse ano comemorativo do seu centenário, pois se inspiraram no exemplo de Paulo. Por mais que ele não vá ler de fato, pois não está mais presente fisicamente entre nós, mas o diálogo, o pensamento crítico, a amorosidade, a leitura política da realidade do nosso tempo presente nas cartas de vocês, mantém vivo

o esforço de toda uma vida e o pensamento desse grande autor. O conteúdo desse livro escrito por vocês revela que a luta de Paulo Freire e todos os educadores dos movimentos de educação e cultura popular dos anos 1960, não foi em vão. Revelam também que esses ideais frequentam os espaços de educação pública e que a utopia da construção de um mundo mais justo para todos habita nossos corações e mentes.

Não podemos deixar de lembrar aqui uma característica marcante de Paulo Freire que era o profundo respeito que ele tinha ao trabalho dos professores/as. A atividade docente era algo que o instigava muito. Dizem que, na prefeitura de São Paulo, quando foi Secretário de Educação, ele costumava sair do escritório, abandonar um pouco a burocracia da função de Secretário e ir visitar as escolas. As visitas não

eram de supervisão ou de investigação da política municipal. Eram visitas para conversar com docentes e estudantes... Só isso: "conversar". Fazer o que Paulo sabia fazer de melhor: se relacionar, interagir, dialogar. Ouvir as pessoas.

As cartas de vocês cumprem o papel, de dizer a ele o que há de bom, de bonito nas escolas de EJA do município do Rio, mas também de dizer o que há de preocupante. Então, esse livro tem também uma outra função que é a de funcionar como um espelho. Estamos olhando para a frente, conversando com Freire, mas também olhando para nós mesmos e para a realidade que nos cerca em todas as 10 Coordenadorias Regionais de Educação. Em outras palavras, o livro olha especificamente para a EJA que temos na rede, seus desafios e suas conquistas.

Que esse livro possa, então, ser um objeto de estudo futuro e que possa provo-

car olhares outros sobre nossa vida, nossa realidade, nosso mundo e sobre a própria EJA. Dessa forma, convidamos a todos/as a fazer valer aquilo que o próprio Paulo um dia nos colocou como desafio humanizante, ou seja, "pronunciar" o mundo e a nossa realidade de outra maneira. Nas palavras do próprio Paulo: "... existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar." (Freire, 1987, p. 78)⁸. A releitura desse livro e dessas cartas vai, então, exigir de todos nós, estudantes, docentes, gestores/as e amigos/as da EJA Rio, um novo pronunciar sobre a realidade que nos cerca.

Para finalizar essa nossa carta queremos, ao estilo de Paulo chamar outro autor para nossa conversa e, com ele, fazer um exercício a que Paulo sempre nos provocava:

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

refletir sobre nosso contexto social e político e sobre a realidade contemporânea em que estamos inseridos. Em 1986, Bartolomeu Campos de Queirós escreveu um livro muito simples, mas ao mesmo tempo bastante forte⁹. O livro se chama "Correspondência" e nos ajuda a pensar sobre o processo de construção de uma "carta maior", uma carta que nos une a todos/as brasileiros/as: a constituição, a nossa carta maior. No livro o autor destaca várias palavras que, na opinião dele, precisamos sempre fazer acordar, como: "pátria", "trabalho", "justiça". Ele também fala de outras palavras que, na vida, precisamos fazer o esforço de colocá-las para dormir, como: "violência", "opressão", "fome". E, preocupado com a defesa da cidadania, o autor fala em várias palavras que precisam ser muito lembradas porque são fundamentos

⁹ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Correspondência*. Ilustrações Angela Lago. Belo Horizonte: Miguilim, 1986.

da nossa carta maior: "igualdade", "respeito", "escola". O conteúdo do livro do Bartolomeu Campos de Queirós, nunca esteve não atual. Nesse difícil tempo que o planeta atravessa, esse exercício de acordar e adormecer palavras precisa ser praticado cotidianamente.

Que a publicação desse livro-esperança produzido por vocês, carregado de tantos sentimentos, tanta sabedoria e tanta bondade, possa ser fonte de inspiração para docentes e estudantes da EJA Rio e também para nós, leitores/as de suas cartas. Que esse livro seja um exercício de acordar em nós sonhos e utopias comuns. O sonho de ver nascer um novo dia em que a educação seja o exercício pleno de criação, da autonomia, da liberdade, da emancipação... palavras que Freire nos ensinou a cultivar para que possamos nos lembrar todos os dias e deixar bem vivas no chão das escolas.

Parabéns pelo trabalho!

Um abraço com carinho e gratidão por essa
partilha,

Renato Pontes e Sandra Sales.





SEÇÃO 1

CARTAS A FREIRE
Curadoria das cartas
da ExpoEJA 2021

Gissele Ferreira

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Escrever essa carta é mais que uma homenagem ao seu centenário é um exercício de amor! É parar um minuto da rotina corrida para fazer um inventário afetivo da minha trajetória humana e dos caminhos que me fizeram professora.

Este inventário se faz necessário, pois depois de ler seus livros, ouvir suas entrevistas é impossível não pensar e repensar todas as experiências de vida, todas as experiências profissionais.

Início este inventário narrando a trajetória de meus pais que não conseguiram acessar a escola na idade regular. Meu pai, órfão de

mãe, estudou jovem. Minha mãe, não tinha escola no interior de Minas Gerais, que ensinasse mais que as primeiras letras para trabalhadores rurais. Estas duas pessoas poderiam não se importar com estudo, com conhecimento..., mas ao contrário fizeram todo esforço para colocar seus filhos na escola. Não cumpriram o papel legal do matricular, mas transmitiram amor, desejo e carinho pela educação, pelo espaço escolar e pelos professores.

Desse berço nasci e o amor pela tradição oral de conversar e compartilhar o que se sabe surge tão natural como a luz do dia! Mas até me tornar professora quantos professores, colegas, merendeiros, diretores me afetaram e impulsionaram na caminhada do conhecendo. Me formei no magistério! Mas me fiz professora no chão da sala de aula, com giz na mão, com diálogo franco, respeitoso e amoroso com meus alunos. E nos últimos dez anos atuo na EJA.

EJA é lugar de vida! Lá, suas palavras ressoam diariamente. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. "Viver essa dialética é "um ato de amor e de coragem. "E com muito ainda por dizer, encerro esta carta com as lições que aprendi com você, duas são mantras na profissão "a Alfabetização é mais, muito mais, do que ler e escrever. É a habilidade de ler o mundo! E uma vez que "a educação mudará as pessoas. As pessoas transformarão o mundo"!

O meu muito obrigado ao mestre Paulo Freire.

Gissele Ferreira.

Professor Orientador/ CIEP Henfil/ 1ªCRE.



Gilda Freire

Rio de Janeiro 19 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Venho por meio desta, parabenizá-lo pelo seu centenário. Sou sua seguidora, adoro ler seus livros, sei da sua luta pela educação, que você idealizou durante anos e não se concretizou. Eu também acho que a educação muda as pessoas, pois me transformou.

Eu tenho 49 anos e voltei a estudar depois de 20 anos. Eu nem consigo acreditar. Ainda estou no fundamental, mas a meta é fazer a faculdade para assistência social.

Tenho passado as madrugadas estudando. O silêncio me deixa mais concentrada, eu consigo aprender melhor. Comecei a estudar com muita vontade, mas nos últimos dias ando um pouco desanimada, como tenho muito apoio não vou desistir, tenho meta traçada.

Querido Paulo Freire, busco sempre dar o melhor de mim em tudo que faço, acredito que tudo que é feito com amor sempre fica muito bem-feito.

A escola onde estou estudando ainda não tem muitos alunos por causa da pandemia que estamos passando há um ano e sete meses.

As aulas ficaram de forma remota, só agora estamos voltando aos poucos. Sabe Paulo Freire, as coisas não foram fáceis, perdemos muitas pessoas e muitas ainda estão doentes com sequelas por causa da covid 19 (o novo coronavírus), O isolamento foi o que me motivou a voltar aos estudos, muito tempo em casa sem nada pra fazer - era a hora certa de voltar.

Paulo Freire eu tenho certeza de que se você estivesse aqui passando por essas experiências teria muitas coisas pra escrever e nos ensinar.

Estou no curso de formação de agente social e tenho aprendido bastante sobre vários assuntos ligados a política pública, confesso que no início fiquei indignada com algumas coisas que vi, mais nosso sistema é falho e comecei a perceber o quanto a educação é importante para que as pessoas busquem seus direitos.

A sua trajetória de vida é de grande inspiração, sou grata por essa oportunidade em poder compartilhar com você um pouco da minha história.

Um forte abraço.

Gilda Freire.

Aluna 152/ CIEP HENFIL/ 1ª CRE.



Dilclei Rezende Rocha

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Estimado educador Paulo Freire

Agradeço hoje, como aluno maior de idade, pela sua estima e sensibilidade como educador e desenvolvedor de uma das maiores atitudes e compaixão pelo ser humano, nos dando pela sua sensibilidade, dentro das dificuldades e diversidades enfrentadas hoje pelos que não tiveram oportunidade de quebrar preconceitos e romper barreiras para um mundo de conhecimento abrindo portas para o futuro como de um falcão preso numa gaiola, querendo voar para o mundo.

Obrigada pela sua sensibilidade, carinho e total integração social e humana para com o próximo.

Obrigada pela oportunidade de aprender e poder interagir com dignidade na sociedade.

Dilclei Rezende Rocha.

Turma 152, PEJA II-Bloco 1/ CIEP José

Pedro Varela/ 1ª CRE.



Kênia Cristina Mendes de Souza

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2021.

Caro Paulo Freire,

Venho por meio desta lhe agradecer, pelo fato de ter inventado um método de alfabetização ligado à vida cotidiana, usando a experiência dos alunos e do que eles conheciam. A partir disso você os ensinou a ler e escrever.

Assim, os menos favorecidos, com Educação e transformação social, puderam conhecer e reivindicar seus direitos. Com isso, você formou mais eleitores, já que quem era analfabeto não podia votar.

Você foi o brasileiro que mais recebeu título honoris causa pelo mundo; ao todo foi homenageado pelo menos em trinta e cinco universidades e em mais de trezentas e cinquenta escolas ao redor do mundo levam o seu nome.

Em minha escola, os professores usam o método que você ensinou para nos dar aula, estas são muito boas em criatividade, diálogos sobre nosso cotidiano, sobre nossas expectativas, futuro, oportunidades e incentivos. Com a sua pedagogia, a aula se torna bem alegre, um momento dedicado a mim.

Cada vez mais inserida na Educação, vou me sentindo pronta para seguir em frente, preparada para lutar pelos meus sonhos e objetivos.

Gratidão, Paulo Reglus Neves Freire, por mesmo falecido, fazer parte da vida de várias pessoas, incluindo a minha!

Kênia Cristina Mendes de Souza,
Estudante da turma 164/ Escola Municipal
Calouste Gulbenkian/ 1ª CRE



Samira Helen O. de Carvalho

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Reglus Neves Freire,

Venho, por meio desta carta, falar um pouco da minha história como estudante.

Nasci em um pequeno município do Rio de Janeiro. Comecei a estudar em uma pequena escola municipal, muito atrasada, com 11 anos de idade. Com muito esforço, em três meses, consegui aprender a ler e, após 6 meses de escola, já estava na minha formatura. Estudei nesse colégio até o 5º ano do ensino fundamental.

Eu era uma das melhores alunas da escola, mas infelizmente, optei por trocar de escola, pois comecei a sofrer bullying. Passei a estudar por apostila em outra escola e perdi o foco. Parei de estudar, troquei de escola novamente. Antes de completar o 6º ano, saí da escola, pois mudei de endereço.

Anos depois, em 2016, conheci a Escola Municipal Gonçalves Dias, consegui uma vaga, mas faltei muitas aulas por conta do meu trabalho. Antes do início da pandemia, em 2020, voltei a estudar. Mas, infelizmente, as aulas presenciais foram suspensas com a pandemia e não consegui utilizar o aplicativo de estudo, em casa. Felizmente, aos poucos, tudo está voltando ao normal... estou aqui na escola, novamente, para tentar terminar os meus estudos e alcançar o meu grande objetivo, que é fazer faculdade.

Peço lhe, humildemente, que o senhor, onde estiver, olhe por todos s estudantes e peça para papai do céu nos ajudar a alcançar os nossos objetivos, concluindo os nossos estudos com atenção, foco e aprendizado.

Um grande abraço,
Até a próxima carta,

Samira Helen O. de Carvalho.
Estudante/ turma 162/ Escola Municipal
Gonçalves Dias/ 1ª CRE.

Daniele Francisco de Araújo

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Sou Daniele, professora da Educação de Jovens e Adultos este ano na rede de educação municipal do Rio de Janeiro, mas já lecionei neste segmento em outro município. Minha história na educação começou quando eu era bem pequena, criança de 7 anos, alfabetizada, que queria alfabetizar a avó também. Então, todo final de semana lá ia eu com meus pais visitar a minha avó, levando uma mochila com cadernos, lápis e demais materiais para ela. Essa é uma das melhores lembranças que tenho da vida. Cresci, fiz graduação em pedagogia e atualmente sou professora em uma turma do segundo ano do ensino fundamental e em uma turma de jovens e adultos, ambos na prefeitura do Rio. Quero contar ao senhor que trabalhar no PEJA é muito

desafiador: ouço as histórias de vida dos meus alunos que me marcam e me ensinam muito. Sempre converso com eles e digo que eles têm muito mais a me ensinar do que eu a eles e que estamos numa troca de experiências do conhecimento, formal e informal.

Agradeço muito a contribuição do senhor, que foi um grande educador brasileiro e apesar de toda a conjuntura política, não desistiu de contribuir para a educação no país, sobretudo com a valorização do conhecimento de mundo das pessoas. Acredito e espero que esse conhecimento de mundo aliado ao conhecimento científico possa ajudar e incentivar a transformação social dos alunos, seus familiares, amigos e sociedade. Como o senhor mesmo dizia: "A educação não transforma o mundo. Educação transforma pessoas. Pessoas transformam o mundo". Que meus alunos possam ler

o mundo de forma crítica e possam ser agentes dessa transformação, para o bem social. Mais uma vez, obrigada.

Um abraço para o senhor.

Daniele Francisco de Araújo.
Professora/ Escola Municipal João de
Camargo/ 1ª CRE.



Maria Elenita de Oliveira

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2021.

Meu mestre querido,

Sinto uma alegria em poder lhe escrever.

Aprendi que, ao deixar o plano terreno, cada um de nós vai para um lugar diferente.

Como já disse e o senhor deve saber, vivemos tempos difíceis. Estamos cansados, não conseguimos respirar.

Como disse um sertanejo de Quixeramobim, município do Ceara : A peste chegou!

Diariamente vemos ofensas a sua pessoa e ao seu legado.

Embora tenhamos avançados nas duas últimas décadas, a verdade é que sentimos

as bases do nosso país continuam as mesmas. Assim como nos anos de 1960, os que detêm o poder falam e ameaçam os chamados de comunista. Dizem defender os valores da família.

A todo momento sinto raiva dos opressores falsamente generosos, que diante dos demitidos da vida honram em fazer caridade somente para alimentar o próprio ego. Estes em momento algum refletem em que os famintos, os que estão desabrigados são resultados de ordem injusta, que desumaniza, entorpece e cria abismos.

Recusam-se a entender que a massa miserável somente deixará de existir com educação de qualidade, criação de políticas públicas de inclusão social e racional e distribuição de renda.

Meu mestre querido, as coisas não estão fáceis! A nossa volta muita destruição. Ainda assim mantenho forte a esperança. Espe-

rança do verbo esperar. Como o senhor afirmou: Minha esperança é necessária, mas não o suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja. Precisamos da esperança crítica, como um peixe precisa da água despoluída.

Um abraço grato e eterno,

Maria Elenita de Oliveira
Estudante/ turma 152/ Escola Municipal
México/ 2ªCRE



Neide Costa dos Santos

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2021.

Estimado professor Paulo Freire,

Antes de mais nada, queria dizer que estou hoje estudando em uma turma da Educação de Jovens e Adultos, do CIEP Presidente Tancredo Neves, porque o senhor acreditou na educação e proporcionou a oportunidade e completar meus estudos.

Desde cedo tive que trabalhar para ajudar a sustentar minha família e acabei abandonando a escola. Fiquei sem chão, mas não teve jeito, infelizmente.

Meu nome é Neide e estou muito feliz em voltar a estudar, porque tenho 61 anos, e se não fosse sua preocupação, dedicação e respeito à dignidade dos menos favorecidos, como eu, hoje não conseguiria me formar aqui e seguir para fazer

o Curso de Assistente Social, o mais breve possível.

Sua escuta cuidadosa e atenta aos problemas da educação proporcionou dignidade ao meu silêncio e força à minha voz para lutar e ajudar o próximo depois de formada.

Minha família, como contei, não teve condições de pagar colégios caros e, desde pequena, tive que trabalhar duro deixando guardado meu sonho de estudar, quando era mais nova. Mas, agora, vou realizar! Obrigada de coração!

Li, em uma de suas citações, que "a inquietação e a curiosidade movem o ser humano a realizar o que acredita". E, tendo o senhor como exemplo de vida, sigo meu caminho.

Assim, com muito respeito, agradeço tudo o que fez e deixou como conquista para que meu sonho não ficasse mais guardado e se torne real.

Receba um abraço com muito carinho, onde quer que esteja, porque em breve, na próxima carta, compartilharei meu sucesso.

Neide Costa dos Santos.
Estudante/ CIEP Presidente Tancredo
Neves/ 2ª CRE.



Larissa Berto Braga

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021.

Professor Paulo Freire,

Me chamo Larissa Berto Braga, tenho 17 anos e atualmente estudo na Escola Especial Municipal Francisco de Castro, no PEJA. Antes, eu estudava na Escola Equador, fazia o 7º ano, porém fiquei reprovada por falta de atenção às explicações... Atualmente, estou correndo atrás do meu objetivo.

Durante essa turbulência toda, a pandemia dificultou muito minha rotina escolar, praticamente ficamos um ano inteiro sem aulas presenciais e com isso muitas pessoas deixaram de estudar. Por ser bastante desatenta em certos momentos escolares, acabo tendo muitas dificuldades, tenho déficit de atenção, é bem comum, mas atrapalha em muitas coisas porque te leva a um mundo completamente imaginário e te tira o foco.

Na escola, ouvimos que o senhor nasceu em Pernambuco. O mais importante foi que o senhor alfabetizou adultos baseando-se no cotidiano do trabalhador, o senhor foi considerado subversivo pelo governo militar e ficou exilado.

Durante as reportagens que vimos, fiquei pensando nos meus pais. Eles trabalham com carteira assinada no Clube de Regatas Vasco da Gama. Meu pai fez o ensino fundamental até a metade, parou de estudar no 6º ano e continuou trabalhando até conseguir um emprego mais seguro. Minha mãe fez o ensino médio completo e seguiu trabalhando em lugares que não eram de carteira assinada. Ela fez alguns meses de faculdade, porém, assim que eu nasci, largou o que a preparava para um futuro melhor e foi buscar um trabalho com carteira assinada junto com meu pai. Atualmente, eu tenho mil pensamentos e metas para meu futuro, muitos sonhos a realizar, dese-

jo ir atrás da minha tão esperada profissão.
Aprendi que ainda há esperança e que não
podemos desistir.

Parabéns pelo aniversário.

Larissa Berto Braga
Estudante/ E.E.M. Francisco de
Castro/ Turma 161 (Professora: Roberta
Nascimento)



Ariana Cardoso

Rio de Janeiro, 28 de abril de 2021.

Ao querido Paulo Freire,
Vamos Esperançar?

Parece que foi ontem que tomei conhecimento de suas obras grandiosas, de valor incalculável e de saberes incontestáveis. Acabara de sair da Universidade, ainda sem experiência, é verdade, mas com valores e sentimentos que encontraria em seus livros e com os quais me identificaria.

Pedagogia do Oprimido foi o primeiro. Sinto-me oprimida e ilhada diante de tanto descaso com a Educação, com a Educação de Jovens e Adultos da qual faço parte como professora. É tão dura a sua ausência, porém me conforto em ler e beber de suas belas e profundas palavras em cada página que manuseio.

Pedagogia da Autonomia traz-me força e determinação, acalanta meu coração e diz para mim "Vá, você está certa"! E vou!!!! Sabe, Paulo, sou corajosa e muito sonhadora como deve ser a Educação, jamais desistir ou fugir dos mistérios dos novos conhecimentos e das aprendizagens, das trocas diárias com os alunos.

Pedagogia da Esperança é utopia ou realidade? É alquimia? Para mim, é bálsamo, é meu pulmão cheio de ar saudável, meu sorriso infantil, olhos reluzentes e a alma Esperançando de amor por acreditar na Educação como caminho seguro e promissor de uma nação, mesmo que essa nação esteja mergulhada na corrupção e no descalabro do governo. Porque meu peito infla quando me lembro da minha escolha pelo magistério. Sem dúvida, a melhor escolha!

Paulo, hoje, os dias são longos e sombrios. Estudo remoto por causa da pandemia que parece interminável, falta de estrutu-

ra escolar, alunos sem acesso à internet, sem trabalho e sem alimento, um caos. Mas os professores resistem e persistem como guerreiros em uma arena jogados aos leões. Estamos dilacerados, agonizando como pessoas em UTIs por causa da Covid-19, com ventilação mecânica e traqueostomizados. Que sensação horrível! Que luta!

Aí, fecho os olhos e volto à sala de aula, a minha amada sala de aula e repito para mim mesma que a escola é um lugar seguro, de descobertas e vivências múltiplas. Reconheço o seu valor, agora, mais intenso e fértil como terra adubada, originando frutos e flores com raízes profundas, que geram energia do conhecimento hoje e sempre.

Sabe, mestre, lembrá-lo é trazer um tempo sem retorno, contudo, é não deixar apagar a esperança da dignidade, do respeito e da empatia. Saber que toda a sua obra

literária é imortal para quem deseja e busca uma Educação de verdade, sem preconceito, reconhecendo os saberes individuais, independente da escolaridade de cada um.

ESPERANÇAR É MEU DESTINO!

ESPERANÇAR É MINHA CAMINHADA!

ESPERANÇAR NÃO É ESPERAR,

ESPERANÇAR É LUTAR!

ESPERANÇA PRESENTE, SEMPRE!

Ao mestre com carinho eterno,

Ariana Cardoso.

Professora/ Escola Municipal Dr. Cocio

Barcellos/ 2ª CRE.



Renata Ramos Sader

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Querido Professor Paulo Freire,

Quanta saudade de ti, Mestre! Dos seus ensinamentos, da sua garra, da sua forma de encaminhar as mais diferentes situações e levar-nos a aprender sempre.

Tem sido tão mágico comemorar o seu centenário... reviver entrevistas, assistir a documentários, reler suas obras, participar de debates e tantas outras interações. Suas perspectivas continuam alimentando a minha prática.

Compartilhar a sua história com os meus alunos foi uma experiência tão rica, tão produtiva... Ouvei relatos, desabaços e aspirações. Senti que, de certa forma, experimentaram ainda mais o "empoderamento".

É claro que todos os estudantes passaram a integrar o imenso número de pessoas que o admiram e sentem uma imensa gratidão.

Gostaria de lhe fazer um pedido: continue a nos inspirar e ajude-nos a percorrer os caminhos na Educação, a vencer os desafios que temos hoje.

Nossa conexão é tão grande que, antes de finalizar essa carta, preciso pedir-lhe a bênção.

Continuemos conectados sempre,

Renata Ramos Sader.

Professora da Turma 191/ Escola Municipal

Professor Lourenço Filho/ 2ª CRE.



Roberta de Almeida Delgado

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Gostaria muito de agradecer por toda a sua contribuição para educação brasileira.

A sua obra nos permitiu reconhecer a importância de olharmos para o aluno de forma complementar, onde todos são sujeitos ativos do conhecimento. Todos aprendemos juntos e nos complementamos!

Ensinar exige respeito a todos os saberes, pois todo mundo é capaz de trazer consigo uma diversidade de experiências que só enriquecem as relações.

Sinto muito que o senhor não esteja sendo valorizado tanto quanto merece, pois vivemos tempos difíceis. Muitos falam de ti sem se quer conhecer todo o seu legado. Pouca coisa mudou desde que você se foi, as desigualdades continuam e as oportunidades não são as mesmas para todos. Mas um dia com perseverança conseguiremos construir uma sociedade mais igualitária como tanto desejou.

Tenho certeza que através da educação poderemos ampliar o direito pleno de todo o cidadão.

Olhando para a sua trajetória dá vontade de correr para a sala de aula e partilhar tudo o que deixou para nós na esperança de fazer a diferença e construir um Brasil de oportunidades, de pessoas capazes de se reconhecerem como agente integrante de uma sociedade.

Termino com aquela esperança não a do verbo esperar e sim do verbo esperarçar que é a confiança que algo bom ainda há de acontecer e que trabalharemos incansavelmente por isso!

Roberta de Almeida Delgado.
Professora Orientadora/ Escola Municipal
Eurico Salles/ 3ª CRE.



Carmem Lucia de Matta Mello

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021

Prezado Paulo Freire,


Senhor Paulo Freire, estou muito feliz por estar escrevendo estou muito feliz por estar escrevendo para o senhor, sou muito grata por suas ações sobre o ensino no Brasil.

Eu tive muitos desafios na minha vida, parei de estudar muito cedo, para trabalhar e cuidar dos meus irmãos menores. Com as minhas experiências de vida percebi que havia a necessidade de voltar a estudar. No ano de 2019 reiniciei meus estudos com 52 anos.

Agradeço ao senhor por revolucionar a educação para os adultos. Nos dando uma segunda chance de obter conhecimentos.

Em breve lhe escreverei novamente...

Carmem Lucia de Matta Mello
Estudante, turma 191, E.M. Pace, 3a CRE



Amanda Nogueira e Isabel Torres

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

É com uma alegria imensa que comemoramos seu centenário com muita festa em nossa escola. Assumimos, assim como você, a missão de apresentar aos alunos um mundo diferente, um mundo de diálogo, um mundo em que eles estejam, de fato, inseridos, mas a missão tem sido árdua, contudo, seguimos firmes.

Nunca imaginamos que não estar em sala seria uma missão de fazer a sala de aula se tornar viva aos nossos alunos. Você, como diretor da nossa missão de educar, nos inspira, como diretoras para dar alma às salas cheias de vidas que nos pedem por tanto auxílio, por tanta ajuda.

Sempre nos perguntamos o que fez você se apaixonar pela educação. Nós duas en-

contramos essa resposta no olhar de cada criança que anseia pelo que não têm, na mão sofrida dos pais que buscam soluções, nos jovens e adultos que muito nos ensinam. Encontramos neles a sua força tão inovadora, comprometida e certa de mudanças.

Ficamos nos perguntando se conseguiríamos dirigir uma escola sem sua empatia. Empatia essa que não se limita apenas à ideia de simpatia. Mas, se conceitua em fazer o pensamento de tantos mudarem para uma, ainda inocente utopia de harmonia social.

Ficamos imaginando se conhecesse nossa patrona Isabel Mendes, qual seria a conversa dos dois. Como vocês se parecem!

Ficariam horas imaginando projetos de como salvar seus filhos pedagógicos. No fim, dar-se-iam as mãos e se cumprimentariam com um sorriso leve de quem sabe que a luta persistirá.

Então, dê-nos força porque, por vocês, não desistiremos e continuaremos na perseverança de quem sonha.

Um abraço admiradas, Amanda Nogueira e Isabel Torres.

Amanda Nogueira e Isabel Torres.
Diretoras da E.M. Isabel Mendes/ 3ª CRE.



Lariane Cordeiro da Silva

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Olá! Senhor Paulo Freire,

Me chamo Lariane e tenho 29 anos. Já tenho ouvido falar do seu nome, mas não sabia nada a seu respeito. Ao retomar os estudos, tive essa oportunidade na escola.

Vou lhe contar um pouco sobre mim, de como larguei meus estudos e de como retomei.

Quando eu tinha 14 anos, tive problemas familiares e tive que sair de casa. Até os meus 17 anos ainda estudava, mas as coisas foram ficando difíceis e eu tive que escolher entre trabalhar e estudar. Tive que decidir pelo trabalho porque eu morava só e os familiares que me ajudavam não puderam mais. E assim fiquei fora da escola até os 29 anos.

Meu sonho sempre foi terminar meus estudos e nesse ano de 2021 tomei iniciativa de me matricular na escola para realizá-lo. Ainda não sei que carreira profissional seguir, mas o primeiro passo eu dei e sei que aqui eu não vou parar!

Senhor Paulo Freire, obrigada por sua luta, por seu ensino e por toda a sua história de vida.

Lariane Cordeiro da Silva.

Estudante/ PEJA II-bloco 2/ turma 162/
Escola Municipal Thomas Mann/ 3ª CRE.



Jorge Henrique

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2021.

Saudoso Paulo Freire,

É com grande alegria, que venho por meio desta, lhe agradecer e parabenizar por seu grande feito para uma enorme melhoria do método de ensino.

Hoje, após 100 anos da sua partida, tive o privilégio de ouvir um pouco sobre sua história e sua grande importância para o ensino, principalmente dos jovens e adultos. Agradeço por ter dedicado parte dos seus 76 anos buscando formas de como incluir pessoas de idade, fora da idade escolar em um grupo que, com a ajuda e incentivo dos estudos, o senhor ajudou a buscar por um futuro melhor.

Fiquei também muito impressionado com o fato de que, com apenas 40 horas de

aula, tenha conseguido alfabetizar toda uma cidade no ano de 1963.

Graças a sua grande e geniosa ideia de abrir um universo de diálogo e oportunidades dos estudantes se expressarem trazendo seu cotidiano para dentro das salas de aula.

Hoje, temos uma forma de ensino mais humana, mais justa e muito mais incentivadora.

Obrigado por tudo,

Jorge Henrique.

Turma 161/ E.M. Isabel Mendes/ 3ª CRE.



Vitória

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Quero agradecer a você, porque transformou em redondo o que era quadrado e desenquadrado o que antes era enquadrado. Meu querido Paulo, bom que você nos ensinou a não pensar enquadrado.

Um abraço e até a próxima carta

Vitória,
CEJA Maré 4ª CRE



Fábio Emídio dos Santos

Rio de Janeiro. 28 de outubro de 2021.

Querido mestre Paulo Freire,

É com grande satisfação que escrevo ao senhor. Em toda a minha vida, nunca imaginei tal proeza. Havia deixado a muito tempo está vida estudantil. Perdoe-me! Não conseguia entender toda a generosidade de saber ler este mundo.

Fui apresentado quando menino, a uma educação onde o professor era um ser quase onipotente, e nós, meros receptáculos de toda aquela sapiência. Isso me chateava um pouco. Não quero justificar a minha ausência, não é isso, meu grande educador. Pela minha falta de entendimento ao que me era passada, achei que este mundo seria inútil para mim. Definitivamente não compreendia o que me era ensinado. Desculpe-me pela minha falta de jeito.

Esta carta que lhe escrevo, é apenas para agradecer o seu empenho em mudar o jeito que a educação era ensinada. Influenciador de uma pedagogia crítica, que agora se faz crescente. Graças ao senhor, hoje vejo que para interpretar, criar e fazer um mundo melhor devemos entendê-lo. Tudo ao nosso redor é transmitido. Com isso o aprendizado se faz presente.

Mestre, as coisas na educação não andam muito bem, mas sei que com a sua metodologia, vamos sim construir um país melhor. Nós faremos melhores.

Desde já agradeço sua atenção, com grande satisfação, o saúdo, Fábio.

Fábio Emídio dos Santos.
Estudante/ Turma 152/ Escola Municipal
Brasil/ 4ª CRE.



Mayara Neres Matos

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Esta carta que hoje lhe escrevo é de agradecimento. Nestes tempos difíceis, encontrar em sua trajetória filosófica e poética pílulas motivacionais é mesmo um "ato de coragem". A educação que vivenciamos em nossas práticas pedagógicas é mel que adoça as agruras de desgovernos e descasos com a nossa sala de aula.

Nós, professores, ainda permanecemos sendo motivados por nossa curiosidade e essa inquietude pulsa em nosso cotidiano, porque permanecemos lutando com nossas forças para seduzir nossos educandos, ainda que todo o cenário social esteja na contramão deste caminho. Por diversos momentos, nós nos sentimos sozinhos, de-

sestimulados e também oprimidos. Aprendemos com sua obra que o processo educacional, para ser satisfatório, precisa ser libertador, mas, paradoxalmente, não nos sentimos livres, tampouco suficientemente capazes de estimular o aluno e transformá-lo em um ser livre.

Permanecemos sendo motivados por bases ideológicas inclusivas, que inserem nossos educandos no mundo, afinal, sabemos que a escola é onde encontramos ressignificação para tudo aquilo o que exclui e segrega. Somos, portanto, professor, corajosos, dispostos e amamos nossa sala de aula todos os dias.

É um alento suas palavras, como disse. Apaziguadoras, elas nos motivam e nos impulsionam ainda hoje. Impulsionados, nós respondemos ao que exclui de forma amorosa e sensível. O amor motiva e incomo-

da. Essa é a nossa resposta àqueles que insistem em nos calar e a segregar nossos alunos. Não nos calarão, porque o amor nos move e a coragem é um ato de amor.

Abraço fraterno, companheiro.

Com amor e coragem,

Mayara Neres Matos.

Professora/ Escola Municipal Berlim/4ª

CRE.



Gabrielle C Brandão

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Me chamo Gabrielle C Brandão e hoje, aos 34 anos, me sinto uma pessoa melhor só em poder estar em uma sala de aula. Fiquei 17 anos sem estudar e hoje me sinto honrada, digna e respeitada. A cada dia tenho mais vontade de terminar os estudos. Hoje, estou no oitavo ano e sonho em fazer faculdade. Cada vez que lembro de ti, mas vontade tenho de estudar, vencer e vencer.

Obrigada Paulo Freire pela oportunidade do estudo. Você foi e é um ser indiscutível e fantástico. O humano mais humano que já pude ouvir, ver e falar.

Obrigada, Mestre!

Um abraço,

Gabrielle C Brandão.

Estudante/ turma 161/ E. M. Herbert

Moses/ 4ª CRE.

Rosangela Mariano

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2021.

Querido Mestre Paulo Freire,

Sou uma professora da rede pública de ensino e iniciei minha trajetória profissional no final da década de 80. Assim, tive o privilégio de sofrer influência de suas ideias. Li várias de suas obras e pude compreender, desde cedo, a importância do meu papel na vida de meus alunos. Tive sorte! Quando terminei Pedagogia do Oprimido entendi que por meio da educação podemos ampliar o direito à cidadania aos que ainda não podem exercê-la. E procurei fazer de minha sala de aula um ambiente propício à aprendizagem e a partilha. Nunca vi meus alunos como "caixas" nas quais eu deveria fazer depósitos de conteúdo. Ao contrário, compartilhava o meu saber e aprendia com as experiências que meus alunos tra-

ziam para nossas aulas. Tenho certeza de que várias vezes falhei, mas querido mestre sempre busquei implementar uma pedagogia humanista e libertadora.

Atualmente atuo como gestora de uma escola pública e procuro contagiar os professores com o seu modo de pensar Educação! Meu mestre querido, gostaria de lhe dizer que nesses últimos anos avançamos muito em direção à sociedade idealizada e sonhada por você, mas infelizmente estamos passando por um momento muito difícil na Educação brasileira. Estamos enfrentando uma Pandemia mundial que privou, durante meses, nossos alunos do convívio escolar. Assim, causando danos à aprendizagem deles e obrigando a sociedade como um todo refletir sobre maneiras de minimizar tais danos. Responsáveis e professores precisaram se adaptar

a essa nova realidade. Ainda assim, meu Mestre mantenho a esperança! Esperança do verbo "esperançar" como o senhor sempre falou.

Um abraço terno, Rosângela Mariano.

Rosangela Mariano.
Diretora/ Escola Municipal Miguel
Gustavo/ 4ª CRE.



Antônio Marcos Araújo Medeiros

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Ao Mestre Percursor Paulo Freire,

Essas linhas são poucas para eu descrever o mestre Pai da metodologia do regresso de adultos a sala de aula.

Querido Paulo Freire, outro igual a você não há, hoje você foi me apresentado o seu trabalho de uma forma impecável.

Paulo Freire, mestre do conhecimento, você é minha inspiração. Essa carta é uma forma de retribuir a você tudo que fez pela educação! Você é uma grande referência para seus colegas de profissão.

Você entrou em minha vida para ficar, é como uma espécie de portal para o conhecimento, me libertou das correntes da ignorância impostas pelos senhores do casarão.

Sua trajetória é de arrepiar, emocionar e se orgulhar de cada momento de sua magnifi-

ca história, onde se mostrou empenhado na carreira profissional que escolheu com tanto amor. Em momento algum esmoreceu e continuou semeando seus conhecimentos de forma avassaladora fora do Brasil e é legado que deixou, que é sempre investir e buscar conhecimentos. E firmo com minhas palavras, vou escrever minha história assim como você encontrou a sua fórmula, quero dar continuidade e pretendo concluir os meus estudos. É uma forma de retribuir a você tudo o que fez pela educação.

Paulo Freire, você está vivo dentro de mim. Se hoje eu estou em sala de aula, você tem uma grande parcela de contribuição!

Infelizmente você não recebeu o valor merecido por parte de alguns brasileiros, mas isso partiu da minoria, e eu faço parte da maioria que te aplaude de pé e se orgulha muito de ter você como um grande mestre, um mago da educação!

Vou me dedicar ao máximo para ser um grande profissional como você, abraçar com amor e dedicação a carreira escolhida. Isso sim é a fórmula para a vitória e um grande exemplo para a população! Sou muito grato a professora Luciene do Peja, que semeou a sementinha do conhecimento e como referência citou você.

Antônio Marcos Araújo Medeiros.
Estudante/ turma 152/ Escola Municipal
Suíça/ 4ª CRE.



Kauany da Paz Larche Gouvêa

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

O senhor me proporcionou diversos ensinamentos que me ajudaram a ser uma pessoa melhor e mais coerente. O senhor me passou o ensinamento de ouvir as pessoas, a forma de analisar e criticar as situações que me fizeram entender um pouco mais sobre os ensinamentos humanos e a ser um pouco mais crítica. Através de seus ensinamentos, surgiram pensamentos inteligentes e sensatos. Gostaria de saber como o senhor se tornou um homem sábio e com princípios, que a meu ver, são extremamente corretos e sinceros. Utilizando uma inteligência emocional, o se-

nhor ganhou um grande reconhecimento e influência que mudaram a vida de muitas pessoas, promovendo sabedoria e dando à luz de ensinar de uma forma diferente e que garante um fácil aprendizado. Me orgulho de seus feitos como ser humano e de seu respeito às pessoas. Acho que a maioria das críticas e palavras de baixo nível direcionadas ao senhor são desnecessárias. Hoje em dia, o mundo está menos opressor e mais equilibrado e grande parte disso graças as suas palavras e a sua luta.

O senhor ensinou que as pessoas devem estudar, adquirir conhecimento para que não sejam manipuladas nem escravizadas. O diálogo e a troca de experiências abre a mentalidade e ampliam a visão de mundo e que nunca devemos desistir dos nossos sonhos.

Para encerrar esta carta preciso dizer que sou grata a ti por ser um exemplo de ser humano. Foste um grande educador para

o povo brasileiro. O Senhor tirou muitas pessoas da escuridão, da cegueira que é o analfabetismo.

Até a próxima carta, Paulo Freire!

Kauany da Paz Larche Gouvêa.
Estudante do PEJA II-Bloco 2/ Escola
Municipal Albert Sabin/ 5ª CRE.



Ronaldo Vieira de Brito

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021.

Ilmo. Sr. Paulo Freire,

Em primeiro lugar, gostaria de parabenizá-lo por este centenário, mediante o qual muito se fala na educação, tendo críticas e elogios ao seu redor.

Para muitos, sua visão da educação e da sociedade é subversiva. Para outros, é a verdadeira luz para as classes tão desprovidas de oportunidades na vida.

Ao conhecer suas histórias e o método desenvolvido para educar jovens e adultos da época, não pude deixar de perceber que sua metodologia se aplica facilmente aos dias atuais. Parte da população continua analfabeta, seja porque não tem condições de estudar quando é preciso como eu, que tive essa oportunidade agora, seja como aqueles que mesmo conhecendo a leitura

e a escrita, não conseguem compreender a realidade em que vivem e, por este motivo, se guiam pelas palavras bonitas e rebuscadas daqueles que julgam saber mais do que qualquer um.

Ensinar a ler e escrever é uma missão que muitos abraçam, mesmo não tendo valor, mas ensinar a pensar é uma façanha para poucos e estes se tornam inimigos da sociedade, pois seres pensantes não são fáceis de manipular.

Como seria bom ter uma educação para todos de qualidade, de preferência pública, onde o nível de desigualdade fosse quase nulo e haveria menos sofrimento. Certamente teríamos um mundo melhor.

A realidade e a dureza da vida de muitos como eu são a verdadeira escola da vida e como é bom saber que profissionais da educação continuam a seguir a sua visão e colocar em prática sua metodologia.

Termino estas linhas agradecendo a oportunidade de poder estar aqui lendo e escrevendo, graças a todos os que acreditam que a educação é a única ferramenta para mudar a vida de um cidadão.

Com gratidão, Ronaldo.

Ronaldo Vieira de Brito.

Estudante/ turma 162/ Escola Municipal

Irã/ 5ª CRE



Elaine Maria Simões

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Oi, Paulo... td bem?

Olha, eu gostaria de trazer boas notícias; se bem q, daí, vc pode acompanhar- e lamentar- os rumos q a humanidade segue.

Continuamos oprimidos.

E talvez mais do q nunca precisemos encarar a educação como mudança e esperança.

Eh o q nos resta.

As mazelas sociais são tremendas e, acredite, ainda querem cercear nosso pensamento. Falam até mal de vc!

Isso até nos dói o peito.

Saiba q não nos calamos e registramos nas redes sociais quem foi vc e sua importância para a educação.

Trabalho com o Peja, numa escola da zona

norte do Rio de Janeiro. Meus alunos ouvem e creem numa vida melhor a partir do estudo, para q um dia não se deixem oprimir tanto, e possam reivindicar através do pensamento crítico condições melhores de vida.

Tá td tão louco por aqui!

Uma pandemia tomou conta do mundo. Perdemos pessoas queridas e empregos, a condição do brasileiro só piora diante do caos político-social q vivenciamos.

Mas como vc ensinou, seguimos na luta, vamos plantando sementinhas, ajudando a construir sonhos, ideias e ideais. Nossa sala de aula é um ambiente onde nos colocamos inteiros e vemos brotar – em nós e neles – momentos sublimes na máxima da Troca. E você tinha razão aprendo tanto a cada dia...

Bom, vou ficando por aqui... pretendo descansar. A luta é diária e cansa, sabe? Sim... sei q sabe. Rsrs

Renovar as forças é preciso, p seguirmos o projeto de melhorar o mundo através de pessoas melhores. Autônomas, críticas, conscientes, letradas, cheias de esperança e capazes de mudança.

Um beijo ...

Uma professora e fã.

Elaine Maria Simões.

Professora de Língua Portuguesa/ Escola
Municipal Irã/ 5ª CRE.



Raquel Augusta Barbosa

Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2021.

Querido amigo Paulo,

Gostaria de compartilhar com você a quão grata eu sou pela sua existência, por você fazer a diferença na minha vida de forma produtiva, porque hoje eu me vejo como uma pessoa mais desenvolvida em relação ao ensino. Você deu importância para minha forma de aprender, fazendo com que eu veja o estudo como algo bom e prazeroso e não como um castigo e obrigação, e isso é claro me incentivando a estudar e me tornar uma pessoa melhor. Isso me faz sentir que eu sou uma cidadã como todos, e faz com que eu volte a sonhar, abrindo a minha mente e me mostrando que através dos estudos eu sou capaz de mudar uma realidade. Sou grata por todos os seus projetos, e hoje tenho interesse em ler mais através dos seus incentivos e livros de co-

nhecimentos que me dá a liberdade de conhecimento e se hoje eu sou uma pessoa que pensa no futuro, eu agradeço a você.

Querido amigo, quero que saiba que a sua passagem em minha vida não foi em vão, porque para mim, que não tinha perspectiva de vida e hoje através do conhecimento estou estudando, dando continuidade ao término do Ensino Fundamental e já penso em cursar uma faculdade e conseguir mudar toda a realidade da minha família bem como incentivar e ajudar muitos jovens, graças em primeiro lugar à Deus e a você que veio para fazer a diferença de toda uma realidade.

Um abraço,

Raquel Augusta Barbosa.

Aluna da turma 162/ E.M. Ministro Edgard
Romero/ 5ªCRE.



Professores da EJA I e II/ E. M. Evangelina Duarte Batista/ 5ª CRE.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2021

Querido Mestre Paulo Freire,

Esse ano comemoramos o seu centenário. Que legado o senhor nos deixou, hein? Quanta sabedoria, generosidade e amor há em suas obras. Os professores da nossa escola nos mostraram e falaram sobre as suas ideias e métodos de ensinar, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da sua vida e obra, e saber o quanto eles aprendem com os seus ensinamento e exemplos. Até organizaram um café literário em sua homenagem. Ficamos encantados com a sua sensibilidade e seu método de ensinar.

Infelizmente, não trago boas notícias daqui. Tem sido tempos difíceis no Brasil e no mundo. Estamos há mais de um ano enfrentando uma pandemia onde o distancia-

mento social é uma das formas de evitar o contágio. O senhor acredita que ficamos mais de um ano sem ir à escola? Pois é, não foi possível colocar em prática o que foi dito em seu poema "A escola". Não conseguimos criar laços de amizade, camaradagem e nem conviver com os amigos. A escola não estava cheia de gente. Tivemos que estudar isoladamente os conteúdos através de um computador e celular. Imagine, nós que lutamos no dia a dia para sobreviver com o mínimo, tendo que usar equipamentos caros.

Apesar dos avanços que tivemos nas últimas décadas, continuamos com os mesmos problemas enfrentados pelo senhor. Aquela sua frase que diz que as classes dominantes não desejam que as classes dominadas tenham uma educação libertadora continua atual. Os investimentos para área da educação continuam escassos. Que contradição, não é mesmo? Um

país que tem um educador mundialmente conhecido como senhor, mas que não valoriza a educação.

Fiquei sabendo que o senhor teve que ser exilado em 1964 por causa de acusações infundadas. Acredita que essas acusações ainda permanecem? Há muitas informações falsas circulando por aqui, porém a maioria dos brasileiros reconhece o seu valor. Deixa essas pessoas que falam mal do senhor pra lá. Elas nunca leram um livro seu mesmo, por isso falam tanta besteira.

Não fique chateado ou decepcionado com a gente, por favor! Há muitas pessoas que se fortalecem e aprendem com as suas obras. Seus ensinamentos jamais serão esquecidos. Nós temos muito orgulho do senhor. Sinto muito de não o ter conhecido pessoalmente, mas me encantei com o pouco que aprendi. Entendi a importância do conhecimento e a valorizar a troca de saberes, afinal ninguém sabe mais que nin-

guém. Aprendemos constantemente com os outros como o senhor mesmo disse. Espero ter boas notícias na próxima carta!

Um abraço!

Professores da EJA I e II/ E. M. Evangelina
Duarte Batista/ 5ª CRE.



Pedro Lucas Vieira

Rio de Janeiro, 07 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Muito obrigado por ter transformado a educação e por ter ajudado o povo que se atrasou na escola ou na faculdade. Obrigado por incentivar o trabalhador a lutar e por ter lutado pela sociedade pobre fazendo com que nós acreditássemos que a base de um mundo melhor é a educação.

Um abraço com agradecimento e um ótimo dia,

Pedro Lucas Vieira
Aluno da turma 163,
06.22.006 Escola Municipal Antenor
Nascentes, 6º CRE

Márcia Pereira de Azevedo Muniz

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Venho por meio desta singela carta, agradecer-lo pelo legado deixado para a educação: a democracia.

Como docente na EJA, em minha prática diária, busco, em suas obras, os fundamentos do diálogo, visando à igualdade social. Por este motivo, preciso te dizer que suas ideias permanecem válidas, pois, além da democracia, precisamos exercer ainda mais a cidadania, como também, lutar pela justiça social.

Freire, atualmente, tem sido desafiador conscientizar os educandos em meio ao discurso do ódio, da mentira e do negacionismo. Porém, procuro seguir teus conselhos, permitindo sempre que o amor prevaleça, crescendo a cada aula ministra-

da, propondo reflexão, aprendendo e ensinando, sendo coerente com a liberdade, empenhando-me para que os educandos sejam ativos e participativos, exercendo deveres e usufruindo direitos.

Meu querido amigo, minha experiência tem sido a de constituir um processo educacional dinâmico, em que o educador e o educando aprendem juntos, priorizo, assim, o diálogo e incentivo às trocas de experiências.

Desta maneira, tenho seguido o caminho, propondo uma educação crítica que está sempre à disposição da transformação social. Por isso, mais uma vez, agradeço suas contribuições. Obrigada Mestre!

Um grande abraço meu querido e eterno Educador, até a próxima carta!

Márcia Pereira de Azevedo Muniz.
Professora/ Escola Municipal
Comandante Arnaldo Varella/ 06ª CRE.

Gabriel Trajano Ferreira

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Querido mestre Paulo Freire,

Você foi uma pessoa que lutou pela cidadania e hoje, graças a você, tenho a oportunidade de estudar. Com os estudos hoje em dia, conseguimos oportunidade de ter empregos bons e dar uma vida melhor para os nossos filhos.

Nas salas de aula, com diálogo e parceria aprendemos que "ensinar não é transferir conhecimento, mas, criar as possibilidades para a sua produção ou construção e quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina a aprender". Essa foi umas das frases que você deixou de exemplo e eu gostei muito.

Agradeço pela sua luta na Educação de Jovens e Adultos, pela sua esperança de

nos dar um ensino de qualidade. Sinto um imenso prazer em lhe escrever. Obrigado!

Até a próxima carta...

Gabriel Trajano Ferreira.

Estudante/ turma 261/ CEJA Acari/ 6ª CRE.



Roberto de Souza Júnior

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2021.

Caro Paulo Freire,

Venho através desta trazer um panorama dos últimos dois anos de labor docente.

Em 2019, tudo se encaminhava para mais um ano de luta e bem difícil por sinal. No nível do governo federal, existe uma ala ideológica que pretende destruir o seu legado, por considerarem que é nocivo aos nossos estudantes. Certamente, suas obras não foram lidas por eles com a profundidade devida. Pois, eles saberiam o poder libertador que a educação pode proporcionar. E com o início da pandemia de Covid-19 os ataques a sua pessoa se intensificaram. No entanto, sua contribuição é indelével, pois transpôs as barreiras nacionais sendo referência em diversos países, que não por acaso, lideram o ranking do PISA.

Minha formação universitária na área pedagógica foi baseada em seu trabalho, tive docentes que arduamente me capacitaram para dar prosseguimento numa educação transformadora. Por isso, a experiência docente que compartilho, em inúmeros momentos, baseia-se em círculo de cultura. De modo adaptado a minha realidade, trazendo questões matemáticas do cotidiano envolvendo dados estatísticos, juros bancários, reajustes econômicos, porcentagens, entre outros para problematizar uma situação transformando-a em um tema gerador onde os estudantes se percebam sujeitos históricos, e partir daí, buscarmos juntos, reflexões voltadas para um mundo melhor para todos.

Apesar disso, o efeito que a escola causa nas mentes dos nosso discentes no contexto de jovens e adultos ainda é pequeno, frente a uma concorrência tão grande do mundo moderno como smartphones, tele-

visores conectados à rede de computadores, tablets, podcasts, youtubers (incluindo docentes), entre outros meios. A escola deixou de ser o principal meio de aquisição do conhecimento e notícias falsas circulam como sendo verdadeiras numa velocidade descomunal. Transpor essa barreira é um grande desafio de nosso tempo.

Espero que as novas tragam conforto e esperança para todos que lerem essa carta.

Um cordial abraço, meu grande mestre.

Roberto de Souza Junior.
Professor/ E. M. Comandante Arnaldo
Varella/ 06ª CRE.



Jacqueline da Silva Reis Rocha

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2021.

Estimado professor Paulo Freire,

Vivemos tempos sombrios para a educação, a ciência e o academicismo no Brasil, vivemos tempos em que nós, professores, carregamos a culpa pelos males da sociedade, somos acusados de doutrinadores e é como se a educação fosse uma ameaça, professor!

Nós, professores, seus apaixonados discípulos, ainda estamos na luta, acreditando que educar é um ato político, um ato de resistência e um ato de liberdade. Seguimos, professor, com cada um de nossos alunos, construindo uma estrada de conhecimento, onde intentamos humildemente ensinar, mas, somos constantemente surpreendidos por cada lição que com eles aprendemos.

Você e sua obra nos inspiram a lutar com amor pelas classes menos favorecidas, e é dessa forma, que, bravamente, subimos morro, entramos na comunidade, enfrentamos as mazelas sociais e colocamos, muitas vezes, nossa própria integridade em risco. Porque, professor Freire, nós acreditamos numa educação libertadora, acreditamos que se o nosso aluno lê o mundo e as palavras ele não será oprimido, ele não será parado, ele não será engolido por esse sistema que trabalha incansavelmente para derrotá-lo.

Professor Paulo Freire, nós amamos, honramos e agradecemos o seu legado e a forma maravilhosa como sua vida e obra tocaram e marcaram profunda e eternamente a educação nesse país.

Despeço-me com a esperança de dias melhores para a educação, para os alunos e professores desse país. Esperança de que

a sociedade brasileira entenda que a educação é o caminho e valorize o legado acadêmico.

Com meus respeitos...

Jacqueline da Silva Reis Rocha
Professora orientadora/ E.M. Rose
Klabin/ 6ª CRE.



Juliana Menezes

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2021.

Estimado Mestre Paulo Freire,

Escrevo essa carta para o senhor, que foi um dos mestres de imensa importância para o pensamento com relação a Educação brasileira. Seus trabalhos e suas obras ultrapassam os anos. Para o nosso PEJA seus pensamentos são imprescindíveis. Suas obras, tais como a Pedagogia do Oprimido é um marco para se pensar no aluno, enquanto sujeito que produz conhecimento a partir das suas vivências.

Essa carta demonstra todo meu carinho, respeito e admiração em relação ao seu comprometimento com a Educação. Desejo que a trajetória educacional continue

tendo seus pensamentos afluídos no decorrer dos anos para muitas gerações.

Minha gratidão por todo conhecimento compartilhado e meus sinceros votos de comprometimento de continuar construindo saber na educação em relação aos estudos de suas obras, que são atemporais.

Um abraço,

Juliana Menezes.

Diretora/ CIEP Professor Lauro de Oliveira
Lima/ 7ª CRE.



Luís Fernando Monteiro Mileto

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Prezado amigo Paulo Freire,

É uma honra compartilhar contigo o trabalho como educador. Essa honra é maior por saber o quanto aprendi dialogando com você na leitura dos teus livros. Sim, a tua forma objetiva de escrever, quase sempre usando frases curtas, possibilita um grande prazer aos leitores. A lindeza dos teus pensamentos e a generosidade que você sempre valorizou estão fazendo muita falta nesses tempos acelerados das redes sociais, em que a propagação do ódio e mentiras são os combustíveis – poluentes – das máquinas de enriquecimento material, mas que, em contrapartida, produzem tristeza e empobrecimento existencial. É muito fácil entender (e talvez perdoar) o que vem acontecendo

no Brasil. Refiro-me a tanta raiva e rancor contra a tua magistral contribuição para a educação popular. Como poderiam compreender a tua obra, fundamentada no compartilhamento, da busca pelo "ser mais", aqueles que desejam aprofundar as desigualdades, que querem impor de forma violenta o "ser menos"?

Nas comemorações do teu centenário, fiquei sabendo do teu nome completo, Paulo Reglus Neves Freire, sabe que percebi algo muito curioso? Teu segundo nome, Reglus, é o nome de uma estrela que está no coração da constelação do leão e significa "pequeno rei". Por algum motivo teu pai e tua mãe escolheram esse nome tão diferente para te batizar, será que eram admiradores da beleza e dos mistérios das imensidões cósmicas? Será que podiam imaginar que o menino Paulo Reglus viesse a personificar um tipo de majesta-

de tão diferente? A majestade geralmente está associada à pompa e a uma ideia de superioridade hierárquica. A tua majestade foi muito mais divina e real, foi a de uma vida dedicada à humanização pela educação, à libertação pela nossa capacidade de criar cultura e de compartilhar desejos de um mundo mais fraterno.

Paulo, talvez seja desnecessário dizer como você é importante para a educação das pessoas desse, apesar de tudo, ainda maravilhoso planeta. Você nos ensinou que as forças desumanizantes da opressão são frágeis diante da energia da esperança. Não aquela esperança da espera, como você tão bem diferenciou, mas a esperança do verbo esperar, da práxis, da ação e reflexão, de lutar solidariamente no compromisso por uma sociedade democrática. Teus dias nesse mundo nos ensinaram toda a bonite-

za de contribuir para o fortalecimento dos processos de humanização de tantas pessoas com quem temos o privilégio de conviver, ao trabalhar no imprescindível ofício da educação.

Luís Fernando Monteiro Mileto.
Professor de História/Geografia do PEJA
II/ CIEP Compositor Donga/ 7ª CRE.



Bruno Vasconcelos

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Meu nome é Bruno Vasconcelos, sou professor há dezoito anos e um grande admirador do seu legado na educação, não apenas brasileira, pois sua obra é reconhecida mundialmente. O senhor já foi homenageado em países como Suécia e Finlândia, além disso, sua obra, "Pedagogia do Oprimido" é a terceira mais citada em trabalhos acadêmicos. Porém, é com um profundo sentimento de tristeza, que venho lhe informar que educação brasileira vem sucumbindo aos ataques sofridos há anos, por um Estado que não cumpre a sua constituição e por aqueles que têm o monopólio do capital e das riquezas do país.

Nossa educação é constantemente sabotada há décadas, fazendo com que a população pense que é descaso das autoridades

públicas, no entanto, esse boicote é muito bem pensado, orquestrado e executado pelos poderes econômicos que determinam nossas políticas públicas, com o objetivo de impedir que o povo tome consciência, pois os verdadeiros "donos" do poder não querem que haja esse desenvolvimento cultural e educacional, pois como o senhor mesmo publicou: "que seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica". É, Sr. Paulo, o modelo de educação vigente é focado no mercado e na competição e não para informar, instruir, aumentar a autoestima e tornar a população mais crítica e consciente da realidade e nesse contexto, é impossível dizer que o Brasil vive uma verdadeira democracia e mais uma vez utilizando de suas palavras: "quando a educação não é libertadora o

sonho do oprimido é ser o opressor", ou seja, o povo mantém esses famintos abutres no poder, pois são enganados através de ideologias programadas que transformam esses tais abutres em vencedores e em exemplos a serem seguidos, enquanto o mesmo povo segue humilhado e sofrido.

Despeço-me deixando claro que nunca vou deixar de seguir seus passos, na esperança de uma sociedade mais justa e fraterna, e mesmo sabendo que não verei tais mudanças sociais no espaço da minha vida, continuarei plantando minhas sementes no meu dia a dia como docente.

Bruno Vasconcelos.
Professor/ Escola Comunidade de
Vargem Grande/ 7ª CRE.



Bruno Vasconcelos

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Prezado Professor Paulo Freire,

Sou aluna do PEJA, no CIEP Rubens Paiva e hoje lhe escrevo esta carta para agradecer-lo e homenageá-lo por tanto que fez pela minha educação e de tantos outros. Por isso desejo compartilhar com o senhor a minha experiência educacional e de vida escolar.

Venho cursando a EJA há um bom tempo. Tive altos e baixos, idas e vindas, mas agora estou determinada a concluir. Por que cheguei aqui? Quando mais nova, por falta de incentivo, desinteresse juvenil, necessidade de trabalhar, um casamento precoce, abandonei os estudos. Tempos mais tarde, com a vinda dos filhos e a incapacidade de ajudá-los nas tarefas escolares, senti necessidade de voltar aos estudos. E aqui estou, prestes a concluir o Ensino

Fundamental, que pensava não ser mais possível. Meus agradecimentos ao senhor que tornou isso possível!

Portanto esse é o motivo da minha carta, mostrar meu agradecimento. Graças ao senhor, eu pude continuar. Serei eternamente grata por ter pensado no projeto de alfabetização de adultos, que implementou meu aprendizado para que eu pudesse concluir o meu ensino, melhorar minha autoestima, perceber do que sou capaz.

Atenciosamente,

Mel da Silva.

Estudante/ turma 164/ CIEP Rubens

Paiva/ 7ª CRE.



Eliana do Nascimento

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Querido professor Paulo Freire,

Agradeço ao senhor por nos ensinar a olhar para frente e nos inspirar com seu exemplo de vida, luta e superação.

Eu sou uma aluna de uma escola municipal e faço parte do projeto de educação para jovens e adultos. Depois de muitos anos perdidos, pude voltar a estudar. Foi uma grande oportunidade para que eu conseguisse mudar a minha vida. E eu agradeço, todos os dias, ao senhor, por toda a sua dedicação, coragem, determinação, sabedoria, luta e perseverança.

Vendo a sua história, me conscientizo do meu lugar no mundo e minha luta. Entendo melhor os meus direitos, assim também como meus deveres e consigo fazer uma melhor leitura do mundo.

Professor, eu amo estudar e agradeço a oportunidade que tenho de poder crescer e futuramente, ter uma profissão. Eu tenho um grande sonho, que é ser assistente social. E tenho certeza de que com muita garra, força de vontade e perseverança, conseguirei alcançá-lo.

Atenciosamente, Eliana.

Eliana do Nascimento.
Estudante/ turma 152/ E.M. Barão da
Taquara/ 7ª CRE.



Ilma de Oliveira Sabino

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Prezado Patrono da Educação Paulo Freire, Atualmente estou numa turma do Peja 1, e é a primeira vez que frequento uma sala de aula. Sou muito esforçada, apesar das dificuldades. Não vou desistir dos meus sonhos. Aqui na minha escola estamos vivenciando algumas experiências de modo a conhecer sua pessoa. Ouvimos vídeos, documentários sobre sua biografia e uma palestra ministrada por um professor de nossa unidade. Nesse momento, fizemos algumas anotações sobre a explicação.

Fiquei muito feliz em saber que tudo começou pelo seu interesse pela Educação em desenvolver um método de alfabetização que, naquele momento, ajudasse muito, aos jovens e adultos das classes menos favorecidas. Muitas foram suas experiências e vivências ao longo desses anos de vida.

E, hoje, eu estou aqui aproveitando suas ideias, colocando-as em prática na minha aprendizagem e tentando escrever uma pequena homenagem ao senhor.

Deixo aqui meu agradecimento por poder estar participando desse processo educativo, no qual o senhor prezava pela igualdade de oportunidades, conscientização do ser e conhecimento da leitura de mundo. Obrigada por acreditar e lutar por nós, fazendo-nos avançar e crescer a partir da nossa história de vida.

Um abraço e gratidão sempre.

Ilma de Oliveira Sabino.

Estudante/ turma 191/ Escola Municipal
Comunidade de Vargem Grande/ 7ª CRE.



Professores do CIEP Frei Veloso

Rio de Janeiro 27 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Gostaríamos de mencionar como as suas marcas atemporais, o seu grande legado de força, esperança, amor, empatia, resistência, respeito, empoderamentos liberdade, além de tantas outras palavras, se transformaram em apenas um eternizado verbo: "Paulo Freirar". Mestre, esse verbo tem sido fundamental nos últimos dois anos, visto o grande desafio em virtude da pandemia.

Coincidentemente, comemoramos seus cem nos cumprindo uma enorme missão para educandos e educadores: atenuar o abismo da exclusão de oportu-

tunidades geradas pela falta de acesso às tecnologias.

Contudo, seguimos tentando e caminhando, pois aprendemos, através dos seus ensinamentos, que nada é impossível para aquele que coloca na missão de educar, o sublime sentimento de amor ao próximo, pois foi plantado no coração de cada um de nós a arte de perseverar, sobretudo em tempos tão difíceis.

Neste cenário inusitado, onde precisamos nos reinventar e ser resilientes aos constantes desafios, nos agarramos a cada olhar confiante de nossos alunos e praticamos o verbo "esperançar".

Aprendemos contigo, mestre, que "ensinar é um ato de amor e coragem" e seguimos diariamente com esses sentimentos na Educação de Jovens e Adultos, com resiliência e bravura, objetivando romper as barreiras impostas pela socieda-

de, pois sabemos que realizar o sonho de alfabetizar é um ato libertário.

É fascinante seguir o seu exemplo dentro do nosso espaço escolar, e dar voz e vez àqueles que, por motivos diversos, interligados por uma realidade de pobreza e exclusão, outrora não tiveram acesso a oportunidades e hoje sentem-se parte importante na construção do conhecimento além de resgatarem a autoestima enquanto cidadãos.

Creemos que ficaria feliz ao ver as modificações positivas que aconteceram através de suas diversas contribuições e certamente seria resiliente e revolucionário diante das demandas provocadas pela pandemia.

Saiba, mestre, que está presente em cada aluno, nas palavras deles de gratidão, em cada prática do nosso cotidiano, e em cada momento que buscamos

em ti inspiração e força para continuar-
mos, pois seus pensamentos nos permiti-
ram sonhar, cultivar cada sonho e fazê-
-los florescer.

Gratidão, mestre!

Um abraço,

dos professores do CIEP Frei Veloso.

8ª CRE.



Antônia Edina do Nascimento

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Sinto uma alegria imensa em poder lhe escrever. Resolvi voltar a estudar ainda que uns e outros desejem o contrário, o Senhor é e sempre será uma inspiração.

Agora estou tendo o ato de ler, frequento a escola apenas dois anos, mas a leitura me faz compartilhar com outras pessoas. Vou aproveitar a oportunidade para terminar o ensino fundamental. Precisamos assumir a condição de pensadores da Educação.

Quando o meu professor Alex me falou que eu tinha que escrever uma carta para o mestre, fiquei muito feliz, porque aprendi escrever.

Eu sou do Ceará, lendo sobre o mestre aprendi que ao deixar o plano terreno cada um de nós vai para um lugar.

Um abraço, grato eterno.

Antônia Edina do Nascimento,
Turma 151/ CIEP Prof.^a Célia Martins
Mena Barreto/ 8^a CRE.



Vitoria de Oliveira Sigolo

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021

Querido Paulo Freire,

Venho através de esta carta demonstrar e agradecer o enorme feito que o senhor fez por todos nós, tendo em minha mente do pouco que conheci sobre sua história que o senhor lutou e agarrou a oportunidade e com o pouco que o senhor tinha conseguiu trazer para todos nós o conhecimento e a verdade da alfabetização.

Hoje nós entendemos que o estudo e a liberdade que temos em dar nossa opinião é muito importante para nossas vidas, pois sem nossos estudos e sem o mínimo do conhecimento nos tornamos cegos e aceitamos qualquer coisa e somos facilmente oprimidos e enganados. Então por meio desta carta venho agra-

decer por ter lutado e por deixar esse legado maravilhoso, que é a alfabetização e o ensino.

Obrigada!

Vitoria de Oliveira Sigolo,
Turma:161, CIEP Prof^a Célia Martins Mena
Barreto (08.17.502)



Patrícia da Silva Farias de Oliveira

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Meu querido Paulo Freire,

Sinto uma imensa alegria em poder lhe escrever e dizer que as coisas aqui não estão fáceis, pois estamos passando por uma pandemia chamada de Corona Vírus. E com isso, não estamos podendo estudar como antes, mas como o senhor afirmou, "A esperança é necessária, mas não suficiente."

Está sendo um horror não poder estudar como antes e viver uma vida normal. Bom seria, se pudessem aprender com o senhor que a grande generosidade está em lutar para que cada vez mais estas mãos sejam de um povo humilde e trabalhador, dispostos a lutar e transformar o mundo como o senhor transformou, meu querido Paulo Freire.

Então hoje, por meio desta carta, venho pedir ao senhor, onde quer que o senhor esteja que olhe por nós, alunos e professores, para que nunca desistam de estudar e ensinar ao próximo como o senhor fez com todos nós. E, como o senhor foi um pedagogo muito importante nas nossas vidas eu também quero um dia poder ajudar muitas pessoas como o senhor fez.

Como sou e serei eternamente grata ao senhor e a todos os professores porque sem vocês não seríamos nada pois não teríamos conhecimento de nada e nem formação nenhuma.

Obrigada, meu mestre Paulo Freire.

Patrícia da Silva Farias de Oliveira.
Estudante/ turma 152/ Escola Municipal
Marechal Alcides Etchegoyen/ 8º CRE.



Maria Isabel Costa Santos

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Gostaria de agradecer por tudo que fez pela educação do Brasil e pelo mundo, seu método de alfabetização ajudou a muitos.

Infelizmente nesse momento o Brasil passa por uma desvalorização da educação e do conhecimento. Suas ideias estão sendo desvalorizadas e as vozes dos oprimidos estão sendo caladas.

Ainda temos muito que lutar para concluir o conhecimento, só não podemos desistir. Temos que aproveitar a cada oportunidade que estamos tendo e você nos ajudou a dar o primeiro passo. Por isso devemos continuar a jornada, não podemos simplesmente abandonar o legado que nos deixou.

Você nos ensinou que não podemos deixar que os brasileiros venham ficar sem educação, sem o conhecimento do mundo.

Então iremos lutar para que o conhecimento e a educação cheguem cada vez mais longe e transformem vidas, assim como está transformando a minha.

Obrigada por tudo o que nos ensinou!

Maria Isabel Costa Santos.
Turma 191/ Escola Municipal Marechal
Alcides Etchegoyen/ 8º CRE.



Tatiana Costa Araújo

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Olá, Paulo Freire, tudo bem?

Deixa eu te falar... Depois de doze anos afastada da escola, eu voltei a estudar. Hoje, aos 28 anos, posso dizer que estou bem feliz por ter voltado para a sala de aula.

E foi justamente na sala de aula que eu descobri que parte dessa minha alegria eu devo a você. Foram os meus professores do EJA que me contaram a sua história, falaram da sua luta por uma escola que acolhesse a todos, inclusive aqueles que tinham abandonado os estudos. Confesso pra você que, por um tempo, eu achei que a escola não era mais

pra mim. Hoje eu sei que a escola nunca fechou as portas pra mim. Hoje eu me sinto acolhida pelos professores, pelos funcionários, pelos colegas de turma. É maravilhoso poder trocar experiências, aprender, voltar a sonhar e ter planos para o futuro. Até fazer uma faculdade, se Deus quiser.

Então, resumindo, o motivo dessa minha carta é para expressar a minha gratidão, a minha homenagem a você. É para dizer que a sua luta valeu a pena!

Obrigada por tudo!

Receba o meu abraço!

Esteja com Deus!

Tatiana Costa Araújo.
Estudante/ turma 161/ E. M. Antônia
Vargas Cuquejo/ 9ª CRE.



Maria Edileuza A. Linhares

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Caro senhor Paulo Freire,

Meu nome é Maria Edileuza, tenho 58 anos e escrevo essa humilde carta para agradecer ao senhor por ter se esforçado e lutado para dar esse direito de eu voltar a uma sala de aula.

Com certeza eu não estaria aqui se não fosse o senhor e sua extrema bondade de pensar em pessoas como eu.

Estou voltando a viver de verdade e aprendendo a falar; a escrever e assim expressar o que quero e o que sinto.

Obrigada por tudo! Toda a sua luta por nós não foi em vão.

Forte abraço, viu!!!

Maria Edileuza A. Linhares.
Estudante/ turma 161/ E. M. Prof. Fábio
César Pacífico/ 9ª CRE.

Alessandra G. S. Francisco

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Saudoso Paulo Freire,

É com imensa satisfação que escrevo essas linhas.

Meu nome é Alessandra, tenho um sonho de fazer faculdade de Pedagogia porque gosto de aprender e, com essa área da educação, vou estar pronta para ensinar tudo que vou aprender.

Se o senhor estivesse em vida no momento, eu gostaria muito de agradecer por todos os seus feitos. Porque, pelo que conheci da sua história, se hoje eu estou no PEJA, que é um programa de aceleração onde estudo, é graças ao senhor, que lá atrás no passado, criou essa modalidade para os menos favorecidos.

Hoje eu só tenho a agradecer a esse homem o qual eu vou me inspirar e dar continuidade da sua história através da educação.

Obrigada, Paulo Freire.

Alessandra G. S. Francisco.
Estudante da turma 151/ EM Dr. Jair
Tavares de Oliveira/ 9ª CRE.



Lucinela Ferreira Antas

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2021.

Amigo Paulo Freire,

Seu centenário acontece num momento extremamente delicado pelo qual passam os brasileiros e vem nos lembrar do seu comprometimento com as questões da Educação e do mundo e dentre elas há sempre discriminação com os menos favorecidos e mesmo invisíveis para muitos. Ficou sempre muito claro que você não compactuava com essas regras injustas e preestabelecidas, procurando alternativas para o que era tido como convencional e conveniente para muitos, mas que traçava e reforçava um único caminho àqueles à margem da sociedade: o da negação da própria identidade e seu modo de estar nesse mundo.

Você, meu amigo, nos provocou para uma visão diferente de mundo onde os sabe-


res e o conhecimento não convergem só de alguns, mas também na soma e troca com todos. Com você aprendemos a não recuar da coerência e tentar alimentar e incentivar o sonho do outro.

A alfabetização devia fazer parte de um esforço de toda uma sociedade, mas isso nunca aconteceu e quando você corajosamente lutou por isto, incomodou a muitos que queriam e ainda continuam oferecendo um Brasil numa zona cinzenta, manipulável e extremamente vulnerável onde o conhecimento e a educação não têm a menor relevância, muito pelo contrário.

A lembrança da sua luta nos dá alento e força.

Obrigada, querido por tudo!

Lucineia Ferreira Antas.
Professora/ PEJA II/ E. M. Prof. Fábio
César Pacífico/ 9ª CRE.

A decorative brushstroke in a light beige or tan color, consisting of several overlapping, curved strokes that sweep across the bottom of the page.

Jorge Luiz

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Caro Paulo Freire,

Professor, agente da alfabetização libertária e significativa, educação engajada e profusa, veio a tua memória retirante do agreste Pernambuco, do andino Chile e de outras geografias. Sua alfabetização é uma linguagem, tanto quanto uma escrita de letras, números e pessoas, vidas e versos, sentenças e sílabas para entender o mundo e, também, transformá-lo.

Depois de tantas lutas vencidas em livros e ações, a partir do Nordeste, foi abraçar as letras postas que são vivas e vividas por pés descalços, laços de fita, lápis de grafite, telas, monitores, jornais, Twitter e cartolina. Línguas e mentes te honram em laudas e em nuvens digitais. Hoje em tempos que ensaiam com autoritarismo e com gestos a autocracia, teus 100 anos

são indeléveis no significado do chão da escola, do pátio aos logradouros comunitários.

Seu diálogo é fraterno, posto que busca libertar. Tua vida retirante se globalizou, pois, letras são o hálito do amor. Conhecer o alfabeto da vida, perceber as agruras e as belezas que residem no irmão desconhecido, a escola é, nesse aspecto, lugar para reflexão e ação hoje, como também para quem e o vier na posterioridade. Pés, canetas, livros e memórias, disso é feita a escola para uma educação libertadora. A emancipação de gente para a alforria do mundo.

Cartas e vozes, pegadas de Paulo Freire, tu, que ainda paira nos quintais do Brasil e em outras terras, as bocas falam, e, as mãos escrevem cartas para ti!

Seu legado é laureado mesmo que porões tentem por no exílio a tua memória,

pois tu e tua liturgia utópica é titular do
brado popular.

Saudemos Paulo Freire!

Jorge Luiz.

Professor/ PEJA/ Escola Municipal

Professor Fábio César Pacífico/ 9ªCRE.



Andréia Florêncio

Rio de Janeiro, RJ, 26 de outubro de 2021.

Caro professor Paulo Freire,

Demorei, mas finalmente te conheci. Ouvia muito falar o seu nome, mas não conhecia a sua história e o tanto que tu fizeste pela educação brasileira.

Este mês estamos te homenageando, pois se estivesse vivo estaria fazendo cem anos. Que honra estar estudando exatamente nesse momento e conhecer mais de perto a você e a sua luta.

Que outros professores tenham a mesma garra e obstinação em construir algo pela educação brasileira, pois ouvimos falar que não está nada boa.

Tivemos várias frases de sua autoria espalhada pela escola e por nossa sala de aula. E a que eu mais gostei foi: "A ESPERANÇA precisa, mais do que nunca, tornar-se ATO!"

Eu tenho esperança e vou, cada dia mais, transformá-la em ATOS! Atos de amor e de luta. Tenho 39 anos e estava afastada da escola, mas retornei e vou recuperar todo o tempo passado, com luta, com garra, paciência e Esperança, muita esperança.

Obrigada por tudo.

Até a próxima carta,

Andréia Florêncio.

Turma 152/ CIEP Alberto Pasqualini/

10ª CRE.



Raquel Silva

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Querido professor Paulo Freire,

Esse ano comemoramos o centenário do seu nascimento. As coisas estão um pouco diferentes: temos tecnologia para nos comunicarmos a hora que quisermos, temos mais alunos nas escolas e temos mais direitos garantidos pelas leis.

Mas, temos muitas notícias falsas circulando e ainda temos que lutar pelo conhecimento, e nem sempre temos nossos direitos respeitados. O senhor tem sido alvo de muitas críticas que não são verdadeiras.

Gostaria de agradecer ao senhor pela educação de jovens e adultos. Se não fosse seu trabalho, não poderia estudar nos dias de hoje.

Onde você estiver, quero realçar que o

senhor foi uma pessoa muito importante
para toda a humanidade.

Uma grade abraço!

Raquel Silva

Turma 171/ Escola Municipal 10.19.019

Fernando de Azevedo/ 10ª CRE.



Robeilton Jesus dos Santos

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

É com grande prazer que venho, nesta noite, escrever uma carta para o professor mais inteligente que eu já vi e já ouvi falar. Quando assisti o vídeo que o professor passou contando a história de Paulo Freire, pensei: "O cara era pobre, não tinha apoio de ninguém e mesmo assim ele não desistiu, correu atrás, focou no objetivo e hoje ele é esse homem tão homenageado!!!!"

Através dele eu tenho muito que aprender, seguir esse exemplo maravilhoso que ele deixou para humanidade. Eu tenho certeza que muita gente com Professor Paulo Freire aprendeu muita coisa. O senhor foi e será muito importante na vida da educação! Não sou muito bom em palavras, mas venho com minhas since-

ras palavras para te agradecer pelo bem
que o senhor fez por nós.

Um grande abraço,

Robeilton Jesus dos Santos.
Estudante/ Turma 152/ E.M. Bento do
Amaral Coutinho/ 10ª CRE.



Sheila Alves da Silva

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Olha, vou lhe contar a minha história. Nunca gostei de estudar, tive uma mãe que não estava nem aí caso eu quisésse ou não estudar.

Repeti a mesma série várias vezes até que, aos 18 anos, cansada de ser repetente, abandonei os estudos, ficando assim à deriva na vida. Não tive nem noção que no futuro isso iria me prejudicar. Quando cheguei na idade adulta, comecei a me sentir deslocada no mundo. Se eu fosse a uma festa e comesse a conversar com pessoas, ficava perdida, pois sem conhecimento não tem como interagir em certos assuntos. Se eu tentasse arrumar um emprego, também não tinha como, pois precisa ter estudo, no mínimo o Ensino fundamental. Quando me dei conta, eu não era ninguém. Vi minhas filhas chegando ao Ensino Médio e me senti uma ignorante.

Foi quando tive a ideia de ir a uma escola me informar se, com a minha idade, ainda teria possibilidade de retomar os estudos. Assim que consegui me matricular, foi pura emoção.

Hoje, estou aqui estudando e com uma vontade grande de chegar o mais longe que eu puder. Vejo o mundo de outra forma, sem medo de tentar coisas novas e que podemos, sim, transformá-lo com força de vontade e conhecimento.

Estou muito feliz. E isso tudo graças a você, que lutou e acreditou em um future melhor. E estou te escrevendo essa pequena carta para te agradecer, pois é graças a você que que estou tendo essa oportunidade.

Sem conhecimento não somos nada.

Obrigada, Paulo Freire.

Sheila Alves da Silva.

Turma 151/ EM Roberto Civita/ 10ª CRE.

Veronica Menezes de Castro Ferreira

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Venho por meio desta carta, contar-lhe o quanto lhe admiro e a grande influência que o senhor fez na minha vida profissional. Suas ideias, suas reflexões sobre a educação de jovens e adultos são tão importantes e atuais que ressignificaram o meu trabalho, os planejamentos das minhas aulas, e o meu lugar nesse processo de ensino e aprendizagem.

Sou professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro há 23 anos e atualmente estou como Professora Orientado do PEJA em Guaratiba. Sempre me questiono o papel que eu exerço em sala de aula e cada vez mais me identifico com a pedagogia do afeto, principalmente nesses tempos sombrios de repressão, de

intolerância e de pandemia que estamos vivendo. Cada vez mais precisamos compreender a realidade dos nossos alunos, ter um diálogo aberto, com empatia e trocas constantes de ideias, de conhecimento. Fico triste quando percebo que ainda há pensamentos que levam a uma educação bancária para esses jovens e adultos que, por vários motivos, não puderam frequentar a escola em seu "tempo correto", deixando-os cada vez mais passivos e sem entender a realidade que o cerca.

Porém, com todas as dificuldades que nós professores enfrentamos, o "esperançar" faz parte da minha vida. A esperança que possamos dar oportunidade e empoderamento aos mais pobres. Lutar por uma educação que tenha significado para esse grupo de alunos e possibilitar que eles façam a diferença na sua vida, na sua família e na sua comunidade.

Despeço-me agora, torcendo para um processo de mudança a luz de seus referenciais sobre a educação.

Um forte abraço e até a próxima,

Veronica Menezes de Castro Ferreira.
Professora Orientadora/ E. M. Professor
Castilho/ 10ª CRE.



Ana Claudia de Sant'Ana

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Estamos imensamente gratos pois esse ano de 2021 completa o centenário de sua vida, algo muito marcante e importante para nós do PEJA pois hoje temos a oportunidade de estudar e nos formar em algo melhor. Um sonho que para muitos jovens e adultos havia sido esquecido, pois a correria do dia a dia não nos deixou muita opção e até nisso o senhor pensou.

Querido doutor, o senhor lutou por nós e hoje estamos tentando recuperar o tempo perdido. O senhor entendia e acreditava que podíamos absorver conhecimento até nos trabalhos do dia a dia. Me sinto grata pois sua luta não foi em vão. Há alguns meses atrás eu já havia desistido de estudar pois os horários dos meus empregos não me ajudavam muito e enfim consegui co-

locar os obstáculos de lado e recuperar os vinte anos que tentei voltar, mas sempre algo me fazia parar. Mas coloquei na minha cabeça que preciso recuperar esse tempo.

Me lembro que meu filho me disse que eu seria mais um preto com futuro em branco porque eu havia desistido de fazer uma faculdade e que se eu não preciso fazer, ele também não iria tentar por que eu nem sequer havia tentado voltar a estudar. Então me enchi de forças e aproveitei a oportunidade que o senhor havia nos dado.

Obrigado Doutor, por não desistir de nós e saiba que cada luta sua valeu a pena.

Hoje estou aqui, não parei e até penso em fazer um concurso. Na verdade, penso nisso dia e noite e sei que sentiria orgulho em ver uma empregada que vai e vem do seu trabalho de bicicleta todos os dias e conciliar o horário da escola com seu dia a dia, passar em um concurso público.

Eu prometo não desistir pois graças a seu esforço tenho a oportunidade de estudar a noite e hoje posso dizer que minha vontade de crescer é maior que tudo. Graças ao senhor, somos sim protagonistas de nossas vidas.

Um grande abraço com muita gratidão.

Ana Claudia de Sant'Ana.

Turma 161/ EM Roberto Civita/ 10ª CRE.



Juliana Cláudia Alves Claudio

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Inicialmente gostaria de agradecer-lhe por sua concepção de educação, que faz com que nós, educadores da EJA, tentemos ser mais próximos e compreensivos com nossos alunos a partir de princípios como amor e empatia.

Obrigada por mostrar que não importa o momento da vida em que nosso alunado esteja, ele tem direito a uma educação libertadora, que possibilite transformar a si mesmo e a sociedade que o cerca. E eu, enquanto professora, quando auxilio os meus alunos a tal propósito, acabo aprendendo com eles e me transformando também.

Obrigada por trazer a consciência de que o saber científico é importante, mas não é necessário desprezar a saber popular, pois

do contrário estaremos alimentando o espírito da opressão que se opõe à educação libertadora. O diálogo e o debate são esperados para ocorrer o processo de ensino e aprendizagem, por isso não devemos temê-los.

Um grande abraço virtual.

Juliana Cláudia Alves Claudio.
Professora de Língua Portuguesa/ EM
Roberto Civita/ 10ª CRE.



Rita Garcia

Rio de Janeiro, 02 de maio de 1997.

Oi, Paulo, sentirei saudades,

Hoje, passei o dia relembrando quando você voltou em 1981 e fiquei muito feliz em ver sua foto em todos os jornais do país. Você sempre foi a minha inspiração, já te disse isso em outras cartas, mas essa é especial, pois naquele ano, você foi homenageado em minha formatura na carreira de professora. Nessa época, não era fácil a realidade em que vivíamos, mas o desafio me inspirava, pois tinha a certeza de que poderia, através do diálogo, criar um caminho pelo qual eu e meus alunos nos sentiríamos transformadores de nossas próprias realidades.

Fiquei muito feliz quando você assumiu a secretaria de Educação da cidade de São Paulo em 1989. E acreditei que você iria conseguir implementar seus ideais em prol de uma educação de qualidade para os nossos adultos das classes populares, e, para nossas crianças, já que em sua obra, você fez várias referências a sua própria infância. Sigo, ainda, acreditando na pedagogia forjada com o meu aluno ativo, usando suas próprias experiências de vida como base para o planejamento de minhas aulas, fortalecendo minhas ações.

Mas, hoje, sentirei falta de suas palavras incentivadoras, de suas ideias que muito me inspiraram nesses dezesseis anos de luta em minha profissão.

Hoje, sinto-me órfã de incentivo, fraca na ação. Mas sei que amanhã, relendo sua obra terei novamente o brilho nos olhos e a certeza de que suas palavras foram ouvi-

das pela massa de professores desse país,
e que nós só estamos começando a luta.

Saudades eternas, meu grande amigo, de
sua aluna,

Rita Garcia.

Coordenadora Pedagógica/
E.M. Rodrigo Otávio/ 11ª CRE.



Sara Nunes de Oliveira

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Olá, o meu nome é Sara Nunes de Oliveira e tenho 16 anos. Moro na Ilha do Governador, na Praia do Barão. Já fiz muitas cartas para trabalhos de escola, mas, essa carta é mais especial do que as outras que eu já fiz, porque essa está sendo feita para uma pessoa que mudou o nosso futuro na alfabetização.

E essa pessoa especial que ganhou o coração de todos os alunos chama-se Paulo Freire. Você deu a esperança, a fé de ser uma pessoa sábia e inteligente. Foi o melhor educador que já tivemos.

Queremos agradecer a cada luta, a cada vitória que você passou, Paulo Freire. Quero te agradecer por não ter desistido de nós.

Você foi um herói para todos nós estudantes. Cada lágrima que você derramou por nós não foi em vão. Agradecemos a Deus pela sua vida. Seremos sempre gratos pelo lindo trabalho que lutar pelos jovens e adultos.

Agora vem a hora mais triste, a despedida. Eu quero que o senhor saiba que esta carta foi feita com amor e carinho. O senhor é um grande homem.

Muito obrigada por tudo!

Sara Nunes de Oliveira.
Estudante/ Turma 161/ CIEP João
Mangabeira/ 11ª CRE.



Marymara Lopes da Silva

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Sou uma estudante de 28 anos de idade no PEJA da E.M. Brigadeiro Eduardo Gomes. Parei de estudar aos 12 anos por motivos de tratamentos médicos: consultas, radio-terapias e cirurgias. Essa situação deixou-me sem motivos para continuar. Foram dias de foco na saúde e tentativas de estudar sozinha, porém com mais pausas do que continuidades.

Estou retornando à escola, muito feliz! Este é o meu momento! É uma vitória! Tanto tempo parada me trouxe muitas angústias, sofrimentos, porém resgatei minha autoestima ao encontrar uma escola onde o respeito e a amorosidade estão tão presentes no dia a dia. Como você bem afirma, "a educação é um ato de amor". Vivo em uma escola que prioriza o diálogo, a

empatia recíproca, onde a troca de saberes constrói novos saberes. Ah, sou sujeito que contribui sem medos!

Aprendi que posso transformar meu mundo e o mundo daqueles que o partilham comigo. Quero trazer minha mãe para mergulhar nesse espaço de experiências, de vivências, de construções, de expectativas e de sonhos.

Sou esperança, do verbo esperar. Busco superação em meio à tantas lutas. Transformar minha existência em autoconhecimento é, para mim, o ponto de partida para a construção de uma vida plena.

Agradeço por tudo o que fez por nós, estudantes do PEJA. Um grande abraço e até a próxima carta.

Marymara Lopes da Silva.
Estudante/ Turma 191/ E.M. Brigadeiro
Eduardo Gomes/ 11ª CRE.

Lauanne Macedo Fagundes Amaral Jorge

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2021.

Querido amigo Paulo Freire,

Como gostaria que você estivesse presente nesse momento da educação brasileira. Mas agradeço imensamente por tudo o que você deixou de contribuição para nós professores. As suas obras são como conselhos para a minha prática e, por isso, cada vez que estou em uma sala de aula, você está presente.

Aprendi com você que a relação com o aluno e com o conhecimento é dialógica. É esse entendimento de mim mesma enquanto educadora dialógica que procuro internalizar e praticar a cada dia. Nem sempre é fácil... Na verdade, esses últimos tempos, de pandemia, têm sido muito difíceis. Recordo-me de você falando que devemos nos lembrar do sonho que nos pôs a caminhar... E fico pensando naquela

menina de 17 anos sonhando, lá no início da caminhada. É esse sonho que ainda me move, sempre! Preciso me lembrar constantemente dele para continuar me movendo, na certeza de que a escola pública é o meu lugar no mundo.

Hoje, lutamos para que a Escola continue sendo vista como foi pensada por você: um espaço de busca da autonomia do ser, um espaço inclusivo, de libertação, que vá muito além de um simples treinamento de destrezas, mas que compreenda a intensidade da palavra formação. Caminhamos testemunhando nossa responsabilidade ética em nossas relações com os educandos, onde todos os atores envolvidos se percebam e sejam vistos como sujeitos inacabados, porém éticos, históricos e transformadores. E por falar em transformação, como se faz imperativo, nesse contexto, lutar para transformar essa realidade que tem nos assolado.

Assim, sigo caminhando! Quero continuar olhando para o futuro com aquela esperança do verbo esperar, acreditando que podemos nos juntar para fazer diferente, construindo e desconstruindo, rompendo e fazendo escolhas. Quero continuar sentindo meu coração arder diante dos saberes de vida dos meus alunos. A minha disciplina (História) ou a minha atuação na Coordenação Pedagógica são apenas "desculpas" para estar com cada um deles. Quantas experiências! Quantas trocas! Quero continuar encantada com esse papel de refletir e praticar uma educação que transforma pessoas, liberta de determinismos e abre um caminho de possibilidades. E você, Paulo Freire, estará sempre comigo!

Gratidão por tudo! Sigamos juntos!

Lauanne Macedo Fagundes Amaral Jorge.

Coordenadora Pedagógica/ E.M.

Brigadeiro Eduardo Gomes/ 11ª CRE.

Bianca Guimarães, Tatiana Chometon e Alessandra Figueira.

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2021.

Companheiro Paulo Freire,

Finalmente sentei para lhe escrever, tempos difíceis... após nossas reflexões, diálogos, e caminhadas, com você, a equipe decidiu, que o PPP, da escola não podia deixar de expressar, os pensamentos, sentimentos, "quereres do esperar" que vieram com nossas conversas.

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra", vamos as diferentes leituras da cultura, da ciência, das artes, da história, do MUNDO! Enxergar além do que é aparente!

A ciência? Você viu? Está em xeque! Agora, andam dizendo, que ela é falsa! Logo a Ciência, a senhora das constatações, dos testes, dos anos de pesquisa... a manipulação das palavras pelo opressor, está des-

caradamente, nas redes sociais, jornais... a verdade deles, do sistema.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ahhh, mas as leituras frente a política de hoje, o desvendar que trouxe a Pandemia...a triste condição da sociedade, chego às vezes a pensar, que a ignorância é uma dádiva! Desculpa dizer isso, rrrsss!

Sabe Paulo, o amor, o respeito, o diálogo, o outro, está mais negligenciado que antes. O pobre, o negro, a mulher, a criança, os menos favorecidos, são mencionados demagogicamente, porque vontade mesmo de mudar...não há!

Ficaram os EDUCADORES, com o desafio da TRANSFORMAÇÃO; a luta por uma sociedade mais justa, ou menos desigual, tendo o diálogo, a liberdade e a conscientização como princípios e o SUJEITO NÓS, como objeto do AMOR.

O ESPERANÇAR, é o caminho, e nessa caminhada não estou só! Obrigada, por sua companhia!

Bianca Guimarães, Tatiana Chometon e
Alessandra Figueira.

Direção/ E.M. Capitão de Fragata Didier
Barbosa Vianna/ 11ª CRE.





CREJA

(Centro Municipal de Referência
de Educação de Jovens e Adultos)

Esmeraldino da Conceição

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021.

Professor Paulo Freire,

Eu estou muito feliz por estar estudando, aprendendo a ler e escrever. Importante para ter outra visão do mundo, para ter outros conhecimentos que transformem a minha vida em sociedade. Muito obrigado por deixar o legado de sua obra para me libertar e me levar para o mundo da leitura e da escrita.

Eu quero terminar os meus estudos para me formar e arrumar um trabalho melhor para mim porque eu não tenho pai e mãe. Eu quero ajudar a minha família porque eles não têm estudo.

Eu quero agradecer por essa oportunidade de estar estudando e aprendendo muito mais. Se não fosse você eu não teria essa leitura e a escrita.

Muito obrigado.

Esmeraldino da Conceição.
Estudante/ turma 255/ Centro Municipal
de Referência de Educação de Jovens e
Adultos.



Rosenildo Francisco da Cruz

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2021.

Querido mestre Paulo Freire,

Eu venho aqui nessa pequena homenagem para você hoje porque posso falar uma coisa do meu fundo do coração, que seria da gente hoje se você não tivesse dado o primeiro passo para ajudar aquelas pessoas? Não sabia ler, por isso hoje a gente tem o privilégio de estar tendo conhecimento das coisas, é muito difícil uma pessoa não saber ler escrever.

Obrigado por fazer parte da minha vida, o conhecimento que eu tenho hoje. Foi através de vocês, estou feliz de estar estudando para eu ter um futuro melhor, por poder falar um dia com toda certeza do mundo que só estou tendo esse momento muito importante na minha vida por ter voltado a estudar para terminar meu estudo.

Obrigado ser tão importante para mim.

Rosenildo Francisco da Cruz.
Estudante/ turma 265/ Centro
Municipal de Referência de Educação
de Jovens e Adultos.



Wagner Ronaldo da Silva

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2021

Senhor Paulo Freire,

A pouco tempo assisti um vídeo sobre você, pessoas falando da sua educação, elas falando do senhor com amor. E algumas se emocionando, pessoas que eram lesadas, exploradas. Seu método de ensino foi inovador naquela época, a idade era um problema, a idade dos alunos era variada, pessoas com mínimo de conhecimento sem saber ler e escrever. Seu trabalho mudou a vida de muita gente.

Quando soube sobre você, fiquei com vontade de querer aprender mais. Fiquei até cinco da manhã assistindo seus vídeos e queria dar os parabéns pelo seu aniversário de cem anos e agradecer a contribuição ao povo brasileiro para que a gente seja liberto!

Um abraço e tudo de bom.

Wagner Ronaldo da Silva
Estudante da turma 257, Centro Municipal
de Referência de Educação de Jovens e
Adultos, E/SUBE/CEF/GEJA/CREJA.



Marcia Cazer Fernandes

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2021.

Querido professor Paulo Freire,

É com muita alegria e emoção que lhe escrevo. Nesses dois anos temos passado dias difíceis no Brasil, de muitas perdas. A pandemia de COVID 19 nos levou muitas pessoas queridas, o atual governo segue nos envergonhando diante do mundo, forçando a perda dos nossos direitos, a venda de nossas riquezas, alimentando a violência em muitos aspectos, dando voz aos preconceitos de gênero, de raça e religiosos e incentivando a compra de armas. Gostaria de não escrever sobre isso, mas precisamos entender a situação em que estamos para poder buscar as soluções.

No nosso trabalho como professores, aumentaram as responsabilidades diante de tantas famílias que ficaram sem seus pais, suas mães, seus avós, sem trabalho e sem

Escola. Em um período em que as aulas passaram a ser ministradas pela internet, "para segurança de todos", .41diante de tantos desafios, tivemos que nos reinventar para atender aos estudantes de diversas maneiras, fizemos apostilas, vídeos, áudios, trabalhos, aulas nas plataformas, no Facebook, no WhatsApp na TV etc. Criamos modos de alcançá - los de alguma maneira.

Nesse ano estamos comemorando com eles os 100 anos do seu nascimento, preciso dizer que é uma honra imensa apresentar para eles um cidadão brasileiro, pernambucano, professor e mestre que não desistiu de lutar pela Educação de Jovens e Adultos porque amava verdadeiramente esse país e conhecia seu potencial. Ao lermos juntos suas palavras nós reconhecemos enquanto estudantes e professores, cada um com a sua história de vida de muito sacrifício e trabalho, participantes da mesma luta.

Sua história de muito trabalho e esperança por uma educação para todos no Brasil e no mundo nos inspira a continuar a plantar essas sementes, mesmo quando tudo parece contra, pois sabemos que a transformação só acontece quando estamos juntos, de mãos dadas, nos ouvindo e criando ações. E ainda que a Escola é o lugar onde ensaiamos a sociedade que queremos e teremos.

Espero estar fazendo um trabalho digno dos ensinamentos compartilhados pelo senhor. Agradeço imensamente sua sabedoria e coragem de começar a abrir esse caminho por onde nós hoje podemos continuar a passar, abrindo outros espaços diante desses novos desafios pois sonhar já é começar a viver o que vamos realizar.

Marcia Cazer Fernandes
Professora/ Centro Municipal de Referência
de Educação de Jovens e Adultos.

Priscila de Andrade Oliveira Leal

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Querido Professor Paulo Freire,

Viver o seu centenário de vida, sim de vida! Pois suas ideias permanecem vivas no mundo que você fez tantos sujeitos lerem, direta ou indiretamente. Celebro sua vida porque dia após dia o seu legado me faz repensar a educadora que me constitui, aprendendo e ensinando.

Lembro-me da primeira vez que o conheci em 1998 por meio da obra Pedagogia da Autonomia, eram ensinamentos fundamentais, mas eu tinha apenas 16 anos e estava iniciando minha formação no magistério. Entretanto enxerguei na máxima "Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo" uma oportunidade de atuação para reverter tantas situações de injustiça social.

Na atualidade em meio ao contexto pandêmico e com uma trajetória de dezenove anos de magistério, tenho a convicção de que sua visão de educação, que movimenta educadores não só no Brasil, mais no mundo, é aquela que vai mudar as pessoas e o mundo.

Agradeço por tanto afeto e tanta luta! O amor deu sentido a sua trajetória enquanto educador e conduz minha prática, que segue adiante com muita esperança, do verbo esperar!

Um abraço.

Priscila de Andrade Oliveira Leal.
Coordenadora Pedagógica.



Priscila de Andrade Oliveira Leal

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2021.

Querido Professor Paulo Freire,

Viver o seu centenário de vida, sim de vida! Pois suas ideias permanecem vivas no mundo que você fez tantos sujeitos lerem, direta ou indiretamente. Celebro sua vida porque dia após dia o seu legado me faz repensar a educadora que me constitui, aprendendo e ensinando.

Lembro-me da primeira vez que o conheci em 1998 por meio da obra Pedagogia da Autonomia, eram ensinamentos fundamentais, mas eu tinha apenas 16 anos e estava iniciando minha formação no magistério. Entretanto enxerguei na máxima "Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo" uma oportunidade de atuação para reverter tantas situações de injustiça social.



SEÇÃO 2

**NARRATIVA DE
PROFESSORAS
E PROFESSORES
SOBRE O
PROCESSO DE
PRODUÇÃO DAS
CARTAS A FREIRE**

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LOURENÇO FILHO – 2ª CRE

Renata Ramos Sader

Em agosto de 2021, foi anunciada a III Semana da EJA Rio, com o tema "O legado freireano para uma EJA emancipadora" e com o lema "Por uma Educação de Jovens e Adultos dialógica, emancipadora e socialmente comprometida com a classe trabalhadora".

A Gerência de Educação de Jovens e Adultos convidou todas as Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, com atendimento à Educação de Jovens e Adultos, para mobilizarem a participação de professores e estudantes da EJA Rio.

A III Semana da EJA foi realizada em duas etapas: escolar e municipal. Cada etapa com ações específicas, envolvendo gestores, coordenadores pedagógicos, pro-

fessores orientadores, professores em regência de turmas da EJA Rio e da Sala de Leitura e estudantes da EJA Rio.

Na etapa escolar, realizamos estudos, debates, reflexões sobre a questão norteadora "Como os referenciais freireanos nos ajudam a ler o mundo e a transformá-lo?". Os Centros de Estudos foram espaços de trocas entre todos os profissionais e de planejamento de ações para a apropriação da trajetória do patrono da educação brasileira pelos estudantes.

Em sala de aula, com a EJA I – Bloco 2, investimos na pesquisa sobre a vida de Paulo Reglus Neves Freire, implementador de uma educação popular e libertadora. Experimentamos trechos de "A Pedagogia do Oprimido", livro escrito em 1968, que continua atual, principalmente na perspectiva de superação das opressões impostas pelo contexto socioeconômico.

Nosso planejamento contemplou o documentário "40 horas na memória: Resgate da Experiência dos Alunos de Paulo Freire em Angicos/RN", que mostra, por meio dos relatos de ex-alunos, um recorte histórico de como aconteceu o projeto pioneiro de alfabetização de jovens e adultos, idealizado por Paulo Freire, e o que essa iniciativa representou na vida dos habitantes daquela região do sertão central do Rio Grande do Norte.

Os depoimentos desses ex-alunos abordaram o cotidiano de Angicos em 1963; o perfil de Paulo Freire; as aulas e os temas estudados; os episódios marcantes dessa experiência e o legado das 40 horas. Alunos da EJA I e EJA II assistiram a esse documentário e sentiram-se motivados a continuar acreditando que a leitura e a escrita são práticas necessárias para o exercício pleno da cidadania.

Organizamos espaços de discussões e ro-

das de conversa, com a participação dos alunos e professores da EJA I e EJA II. Nesses momentos, exercitamos a escuta sensível e estudantes (jovens, adultos e idosos) e professores se sentiram à vontade para partilhar um pouco de suas histórias, aspirações e desafios. E as emoções marcaram presença.

Aceitamos, então, o convite de produzir Cartas a Paulo Freire, narrando experiências, anseios e motivações, a partir da interação com a trajetória de um educador que apostou no esperar, na construção coletiva e afetiva de novas configurações.

A primeira etapa para a escrita da carta foi a apresentação para os alunos da estrutura e do propósito comunicativo do gênero textual. A partir desse contato com o modelo de carta, é hora de planejar a escrita.

Na etapa do planejamento, os alunos foram convidados a dialogarem com o educador

Paulo Freire e a construírem um roteiro para a produção da carta. Os caminhos foram escolhidos por eles: pesquisas em meios digitais, para contextualização do assunto; relatos de experiências pessoais; conversa informal com o mestre, demonstrando gratidão e comprometimento com a meta de concluir o processo de alfabetização.

Na terceira etapa, partiram para a escrita do texto, obedecendo à estrutura de uma carta e à organização textual (começo, meio e fim), no corpo da mensagem. Houve momentos de trocas entre os alunos e algumas questões sobre a linguagem e o conteúdo da mensagem foram esclarecidas. Encorajados, sentiram-se seguros e confiantes nesse processo de produção.

Uma vez concluída a escrita da carta, passamos para revisão (etapa de leitura individual do que foi produzido para possíveis reformulações). Em um atendimento individualizado, cada aluno teve a oportuni-

de de apresentar a sua produção e, juntos, observamos a necessidade de alguns ajustes relacionados à coerência, ao uso de articuladores textuais, à pontuação, à concordância e à ortografia.

Na etapa da reescrita da carta (etapa final da produção textual), os alunos reescreveram seus textos, atentando para as reformulações propostas. E cada um teve a oportunidade de ler a sua carta para o grupo em uma roda de leitura, onde nos surpreendemos com as produções, expectativas e histórias de vida de cada um daqueles que optou por partilhá-las no texto.

A jovem Dandara da Conceição Silva, uma das primeiras alunas a concluir a carta, surpreendeu-nos com a sua produção, sensível e engajada. Decidimos, então, produzir um vídeo com a leitura dessa carta pela estudante. Esse vídeo foi apresentado à professora Carla Vidal Oliveira de Lima, que produz videoaulas de Língua Portuguesa

para a EJA II no Rioeduca na TV. A professora estava produzindo a videoaula "Carta ao Mestre" e, então, decidiu incorporar a carta da aluna ao seu planejamento. O resultado foi inimaginável: a videoaula com a leitura da carta pela estudante, disponibilizada na TV e nas redes sociais, emocionou colegas de classe, amigos e familiares, além de impulsionar toda a turma a ter foco e determinação para alcançar uma meta.

Na avaliação dos alunos, a oportunidade de conhecer Paulo Freire foi importante, pois se sentiram empoderados, fortalecidos e motivados a darem continuidade aos estudos, mesmo diante dos múltiplos desafios.

Demonstraram interesse em conhecer mais sobre a história daquele que revolucionou a educação brasileira e solicitaram os títulos de seus livros para a leitura. Nas cartas de alguns alunos, trechos de obras de Paulo Freire marcaram presença, demons-

trando a identificação com as mensagens transmitidas pelo educador.

A autonomia dos alunos no registro das ideias, ainda que necessitassem de intervenções para garantia da coesão textual; o uso da internet para a pesquisa e a oportunidade de conhecer realidades e histórias dos estudantes ainda escondidas foram aspectos relevantes na produção das cartas.

A experiência da apresentação de Paulo Freire para os alunos foi enriquecedora. Ouvir a interpretação que fizeram de trechos dos livros escritos por Paulo Freire revelou saberes e perspectivas de futuro. Os questionamentos deles exigiram estudo e pesquisa. Dessa forma, aprendi mais; resignifiquei obras e paradigmas construídos e, experimentei a vontade que eles expressaram de conhecer mais profundamente a pedagogia freireana.

Que o esperar permaneça vivo nos corações, aquele esperar que nos mantém inquietos e ávidos por mudanças necessárias na sociedade, construídas de mãos dadas e permanentemente. Paulo Freire, presente!

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino"
(Paulo Freire).

Renata Ramos Sader
Escola Municipal Professor
Lourenço Filho - EJA I / Bloco 2



ESCOLA MUNICIPAL BRASIL – 4ª CRE: CARTA A PAULO FREIRE

Lilian Gondim Montegro

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (Paulo Freire).

I- INTRODUÇÃO

Tendo o pressuposto de que: a “Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas e pessoas mudam o mundo.” (Paulo Freire), o presente projeto nasce da iniciativa da GEJA de dar luz ao centenário Paulo Freire e da tentativa da Sala de Leitura de dar um olhar crítico, contextualizado e articulador ao gênero textual carta, traçando interlocução com o trabalho que tem sido desenvolvido na Sala de Leitura de valorização das biografias de autores brasileiros, dando visibilidade à vida e obra do educador Paulo Freire.

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (Paulo Freire).

Muitas são as formas do dizer e do dizer-se. A comunicação humana tem amplos espectros e o ser humano muito evoluiu impelido pela necessidade do dizer. O silêncio até pode produzir alguma comunicação, mas a palavra não só verbaliza, mas traz eco ao que se pretende dizer. A palavra escrita, enquanto criação comunicativa, em especial, eterniza intenções e é produzida a partir da reflexão do indivíduo. Ela, portanto, é produto de trabalho pessoal, interior, livre e relacional na medida em que é carregado dos conhecimentos e experiências adquiridos ao longo da vida de cada um.

II- AS REFERÊNCIAS DIALÓGICAS PESSOAIS COM O GÊNERO TEXTUAL CARTA

Tendo em vista que: "a leitura do mundo

precede a leitura da palavra" (Paulo Freire), o Projeto Carta a Paulo Freire, proposto pela GEJA, foi iniciado com um diálogo acerca das diferentes formas que os alunos usam, ou já usaram, para se comunicarem com amigos e parentes ao longo de suas vidas até os dias atuais. A informalidade fez trazer memórias antigas de cartas enviadas a parentes distantes, relatadas por alunos mais idosos da turma, bem como referências ao escritor José de Alencar, antes estudado através da obra *Lucíola* estudada em sala.

III- APREDENDO, PRODUZINDO E ENVIANDO UMA CARTA

A partir do surgimento do gênero textual carta, através do próprio discurso dos alunos, foi possível iniciar o estudo do gênero. Vale salientar o fato de que, tendo o projeto atual ter sido subsequente à pesquisa e estudo da biografia de José de Alencar

e leitura de sua obra "Lucíola", foi possível elencar à forma de comunicação da época. Desta forma, houve viabilidade de também mostrar que a arte da palavra pode trazer ao presente novidades e aspectos de comunicabilidade dos quais podemos nos apropriar e até trazer ao uso na modernidade.

Este foi o mote para estudarmos o gênero textual carta. Foi dada uma aula com apostila explicativa diferenciando carta pessoal e carta profissional. Foi dado a cada aluno um envelope para aprender a preencher corretamente frente e verso do mesmo. Para indicar o destinatário dei meu próprio endereço e cada um produziu uma carta para mim. Ensinei-os a ir ao correio e solicitei que me enviassem a carta, dando, a eles a resposta em carta como devolutiva. Foi uma experiência pessoal tanto para eles como para mim.

IV- PESQUISANDO E DEBATENDO A BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE

Em virtude do trabalho deste ano da Sala de Leitura ter sido o estudo de biografias de escritores brasileiros, especialmente os de origem mais humildes ou discriminados por motivos sexistas, por cor, por raça ou outro, foi possível trazer a proposta de pesquisa da Biografia de Paulo Freire, mostrando o quanto, como educador e escritor, foi perseguido e exilado por traçar uma nova forma de alfabetizar adultos pertencentes às classes mais pobres da sociedade e invisibilizadas pelo poder público na época. Foi possível também mostrar como Paulo Freire formou bases importantes para a concepção da Educação de Jovens e Adultos de hoje e, portanto, reconhecê-lo como referência e justificar sua relevância e reconhecimento enquanto Patrono da Educação Brasileira. A vida e obra de Paulo Freire foi objeto de pesquisa

e de aula mais interativa. A aula dada contou com a apresentação de obras de Paulo Freire, fotos e relatos de sua trajetória, no Brasil e no exterior, após o exílio, como também seu retorno e seu envolvimento político-social-educacional como secretário de educação, educador e palestrante. A aula dada em sala também contou com resumo de sua vida e obra em folhas digitadas entregues à cada aluno.

V- PRODUÇÃO DE CARTA A PAULO FREIRE E MURAL DE EXPOSIÇÃO

Nesta etapa, foi dada uma aula relembrando a importância da comunicação escrita na vida humana desde os primeiros hieróglifos e desenhos nas cavernas até os dias atuais. Rememoramos o gênero textual carta, com sua estrutura e suas especificidades, a nível pessoal e profissional, dando relevância às cartas pessoais que, de tão intimistas, nos permite dizer tudo o que se

passa em nosso coração. Acrescentei o caráter de surpresa e prazer ao receber uma carta e o quanto uma carta pode falar das emoções interiores, e de amor.

"Não se pode falar em educação sem amor"
(Paulo Freire).

A partir daí, foi solicitado aos alunos escreverem uma carta a Paulo Freire.

Lilian Gondim Montegro
Sala de leitura do PEJA/
Escola Municipal Brasil.



E. M. 07.24.022 COMUNIDADE DE VARGEM GRANDE – 7ª CRE

Equipe da E.M. Comunidade Vargem Grande

O centenário de Paulo Freire nos fez refletir sobre o quanto ele contribuiu com a nossa educação.

O Brasil por ser um país tão grande, tanto em suas dimensões territoriais quanto na sua pluralidade cultural, necessita de olhares diversificados e que atendam de maneira igualitária e justa todos os seus cidadãos. Esta afirmação é o nosso ideal, no entanto, sabemos que as classes menos privilegiadas, não são atendidas com justiça e equidade. Nós, profissionais da EJA, nos inspiramos em Paulo Freire e tentamos oferecer aos nossos alunos, uma educação digna, que seja emancipadora e que contribua para que os alunos tornem-se cidadãos participativos e transformadores em suas comunidades.

A Escola Municipal Comunidade de Var-

gem Grande, situada no bairro de Vargem Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, ainda guarda, alguns traços de uma região rural e com isso, boa parte de sua população, é formada por trabalhadores e pessoas de baixa renda que se enquadram perfeitamente, no perfil de alunos estudados por Paulo Freire.

O trabalho desenvolvido na escola foi realizado com empenho graças a grande aceitação do corpo docente e discente. Apresentamos a biografia de Paulo Freire através de vídeos, rodas de leituras dos trechos de seus livros, discutimos e relacionamos suas ideias que, apesar de terem sido elaboradas há décadas, continuam pertinentes e válidas neste momento. Trabalhamos os gêneros textuais de biografia e carta, apresentamos a linha do tempo com os fatos acontecidos durante sua trajetória e trouxemos suas ideias para o nosso dia a dia. Identificamos a diversidade geográfi-

ca de nosso país, refletimos sobre a intolerância com suas ideias e o desprezo de muitos por seus ideais. Afinal, Paulo Freire, não destinou sua vida aos mais favorecidos financeiramente e isto, desagradou e ainda desagrada a muitos.

Nos espelhamos nos ideais Freireanos. Buscamos adequar a nossa prática pedagógica diária a fim de obtermos melhores resultados na vida de todos os envolvidos neste processo. Acreditamos que um indivíduo fortalecido em suas opiniões, gera mudanças significativas aos seus pares.

Nossa comunidade escolar identificou-se com os pensamentos e práticas de Paulo Freire. Sentimo-nos incluídos neste universo. Nossos alunos perceberam que alguém pensou em pessoas como eles, que por diversos motivos, não tiveram oportunidades educacionais, mas que agora estão presentes na escola, a fim de compensar, reparar e integrar esse tempo que ficou no passado.

Enfim, tudo isso foi percebido com a culminância desse processo. A confecção das cartas dos nossos alunos e professores apresentadas na semana da EJA, pode expressar toda nossa compreensão e gratidão pelo mestre Paulo Freire.

Um abraço a todos.

Equipe da E.M. 07.24.022 Comunidade de
Vargem Grande.



ESCOLA MUNICIPAL FERNANDO DE AZEVEDO – 10ª CRE

Diego Leonardo

Celebrar o centenário de Paulo Freire é celebrar a sua visão pedagógica, onde o homem, ontologicamente, é potente. Portanto, para aqueles que buscam inspiração nesse contexto social tão insípido, de perda de direitos e de discursos de ódio, é necessário reinventar as propostas freirianas, celebrando, também, os feitos dos produtores de cultura renegados; é necessário celebrar a potência da EJA. Potência essa que é vivida, ressignificada e reelaborada em seu próprio fazer, em seu próprio existir. Pensar a EJA sem Paulo Freire e sem a Pedagogia do Oprimido – e, por que não, dos Oprimidos? – é mutilar o rizoma histórico que a/nos compõe. Não celebramos os cem anos de nascimento de alguém que passou, mas de alguém que está presente, vivo, como legado e enquanto escopo das

nossas anamneses diárias, presente em nosso fazer-sendo.

Como em todo aniversário, não poderíamos fazer festa sem a presença do aniversariante; o PEJA EMFA – como carinhosamente nos chamamos, eu e a equipe de professores que compõe o corpo docente da modalidade na Escola Municipal Fernando de Azevedo – discutiu formas de trazer a presença do Patrono da Educação Brasileira para nosso fazer pedagógico, especificamente para esse momento tão importante. Nossa escola fica no território da 10ª Coordenadoria de Educação, no bairro de Santa Cruz, dentro do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, em região da cidade do Rio de Janeiro que, nos tempos imperiais, foi conhecida pela prosperidade. Hoje, é conhecida pelo processo de favelização, por ser alvo do poder paralelo e por figurar entre os últimos IDHs da capital.

Torna-se necessário elucidar que os nossos estudantes, além de todas as particularidades singulares comungadas pela grande maioria dos sujeitos da EJA, estudam em um PEJA diurno. Isso se dá, justamente, por esses estudantes terem como fontes de renda ocupações não-formais, que demandam as suas noites. Muitos são adolescentes que encontraram no PEJA um caminho – muitas das vezes o único – de terminarem o ensino fundamental, já que vários foram renegados pelas formalidades dos seus cursos escolares. Adultos com histórias de vida marcadas pelo sorriso/dor de ser quem se é. Idosos que trabalharam para que seus filhos tivessem o direito a viver/estudar e que hoje buscam o que lhes foi negado.

Dentre todos os estudantes, para mim, se destaca Raquel. Ela, negada de direitos, tornou-se estudante das idas e vindas habituais da nossa modalidade. Totalmente

avessa às socialidades e as docilidades esperadas de um estudante, sempre está/ estava envolvida em alguma situação de difícil conciliação. Mas, como o conflito é campo de aprendizado, nos entendemos e criamos vínculo. E sinto saudades – logo explicar-me-ei.

Trazer Freire para o PEJA EMFA foi algo pensado, discutido entre meus pares - os professores - em nossos Centros de Estudo. Como apresentar aquele que fala contra a opressão, pela libertação, sem ser técnico demais, fazendo com que se interessassem pelo assunto/contexto? Para tanto, resolvemos perguntar – o que se deve sempre fazer. E perguntamos para os nossos alunos, em sala, o que eles conheciam sobre Paulo Freire. As respostas transitaram entre as profundamente hilárias – “Aquele que parece o Papai Noel?” – e as profundamente inquietantes – “Não foi ele preso por ensinar gente como a gente a ler e escrever?”.

Diante disso, nossa equipe decidiu que faríamos algo direcionado a todos, com pineladas sobre a vida e obra de Freire e um trabalho mais específico com alguns estudantes, aqueles que demonstrassem desejo e vontade de conhecer mais profundamente alguns pontos, onde montaríamos uma oficina de discussão.

Desenvolvemos diversas atividades referentes ao legado freiriano: passamos alguns documentários, lemos trechos de suas obras, trouxemos frases conhecidas e construimos murais, de forma que a dialogia se fez presente nessas ações. Esse movimento foi desenvolvido com o PEJA I e o PEJA II, com abordagens específicas para as etapas, buscando caminhos que respeitassem a liberdade e a autonomia. Um dos momentos que me marcou profundamente nesse fazer foi a discussão que tivemos a partir do clipe da música "Comportamento Geral", na voz e protagonismo da

grande Elza Soares. As colocações e ligações feitas pelos estudantes sobre a obra de Freire e a música foram efervescentes – me fizeram borbulhar pedagogicamente. E Raquel, nesse momento, de cabeça baixa, parecia dormir. Tal qual foi o meu espanto quando uma colega de turma disse que “Paulo Freire não prestava”, repetindo os discursos tão presentes na fala e pensamento da maioria que compõe o alto escalão do executivo federal. Não precisei abrir a minha boca, Raquel levantou-se e reverberou tudo o que não parecia ter construído, fazendo uma defesa magnífica de nosso patrono, sem poupar ideias e palavras. Acordei, do que parecia ser um sonho e constatei que precisamos mudar nosso olhar.

Após esse grande movimento, conversamos sobre a proposta feita pela Gerência de Educação de Jovens e Adultos – escrever Cartas a Paulo Freire como forma de

celebrar seu centenário. Alguns estudantes adoraram a ideia, outros se conformaram, mas todos os participantes da oficina de discussão escreveram cartas. Alguns escreveram em suas casas, outros pediram para escrever naquele momento. Respeitamos o desejo e a vontade de cada um, de cada uma, para que esse processo de produção, marcando o papel com o que construíram fosse o mais singular, marcante e autônomo possível. Raquel, já em processo final de consolidação da língua escrita, decidiu que faria a escrita sozinha, em sua moradia.

No dia seguinte, lemos as cartas e fizemos a votação de quem gravaria o vídeo encaminhado. Raquel não quis ler a sua carta. Conversamos, nós dois, e, juntos, chegamos à conclusão de que aquelas palavras não eram suas, não eram do seu coração e da sua vivência. Era necessário vencer o medo, a resistência e os processos que

nos ensinam que somos reprodutores, não produtores vigorosos. Decidimos, juntos, que íamos fazer a carta durante o almoço dos colegas, no dia que se seguiria. E assim foi. Ela sentou-se ao meu lado, com seu jeito irreverente e único, arrancou uma folha de seu caderno espiral e me disse: "Começa pela data, né?". Fomos conversando, recriando ideias no papel, aquelas que havíamos conversado nos dias anteriores. Fomos seguindo, entre palavras, revisando a ortografia, criando uma carta que foi recriando o desejo de Raquel de continuar, de ir atrás do que sonha. A data, o vocativo, as primeiras ideias, cada parágrafo... Cada palavra protagonizava a menina-mulher que é carregada de vida, muitas vezes carregada pela vida. "Agora é só assinar, professor?"

Após terminar, dei uma última olhada rápida e sorri, com os olhos, já que a máscara a impedia de ver meu sorriso de professor,

que estava feliz de constatar que alguém havia se libertado do medo de usar suas próprias palavras, dando voz a um protagonismo único, de alguém negada, inclusive do direito a estar em sala de aula. Diante disso, nem esperou, levantou e foi mostrar sua escultura, sua obra-prima para todos da escola. Ao retornar, me disse que precisaria resolver um problema e se ausentaria da escola por uns dias. Me agarro na esperança de que Raquel volte, não necessariamente ao PEJA EMFA, já que ao buscar informações em seu endereço, fomos informados de sua mudança. Que ela nunca deixe de esperar, como eu esperancei diante dela! Viva Paulo Freire!

Diego Leonardo - 10ª CRE



CENTRO MUNICIPAL DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (CREJA): Cartas a Paulo Freire - História de luta e afetos na leitura e escrita no/ do/com o mundo

Marcia Cazer Fernandes, Priscila de Andrade

Oliveira Leal, Raffaella Araujo D' Angelo e Valéria

Rosa Poubell

A chegada de setembro nesse ano de 2021, promoveu uma intensa movimentação, não apenas entre os profissionais da educação, mas entre todas e todos que atuam, de alguma forma, na luta pela garantia de políticas públicas educacionais e de direitos para as classes de trabalhadores populares.

Em comemoração ao centenário do nascimento de Paulo Freire, importante educador na história da Educação de Jovens e Adultos (EJA), patrono da educação brasileira, diversas ações pelo país e pelo mundo foram promovidas em torno do seu le-

gado. No Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, este período de comemoração proporcionou momentos importantes de diálogos e aprendizados que envolveram toda a comunidade escolar CREJA.

Como experienciar o legado de Paulo Freire junto as/ aos estudantes da EJA? Como nossas e nossos estudantes poderiam sentir como os ensinamentos de Paulo Freire significam as suas trajetórias escolares e de vida? Como poderemos formar um Círculo de Cultura e tentar fazer com que esse momento do círculo possa entrar no nosso cotidiano escolar, dando novos contornos aos nossos processos dialógicos? Todas essas reflexões fomentaram a construção da Semana de Comemoração do Centenário de Paulo Freire no CREJA.

O processo de produção desta Semana de Comemoração ao Centenário do Educador

se iniciou com o planejamento das ações a serem desenvolvidas no Centro de Estudos da nossa escola. No período de 18 a 28 de outubro de 2021, profissionais e estudantes se reuniram para montar uma Exposição sobre o Centenário de Freire, que ocupou todos os andares de nossa instituição, apresentando a biografia, a história de luta pela educação das classes trabalhadoras e as produções literárias do Patrono da Educação brasileira.

Durante a semana, organizamos um circuito de visitação a Exposição da nossa escola sobre Paulo Freire. Os estudantes também assistiram vídeos, como 40 horas de memória (UFERSA, 2021), leram trechos de suas obras e culminamos com a divulgação dos seus livros na nossa Sala de Leitura, que foi batizada com o nome de Freire. Ao final da atividade todos foram convidados a escrever uma carta a Paulo Freire.

Estudantes e professores foram desafiados a pesquisar e conhecer o legado histórico frei-

reano para a humanidade e principalmente para a Educação no Brasil, realizamos conversas, ouvimos as falas do próprio educador, disponibilizadas através da plataforma Youtube, refletimos, escrevemos textos a partir do que conhecemos sobre a sua vida e suas obras e, posteriormente, produzimos cartas endereçadas a ele. Nas cartas, tivemos uma oportunidade de estabelecer um diálogo com Freire e escrever tudo o que gostaríamos de dizer a ele presencialmente.

A força das palavras com que Paulo Freire se refere à educação nas suas falas e nos seus escritos, foi sentida através dos relatos de trabalhadores rurais que tiveram oportunidade de aprender com ele a ler e a escrever, estudantes-trabalhadores da cidade de Angicos, em Natal, Rio Grande do Norte. As falas das/os estudantes de Angicos apresentadas à comunidade CREJA, através do vídeo conhecido como 40 horas de memória, nos afetaram de diferentes maneiras, e alimentou as nossas

esperanças na capacidade de transformação que pode ser promovida pela Educação em um país como o nosso, que ainda amargura uma imensa desigualdade social e um alto índice de analfabetismo. Uma parte, ainda que pequena, dos onze milhões de analfabetos no país frequenta a nossa escola. E pensar na educação como direito de todas e todos, nos desafia a refletir sobre compromisso político e social da nossa instituição:

Tenho muita satisfação e admiração como aluna. E teu ensinamento deu coragem para continuar caminhando em frente. Seu aprendizado fez toda diferença na vida das mulheres e homens que hoje conhecem os seus direitos e deveres e tem conhecimento geral da escrita do próprio nome (Rosinete da Conceição dos Santos, estudante do PEJA II, turma 266, 2021).

Ao ler o mundo, que precede a leitura da palavra (FREIRE, 2006) através das narrativas das experiências vividas por quem ousou esperar com Paulo Freire, estudantes e educadores movem o pensamento para a compreensão crítica da realidade educacional brasileira e esta visão crítica "autentica-se numa prática da mesma forma crítica (...), sublinha a existência de uma prática oposta" (FREIRE, 2011, p. 34), que não empodera o pensamento e contribui para que a compreensão crítica do mundo permaneça ingênua:

Freire, você foi uma pessoa maravilhosa em nosso Brasil você é uma lembrança incrível no Brasil inteiro. Todos os seus livros são maravilhosos um deles e pedagogia do oprimido a pedagogia do fazer humano sustentável alerta para a conscientização e ação da crítica sobre organização dos sistemas

vida do planeta para construção de um mundo novo (Gustavo Torres de Sousa, Estudante do PEJA II, turma 262, 2021).

Escrever cartas ao educador Paulo Freire foi uma experiência que, sobretudo, nos permitiu conhecer o trabalho de Educação Popular desenvolvido no país junto aos adultos trabalhadores do campo, nos anos 60 e como ele foi interrompido pelo golpe militar de 1964, na qual os militares tomaram o poder no país, exercendo ações dominadoras e antidemocráticas, ferindo o ideal de Paulo Freire que é a promoção da liberdade democrática para o pleno exercício da cidadania.

Finalmente no dia da XXII Expo PEJA municipal, estudantes e professores se reuniram para ler suas cartas, assistir à produção audiovisual com as leituras das Cartas selecionadas pelas Unidades Escolares, da

rede de ensino do Rio de Janeiro, e enviadas à Gerência de Educação de Jovens e Adultos, que nos devolveu compiladas em uma produção de vídeo com as leituras das/os estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos, o PEJA.

Conversar sobre Paulo Freire e ver o brilho nos olhos das/os estudantes de orgulho desse brasileiro que como eles tanto lutou, foi muito emocionante. O envolvimento das/os profissionais e estudantes no desenvolvimento dessa ação, cada um com a sua contribuição, compartilhando o seu melhor, nos garantiu uma imensa alegria.

A experiência de narrar a história, ver, ouvir e sentir o grande legado social e cultural que Freire deixou para a educação mundial motivou e encantou a todas e todos e proporcionou momentos concretos de leitura, de escrita, na vida e para a vida das/os estudantes, das/os professores e das/os profissionais da nossa escola, marcando

do a memória da instituição e as nossas memórias.

Marcia Cazer Fernandes (Professora da
Sala de Leitura – CREJA)

Priscila de Andrade Oliveira Leal
(Coordenadora pedagógica – CREJA)

Raffaela Araujo D' Angelo (Professora
de ciências e integrante da equipe de
formação continuada e para os mundos
do trabalho – CREJA)

Valéria Rosa Poubell (Professora da Sala
de Leitura – CREJA)





SEÇÃO 3

**REFLEXÕES SOBRE
A IMPORTÂNCIA
DE PAULO FREIRE
E O SEU LEGADO
PARA UMA EJA
EMANCIPADORA**

Reflexões sobre a formação docente na EJA: contribuições da educação/formação permanente

Jaqueline Luzia da Silva¹⁰

Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar alguns princípios da formação para educadores da/para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à luz das contribuições da educação/formação permanente, proposta por Paulo Freire. Para tanto, parte-se da investigação de desafios enfrentados pela EJA no tempo presente e algumas perspectivas importantes para a legitimação e o reconhecimento desta modalidade enquanto direito e formação integral e humana.

¹⁰ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua na Graduação do Curso de Pedagogia. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (2010). É integrante do Colegiado do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro. Atuou como professora da rede pública do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro, onde lecionou na EJA, inclusive no CREJA, e compôs a equipe da GEJA.

O ponto de partida para a produção deste texto é o levantamento bibliográfico sobre o tema da formação docente para a EJA à luz da crítica de autores do campo, especialmente sobre a ausência de investimentos nesta formação. Por isso, o trabalho assume o caráter de um estudo exploratório, que tem por intuito discorrer sobre a formação necessária para um atendimento de qualidade aos sujeitos que se matriculam na EJA, garantindo a estes o acesso, a permanência e aprendizagens significativas. Por isso, reconhece-se a importância da ênfase nos princípios da formação que, longe de querer tornar-se uma prescrição para o trabalho, buscam refletir sobre as premissas da atuação docente.

Aqui trazemos também o inegável papel histórico de Freire na produção de uma epistemologia da educação. Suas ideias se debruçam sobre questões do dia a dia de professores e continuam a instigar o de-

bate sobre as ações pedagógicas. Discutir os estudos de Freire na formação docente é relevante na medida que traz a reflexão crítica sobre a escola, sobre a política educacional e sobre a prática. Ainda mais nos últimos tempos em que Freire tem sido cada vez mais acessado e lido pelos educadores brasileiros, principalmente devido às comemorações de seu centenário de nascimento, no ano de 2021.

As contribuições de Freire para a educação são inúmeras. Desde sua atuação como educador, alfabetizando grupos nos círculos de cultura em alguns municípios do Nordeste e o trabalho realizado nos movimentos de cultura e educação popular, nos anos de 1950 e 1960, depois sendo convidado a elaborar o Plano Nacional de Alfabetização, interrompido pelo Golpe Militar de 1964 e culminando com seu exílio, durante 16 anos; até suas ações como Secretário de Educação em São Paulo e

seu legado como educador, cujas concepções estão descritas em sua vasta bibliografia, repensando o papel transformador da educação, evidenciando a possibilidade de ações educativas mais emancipatórias e problematizadoras da realidade.

Freire nos ajuda a pensar sobre a formação docente no sentido da educação/formação permanente. Acreditar na educação permanente significa, para Freire, lutar por uma escola pública, democrática e de qualidade, porque contribui para a formação de um olhar indagador, curioso e histórico. Neste sentido, buscar uma educação permanente para professores significa construir a consciência do inacabamento e da incompletude dos seres humanos, que estão em constante processo de formação (FREIRE, 2001).

Reflexões sobre a formação docente na EJA

A EJA é uma modalidade de ensino da Edu-

cação Básica nos níveis fundamental e médio, com características próprias (modelo pedagógico, currículo, material didático, tempos, espaços, processos avaliativos próprios) e funções definidas, que objetivam o alcance de um direito negado historicamente, além de igualdade de acesso, condições de permanência e aprendizagens significativas na escola, de jovens, adultos e idosos, com trajetórias escolares prévias ou não. E também compreende o que se chama de aprendizagem ao longo da vida, no contexto da educação continuada, no sentido de garantir o direito de todos à educação (BARBOSA, SILVA e SOUZA, 2020).

Sendo a EJA uma modalidade que abrange essa diversidade, a formação requerida pelos professores passa pelo reconhecimento de suas características específicas, desde o currículo e metodologias adequadas às subjetividades dos educandos atendi-

dos, até a aproximação com a história da EJA, seus fundamentos teóricos e legais e seus principais desafios.

A (quase ausente) formação inicial e continuada dos professores da EJA é um tema que vem adquirindo espaço nos estudos sobre a modalidade, sob o entendimento dos reflexos na prática docente decorrente do fato de muitos professores que atuam na EJA não possuírem formação específica e/ou não terem cursado durante sua formação inicial disciplinas relacionadas à modalidade. (BARBOSA, SILVA e SOUZA, 2020, p. 13)

Para a maioria dos educadores da EJA, a formação ocorre ao mesmo tempo em que se dá a atuação em sala de aula, como formação continuada e não formação inicial/

acadêmica, assim seus saberes profissionais se constituem no próprio contexto de ação (DI PIERRO, VÓVIO e ANDRADE, 2008). Desta forma, é preciso refletir sobre a formação dos professores que se inserem na modalidade, conforme apontam Sales e Fischman (2016, p. 11):

Dentro da grande quantidade de problemas identificados, a formação de professores para atuar no campo da EJA parece estar ganhando um lugar central, em particular a busca de alternativas para abordar o problema de se formar professores de EJA que atentem para as especificidades e a diversidade dos sujeitos da EJA.

Os estudos de Silva, Porcaro e Santos (2011), sobre pesquisas apresentadas nos encontros nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Edu-

cação (ANPEd), identificaram três designações correspondentes aos processos de formação do educador de EJA: a inicial, a continuada e a autoformação. A formação inicial deveria ocorrer nos cursos de licenciatura, como primeira etapa. Entretanto, “[...] não se pode garantir o sentido da terminologia ‘inicial’ como tempo de estudos e de preparação prévios antecedendo à prática, já que essa formação, que deveria ser a continuada, passa a ser a inicial para alguns educadores” (SILVA, PORCARO e SANTOS, 2011, p. 238). Quanto à autoformação, as autoras a apontam como aquela que ocorre no cotidiano do educador, durante a sua vivência.

No presente estudo, pretende-se abordar estas designações não de maneira isolada, mas em diálogo com os pressupostos da educação/formação permanente, que, diante desta ausência, torna-se fundamental, inclusive porque a formação

oferecida nas licenciaturas, de maneira geral, é muito voltada para a infância e a adolescência. E só se começa a ter contato com as teorias e ideias relacionadas à modalidade EJA depois de os professores já estarem atuando em sala de aula. A educação permanente possibilita, assim, novas reflexões sobre a prática, garantindo que os educadores transformem não só o seu discurso, mas também o seu fazer, pois "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1998, p. 43-44).

A formação permanente de educadores da EJA tem o intuito de possibilitar o repensar de práticas pedagógicas que dialogam com a realidade vivenciada nas escolas e nas salas de aula, conduzido por um olhar crítico e criativo sobre os educandos e o

processo de ensino e de aprendizagem dos mesmos.

A trajetória do educador carrega marcas significativas do contexto no qual ele atua e dos aportes teóricos que o orientam, desse modo, para compreender as posturas e práticas adotadas nas classes da EJA, faz-se preciso, identificar no seu percurso, os saberes, os valores, as crenças que se solidificaram e que serviram de guia para a sua prática educativa. (DUQUES, 2016, p. 253).

Em um contexto de quase ausência de formação inicial para a atuação na EJA, a modalidade se constitui como o espaço da formação, por isso parte da necessidade de trazer a diversidade para o debate e a reflexão, discutindo as especificidades dos sujeitos atendidos, suas necessidades de aprendizagem, reconhecendo-os como sujeitos de direitos (BARBOSA, SILVA e SOUZA, 2020). Ainda que sejam muitos os desafios impostos pela realida-

de, estes necessitam ser problematizados e tensionados pelos educadores envolvidos na EJA.

Alguns princípios da formação docente da/para a EJA

A atuação na EJA tem enfrentado grandes desafios em todo o país. As taxas de analfabetismo e baixa escolarização da população, o pouco financiamento e a ausência de políticas públicas voltadas para os sujeitos jovens, adultos e idosos pouco ou não escolarizados se refletem também no baixo investimento na formação docente para esta área (BARBOSA, SILVA e SOUZA, 2020). Entretanto, tem-se aberto mais espaço à discussão sobre a EJA nos cursos de graduação e pós-graduação, além de formação via cursos de extensão, que se tornaram espaços privilegiados de trocas, de aprendizagens, de construção de planejamentos etc., fomentando a busca de outras práticas para o aprimoramento da ação educativa.

Outro aspecto relevante é a ampliação de estudos e pesquisas sobre a área da EJA, que tem se expandido ao longo dos últimos anos. Temos visto muitas monografias, dissertações e teses que estudam, analisam, questionam e interpelam a EJA, ampliando o olhar sobre a área e aprimorando a prática. Tais estudos contribuem imensamente para a práxis da EJA, visto que trazem consigo as marcas da realidade e as peculiaridades da escola e dos espaços educativos que atendem jovens, adultos e idosos.

Caracterizada pela diversidade, a EJA e, conseqüentemente, a formação de professores, precisa se debruçar sobre diversos aspectos. Entre eles, o aprofundamento de conceitos educacionais, sem visão superficial dos conteúdos. Porque, muitas vezes, não há um mergulho nos conceitos pedagógicos fundamentais, sempre trabalhados de maneira rápida e superficial, sendo necessária

[...] uma proposta pedagógica que busque compreender a relação dialética entre teoria e prática, superando a dualidade da escola de formação acadêmica e a escola de formação popular, e que trabalhe o conhecimento sistematizado historicamente, não o reproduzindo simplesmente, mas recriando-o e transformando-o. [...] É possível entender que uma nova competência pedagógica se origina na própria prática, no debruçar-se sobre ela, no movimento dialético ação-reflexão-ação. (DIAS, 2011, p. 219).

Em busca deste movimento dialético da práxis, aponta-se a necessidade do estímulo à visão crítica e curiosa dos educadores. Por isso, um dos princípios da formação docente baseia-se na construção de instrumentos eficazes para que o professor continue pesquisando e aprendendo du-

rante a ação docente, no intuito de teorizar sua prática pedagógica, assim como afirma Duques (2016, p. 247):

A prática docente nesse contexto se configura como um espaço de formação e produção de saberes. Em sua relação com a prática e com as exigências reais da profissão, o docente continuamente produz saberes específicos, conhecimentos sistematizados e também não sistematizados, que, relacionados a outras formas de conhecer, integram e legitimam a identidade do professor, constituindo-se fatores de suma relevância nas práticas educativas.

Desta forma, seria importante que o educador, ainda na formação inicial, pudesse tomar consciência da situação atual da EJA, como política pública e dever do Estado, recebendo formação em teorias pedagógi-

cas sobre a juventude, sobre a vida adulta, sobre as questões de envelhecimento, a fim de conhecer e perceber o educando como sujeito de direitos, respeitando seus saberes e sua realidade. Se ação e reflexão ocorrem simultaneamente, a formação precisa privilegiar este exercício. Por isso, a educação/formação permanente prevê que os professores observem sua prática, reflitam sobre ela e a reconstruam com a problematização necessária ao enfrentamento dos desafios.

Freire (1998) nos ajuda a refletir sobre a formação docente e os saberes necessários à prática educativa. Para ele, por exemplo, esses saberes passam pelo reconhecimento de que o ensino consiste na criação de possibilidades para a produção e a construção de conhecimentos e não na mera transferência destes. Elencando os saberes que considera fundamentais para a ação educativa, Freire parte dos saberes dos próprios educadores e de como estes

saberes dialogam com os saberes dos educandos. Duques (2016, p. 249-250) aponta, na pesquisa realizada com professores sobre seus saberes docentes, que

A atuação dos docentes, amparada em muitos aspectos por saberes da experiência, mostrou-se centrada no ser humano como ser gnosiológico, que como aponta Freire (2005), se sabe inacabado e por isso busca o conhecimento. A constatação de que educador e educando atuam como sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo mundo, demonstrou que a postura assumida pela maioria dos educadores se baseia nos princípios freirianos, na perspectiva de valorização do conhecimento do aluno e do saber popular.

Na EJA, é igualmente importante que os educadores se questionem sobre o que os

estudantes precisam aprender, quais objetivos trazem para a escola, que contribuições a escola pode lhes dar. Da mesma forma, torna-se imprescindível o respeito aos saberes dos educandos e, ao educador, é requerido o papel de compreender suas experiências e principalmente reconhecê-los em seu saber, fazendo com que o ambiente escolar reflita a complexidade das experiências vividas pelos jovens, adultos e idosos e contribuindo para a sua aprendizagem.

Devido a esse papel do professor, como agente que promove o espaço da aprendizagem, é preciso pensar no planejamento sistemático das aulas, que considere a diversidade da condição do estudante da EJA, atendendo às dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida, garantindo o direito à educação. Dias (2011, p. 216) nos ajuda a pensar sobre este planejamento:

A organização e o desenvolvimento planejado das atividades didático-pedagógicas criam as condições necessárias para uma atuação docente mais eficiente e eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Os planos constituem o cenário sobre o qual vão ser delineadas as competências e as habilidades a serem asseguradas aos alunos no âmbito das diferentes disciplinas.

Construir o planejamento contribui não só para vislumbrar a realização de práticas pedagógicas que respondam às demandas dos educandos em relação à aprendizagem, mas também para esclarecer aos estudantes o caminho pedagógico escolhido pelo professor e, algumas vezes, discutir suas escolhas para que os estudantes possam compreender por que atua de determinada maneira e

não de outra, por exemplo. Como afirma Dias (2011, p. 216):

[...] pelas peculiaridades do "objeto" de trabalho docente, a prática pedagógica dos professores consiste em gerenciar relações sociais, envolve tensões, dilemas, negociações e estratégias de interação. Ensinar é, portanto, fazer escolhas, constantemente, em plena interação com os alunos.

Uma relação pautada no diálogo permite que os estudantes se abram, demonstrando suas dificuldades e desenvolvendo sua capacidade de se autoavaliarem. Nessa relação dialógica, é possível conhecer os educandos, seus saberes, dificuldades e vivências, estabelecendo com eles uma relação afetiva, que dissipe o temor de errar, de não saber e que permite mudanças na prática de acordo com as necessidades

dos estudantes. Sem essa relação dificilmente haverá aprendizagem, pois "não há intelegibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade" (FREIRE, 1998, p. 42).

Para pensar sobre a aprendizagem dos sujeitos da EJA torna-se necessário investigar quem são os matriculados nesta modalidade de ensino. Não há como traçar nesta modalidade um perfil homogêneo dos estudantes atendidos, pois há muitos perfis, muitas especificidades, muitas singularidades permeando esse universo. Há diferenças etárias, de gênero, étnicas, de locais de procedência, de religiões, constituições familiares, trajetórias escolares, escolaridade dos pais, de acesso à tecnologia, de inserções e não-inserções no mundo de trabalho etc. Essa análise reafirma a importância de não homogeneizar esses sujeitos, nem invisibilizar suas práticas sociais, mas reconhecê-los nas suas

especificidades, enfrentando a diversidade da realidade e reconhecendo a identidade dos mesmos, pois "[...] não haverá educação de qualidade se o planejamento não estiver enraizado, no mundo real e a ele articulado" (DIAS, 2011, p. 218).

A prática pedagógica na EJA demanda considerar as diferenças etárias e culturais dos educandos, sem que implique a redução dos seus direitos, garantindo uma aprendizagem eficaz para a permanência na escola e continuidade dos estudos. Uma estratégia utilizada por muitos educadores é a realização de avaliações processuais e formativas dos estudantes, observando o dia a dia da sala de aula e, assim, podendo adaptar, criar e alterar aspectos das aulas de modo a satisfazer as necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Assim, educadores da EJA buscam entender como estes sujeitos aprendem, como constroem conhecimentos e como articu-

lam estas aprendizagens com/em seu cotidiano, construindo uma prática educativa que não pode ser um instrumento de exclusão, mas de formação humana e integral, de garantia do direito à educação.

Na dimensão política, a formação do educador tem que ser encarada como um ato político intencional comprometido com a cidadania ativa e a participação política que valoriza e procura aprofundar a democracia. Por mais utópicos que sejamos, o mundo continuará exigindo que a EJA prepare o/a trabalhador/a para o mundo de trabalho, mas também para o consumo responsável. O desafio será equilibrar as lógicas oriundas do mercado voltadas para a empregabilidade com as do empoderamento fundamentadas na perspec-

tiva emancipatória e participativa.
(IRELAND, 2014, p. 217)

Desta forma, compreender a especificidade pedagógica da aprendizagem dos sujeitos da EJA significa colocá-los como centro do processo educativo, promovendo a reconstrução de suas identidades singulares. Aprender, neste sentido, é muito mais do que assimilar conteúdos curriculares, realizar atividades e certificar-se. A aprendizagem na EJA reafirma a formação dos sujeitos, em processo de mudança e contato com novas maneiras de ver, pensar, fazer ou falar, objetivando a construção de conhecimento, a troca de experiências e uma nova relação com a instituição escolar (SCHNEIDER, 2020). A aprendizagem, assim, é baseada em um processo de emancipação social que requer conscientização e problematização da realidade.

Desafios da EJA no tempo presente

A EJA no Brasil vem trilhando um caminho de legitimação por parte das políticas públicas, sinalizada pelas legislações (CF/1988 e LDB nº 9394/96), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, dispostas no Parecer CNE/CEB nº 11/2000, pelas Diretrizes Operacionais, apontadas pela Resolução nº 03/2010, pelos programas de inserção nos sistemas públicos de ensino, de financiamento, de formação inicial e continuada de educadores etc. Também tem recebido maior reconhecimento social, devido, principalmente, a atuação dos Fóruns de EJA e à participação da sociedade civil. Contudo, esse caminho não é linear, muito menos sem percalços. O que percebemos é que ora a EJA recebe algum tipo de valorização, ora é imposta a ela uma série de limitações, principalmente por parte das políticas implementadas para a modalidade.

Por um lado, esse caminho tem apontado para o reconhecimento da educação como

direito de todos e para uma educação que garanta, de fato, o acesso, a permanência e aprendizagens significativas aos milhares de jovens, adultos e idosos que buscam a EJA, tanto na vertente da escolarização, quanto em processos de aprendizagem ao longo da vida. É possível comprovar isso principalmente pela abertura das redes municipais, estaduais e federal aos estudantes da EJA nos últimos anos; da contribuição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), embora menor do que os recursos investidos na educação para crianças; da inserção de disciplinas sobre EJA nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas, embora nem sempre como disciplinas obrigatórias, mas eletivas ou optativas, e do investimento na formação continuada de educadores por parte das Universidades, por meio da extensão ou por especializações.

Por outro lado, ainda persistem projetos de cunho assistencialista voltados aos sujeitos sem escolarização, além do descumprimento das metas e estratégias firmadas no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), entre outras ações, como a extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), em 2019; a descontinuidade de políticas voltadas para a EJA, como o Projovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e o Brasil Alfabetizado e a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do Ensino Médio, que sequer tratam da EJA em seus termos, além da Política Nacional de Alfabetização, de 2019 também, que desconsidera a EJA em seu texto¹¹. Há uma imensa destituição

¹¹ Recentemente, foi promulgada a Resolução n. 01/2021, de 25 de maio de 2021, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. Este documento, dentre outras questões, ignora a história e legitimação da EJA no Brasil, propondo um currículo que desconsidera as especificidades dos sujeitos atendidos pela modalidade.

de direitos sociais no Brasil, dentre eles, o direito à educação.

Assim, em uma avaliação rápida, muitos são os desafios que ainda se apresentam neste contexto e que requerem esforços de todos os agentes envolvidos na EJA e um compromisso político, que se realiza, muitas vezes, no engajamento e na militância, como prática de luta e conquista da legitimação da modalidade. Há uma participação efetiva de educadoras e educadores nos fóruns, encontros e discussões sobre a modalidade. Esta luta também é formativa, no sentido da consciência do processo de atualização sobre a realidade e seus tensionamentos em relação às políticas públicas educacionais.

Para o enfrentamento dos desafios aqui apresentados, tornam-se cada vez mais necessárias ações que visibilizem a EJA para a sociedade e para os governos, retomam-

do a importância da educação para estes sujeitos como um direito, não como favor.

A esperança faz parte do nosso arsenal como educadores. Na linguagem de Freire, a crise ou as crises representam uma situação limite que se procura superar por meio da elaboração de novas metas e estratégias, visando a estabelecer um inédito viável a ser alcançado, com base em uma nova agenda internacional. (IRELAND, 2014, p. 201)

Para a construção de inéditos viáveis¹² que enfrentem as situações limites da realidade, é preciso valorizar as especificidades da modalidade, investir na formação de educadores, exigir o financiamento neces-

¹² Freire (1987) criou e usou pela primeira vez o conceito de inédito viável, que é expressão da atitude utópica que se opõe à visão fatalista da realidade. Os inéditos viáveis são sonhos coletivos e não têm um fim em si mesmos. São sonhos democráticos a serviço do mais humano que existe em nós.

sário e reconhecer as motivações dos sujeitos atendidos, dentre outros aspectos. A EJA quer ser legitimada, quer ver alcançados os direitos dos sujeitos que chegam às escolas e salas de aula, motivados por sua realidade, pelos desafios e dificuldades impostos pela sociedade e pelas políticas públicas, ou ausência delas.

Os inéditos viáveis, como possibilidades de mudanças, são construídos no enfrentamento das situações-limite, quando estas são encaradas como percebidos-detectados e, portanto, possíveis de serem enfrentadas. Assim sendo, só é concretizada a provável construção de inéditos viáveis a partir da união de diferentes sujeitos que, reconhecendo-se inacabados, vislumbram soluções para o tensionamento dos desafios. Na formação docente, a construção de inéditos viáveis se coloca como enfrentamento das situações-limite impostas pela falta de investimento na profissão e

de uma ausência de políticas que contribuam para aprendizagens significativas no trabalho em sala de aula.

Para realizar uma educação comprometida com a transformação das estruturas sociais desiguais e opressoras, é preciso reconhecer efetivamente o saber acumulado através das experiências informais dos estudantes que chegam à escola. Assim, torna-se necessário que se saiba, como aponta Freire, que ensinar significa criar possibilidades para a construção dos conhecimentos, a sua própria produção pelos educandos, nas relações entre eles e destes com os educadores.

Algumas importantes contribuições da pedagogia freiriana para a formação docente passam pela reflexão sobre a epistemologia da práxis (ação e reflexão). Assumir que não somos transferidores de conteúdos e nem detentores de saberes, nos coloca frente aos estudantes em uma

outra posição: a de quem contribui para a construção de conhecimentos. A partir deste reconhecimento, a formação docente, pautada no investimento para a autoria e a autonomia, deixa de ser prescrição e dá lugar à troca de experiências, ao questionamento da realidade, à discussão sobre os conceitos educacionais, ao aprofundamento e estudos das metodologias utilizadas, com senso crítico e criatividade.

Uma formação assim pretende formar educadores que sejam capazes de trabalhar com a realidade dos estudantes, buscando sua emancipação e autonomia, a fim de que esta educação seja uma forma de intervenção no mundo. Nas palavras do próprio Freire,

assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir mi-

nha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de "experiência feita" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (FREIRE, 1998, p. 116).

Ancorados na pedagogia freiriana, somos conclamados a lutar por uma educação cada vez mais democrática, justa e humanizada, visto que os retrocessos enfrentados no

tempo presente aparecem na implementação de políticas de formação de caráter tecnocrático; no controle da prática docente, que retira a liberdade de cátedra dos professores; no alinhamento às competências da BNCC e à lógica empresarial privatista e na política de responsabilização dos professores pelo sucesso ou fracasso dos estudantes (FREITAS, 2021). Não se percebe nessas políticas uma valorização da carreira do magistério, pois implementam uma prática educativa esvaziada de consciência política e social, com controle sobre o currículo e sobre a forma como os conteúdos devem ser trabalhados.

Além disso, a EJA no contexto da pandemia da Covid-19 enfrenta ainda mais desafios, impostos pelo ensino remoto emergencial que exclui e não contempla todos os estudantes da modalidade (NICODEMOS e SERRA, 2020). Com a pandemia, muitos são os desafios enfrentados, como o aumento

no índice de desemprego; a insegurança alimentar dos estudantes; o pouco acesso aos equipamentos digitais e à internet; o pouco domínio de técnicas, níveis de letramento digital e alfabético e espaço habitacional com estrutura adequada e a ausência de mediação pedagógica adequada aos sujeitos da EJA.

No retorno às aulas presenciais, a EJA se depara com o enfrentamento da evasão estudantil e até do fechamento de turmas e escolas, com a justificativa de que não há estudantes e, portanto, não há necessidade de que as escolas funcionem com a modalidade. Isso já vem ocorrendo desde antes da pandemia e, provavelmente, se acirrará no contexto pós-pandemia. A EJA terá que atuar com a possibilidade de chamada pública e busca ativa dos estudantes, enquanto estratégias para o retorno destes às escolas.

Considerações finais

Diante dos desafios do tempo presente, os princípios da formação docente na/para a EJA passam pela educação/formação permanente, muito mais do que pelo puro treinamento, atualização ou capacitação em serviço. A educação/formação permanente acompanha a prática e exige constância, sistematização, planejamento e mudança, como apontam Silva, Porcaro e Santos (2011), como proposta teórico-metodológica de uma formação docente contra-hegemônica.

De acordo com as autoras, esta proposta contribui para a reflexão sobre as práticas pedagógicas. Por isso, os princípios da formação docente têm como desafio articular o saber científico e disciplinar com o saber experiencial dos professores. Assim sendo, a dialogicidade também pode e deve ser fio condutor para a formação de professores, no sentido de democratizar essa articulação e promover a troca entre

os envolvidos. Nesta troca, é possível trazer as experiências, as indagações e até as angústias que permeiam a ação educativa. O espaço de diálogo, que se dá horizontalmente, pode contribuir para proporcionar reflexões, pois se constitui em um espaço de construção de novas ideias e propostas para o cotidiano dos educadores. Neste sentido, é assumido o que Freire (1998) afirma quando diz que a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação entre esta e a teoria, sem a qual a teoria pode não dizer nada e a prática pode significar somente ativismo.

Uma educação/formação permanente contribui para a construção da identidade profissional docente, que se alicerça na relação com os outros, portanto, não sendo somente uma construção individual, mas também coletiva. Se compreendemos a prática docente não só como ação, mas como reflexão e reelaboração do fazer pe-

pedagógico, o educando pode ser um interlocutor e ator dessa prática (SILVA, PORCARO e SANTOS, 2011).

Diante desta análise, a reflexão sobre a formação docente na EJA tensiona não só a política pública, mas toda a ação pedagógica e a realidade da modalidade. A discussão não se encerra, mas se complexifica à medida que traz os desafios antigos e atuais. Pensar a formação é imprescindível à construção de uma educação democrática e comprometida com a transformação social. E, em um cenário de desafios, significa problematizar as questões que se colocam e tensionar o papel da escola e das políticas públicas na condução da escolarização para jovens, adultos e idosos.

A construção coletiva de inéditos viáveis passa pelo reconhecimento do ser mais de mulheres e homens, educadoras e educadores, que querem mais do que ser apenas reprodutores de currículos propostos ver-

ticamente, sem diálogo com a realidade das escolas e dos estudantes. Temos muito a aprender com Freire, no sentido da problematização e criticidade sobre tais propostas educacionais.

Referências

BARBOSA, Carlos Soares; SILVA, Jaqueline Luzia da; SOUZA, José Carlos Lima de. Desafios do tempo presente na escolarização de jovens, adultos e idosos: agenda para a nova década. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 13, n. 32, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14146> Acesso em 06 jan. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –

nº 9394/96. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Brasília: CNE: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010**. Brasília: CNE: MEC, 2010.

DIAS, Edilene do Socorro Almeida. Um novo olhar à formação docente. In: SESC. **Currículos em EJA: saberes e práticas de educadores**. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011.

DI PIERRO, Maria Clara Di Pierro; VÓVIO, Cláudia Lemos; ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008.

DUQUES, Maria Luiza Ferreira. Os saberes que

orientam a atuação dos(as) educadores(as) de EJA: da prática na teoria à teoria na prática. In: RIBEIRO, Ana de Almeida. (Org.). **Estudos e práticas em EJA: ampliando olhares**. Rio de Janeiro: Caetés, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. ForumDir e mais 15 entidades repudiam Edital e Programa do MEC. Formação de professores – Blog da Helena, 2021. Disponível em: <https://formacaoprofessor.com/> Acesso em 20 jan. 2022.

IRELAND, Timothy. Formação de educadores de adultos em tempos de transição – em


busca do "inédito viável"? In: COSTA, Renato Pontes; VIANNA, Valéria Mendonça. (Orgs.). **Entrelaçando olhares por uma educação planetária**. Rio de Janeiro: Caetés, 2014.

NICODEMOS, Alessandra; SERRA, Enio. Educação de Jovens e Adultos em contexto pandêmico: entre o remoto e a invisibilidade nas políticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 871-892, set./dez, 2020. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss3articles/nicodemos-serra.pdf> Acesso em 19 jan. 2022.

SALES, Sandra Regina; FISCHMAN, Gustavo E. Propostas para ir além da "persistência da burrice" e outras "ideias zumbi" na EJA. **Revista Teias**, v. 17. Edição Especial – Práticas nas IES de formação de professores para a EJA. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25004> Acesso em 20 dez. 2021.

SCHNEIDER, Sonia Maria. Aprendizagem na educação de pessoas jovens, adultas e idosas. In: FERNANDES, Andrea da Paixão; LOPES, Paula Cid (Orgs.). **O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em roda de conversas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2020. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/smcb9#> Acesso em 17 dez. 2021.

SILVA, Fernanda Rodrigues; PORCARO, Rosa Cristina; SANTOS, Sandra Meira. Revisitando estudos sobre a formação do educador de EJA: as contribuições do campo. In: SOARES, Leôncio (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



O LEGADO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA FORMATIVA EMANCIPATÓRIA PARA OS ESFARRAPADOS

José Carlos Lima de Souza¹³

Introdução

Já na lista das dedicatórias de uma de suas mais conhecidas obras, a Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire anuncia uma ideia incipiente que para além do próprio conceito apresentado no título, o oprimido, adentra naquilo que poderia ser considerado como uma ontologia social de jovens, adultos e idosos, sujeitos de direito à Educação de Jovens e Adultos, quando escreveu: "Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com

¹³ Professor de História e Geografia do PEJA SME/RJ e Professor Adjunto e Pesquisador da área de EJA do DEIC- Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada, da Faculdade de Educação da UERJ – campus Maracanã.

eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." (FREIRE, 1987, p. 23)

Despercebida aos olhos de muitos leitores, essa pequena frase é reveladora de uma riqueza que se desvela ao longo da obra, já antecipando alguns dos conceitos de contorno da densa reflexão filosófica e pedagógica deste centenário, porém, incrivelmente atual pensador brasileiro no campo da educação. No trecho, quatro palavras constituem os princípios fundantes de um legado freiriano para todos os sujeitos sociais de alguma forma engajados ou envolvidos com a EJA, a saber, estudantes da modalidade, não importando a forma ou tipo de oferta, se pública ou privada, se escolar ou levada a cabo por instituições e/ou movimentos sociais, aplicando-se aos que buscam com determinação e vontade uma mudança de vida, uma nova chance de recomeçar suas trajetórias em suas caminhadas por este mundo, decisão que

passa pelo exercício do ato de estudar, de educar-se, de formar-se e de preparar-se para os desafios que pressupõem toda tomada de posição coerente com tais objetivos e propósitos em sua própria vida. Mas alcança também os profissionais de educação, desde educadores populares, agentes ou assistentes sociais, militantes da EJA, professoras, coordenadores, gestores etc. que no exercício de sua atividade humana lidam com as realidades que atravessam a vida, os sonhos, as expectativas humanas de trabalhadores em processo de reencontro com a prática educativa sistematizada e socializada. Da citada dedicatória, quatro palavras assumem na presente reflexão um caráter decisivo por constituírem conceitos que definem a organização de pensamento, a formação pedagógica e o agir e o fazer educativo de quem se atua freirianamente na luta pelo direito à educação para todos sem qual-

quer tipo distinção. São elas: esfarrapados, descobrem, sofrem e lutam, todas pelo caráter coletivo que Freire deu aos objetivos da educação, intencionalmente no plural. Ao longo das próximas seções cada uma será analisada ajudando a construir o sentido do título escolhido para este artigo.

A humildade científica como conceito transversal ao pensamento freiriano.

Até mesmo entre seus detratores, para não dizer dos tantos que o admiram, pensar em Paulo Freire normalmente traz à memória citações e frases célebres, além de um conjunto de conceitos que mesmo em alguns casos, não exclusivos do seu pensamento pedagógico, também estão fortemente associados a sua obra tais como diálogo, indagação do porquê das coisas, horizontalidade, descolonização do pensamento, senso crítico; crítica, experimentação, au-

tonomia, superação das formas de opressão; transformação social etc.

Contudo, mais do que conhecer frases ou definir conceitos isolados, posicionar-se na educação a partir da perspectiva freiriana implica vinculações filosóficas, políticas e pedagógicas que associam a prática educativa e a prática social, especial e particularmente, na Educação de Jovens e Adultos. A esse conjunto de vinculações, chamamos de humildade científica, conceito que não só define como distingue a tendência pedagógica freiriana entre todos as pedagogias críticas conhecidas.

De modo geral, pouco se fala a respeito da humildade científica, que é um conceito anterior a todos os outros citados anteriormente, e que, na verdade, perpassa todas estas grandes marcas do pensamento freiriano, de forma quase despercebida, jamais citada explicitamente.

Mas como definir esta humildade científica? Em geral associamos a humildade a uma característica humana, ligada à simplicidade, singeleza manifestas no comportamento. Há ainda uma dimensão do termo associada à pobreza material e/ou ao despojamento dos bens. Porém, a compreensão do termo torna-se mais difícil quando associamos qualquer ideia de humildade à ciência. Justamente aí que as concepções pedagógicas de Paulo Freire são únicas entre pedagógicas críticas ou contra hegemônicas conhecidas no Brasil. O esforço teórico-conceitual que torna possível compreender a humildade cientificamente exige pensar em quatro aspectos distintos, porém complementares e simetricamente relacionados no pensamento freiriano, que dizem respeito às concepções sobre *conhecimento científico, educação, ser docente e ser discente*.

Em Freire, a noção de conhecimento científico o situa sempre como uma noção aproximada, que se constrói dialeticamente, que, portanto, não é algo dado ou definitivo, pelo contrário, tem um caráter provisório, o que faz dele inacessível no sentido da apreensão definitiva, porque é inacabado, ou seja, em permanente elaboração, sendo, por fim, necessariamente vinculado à realidade, mas condicionado historicamente. Definido a partir destas considerações, o conhecimento científico é um exercício teórico-prático em que os seres humanos se inscrevem de diversas formas, não podendo ser entendido jamais como algo de que seja possível se tomar posse como mercadoria ou bem. Deste modo, ele se torna apenas um adereço sem capacidade algum de produzir outro efeito na vida social que não o da ostentação intelectual, aparente e superficial, baseada em verdades absolutas, saberes decorados,

fixados, memorizados de forma acrítica e vazia, estruturando muitas vezes a submissão do pensamento a formas de dominação e opressão. É exatamente essa dimensão que reproduz a educação bancária, uma vez que suas práticas levam a quem se crie ilusões elitistas, socialmente hierarquizantes e mistificadoras das explicações sobre o mundo. Concluindo, em Paulo Freire, o conhecimento científico tem uma finalidade que é participativa e coletiva de procurar resolver os problemas do mundo e servir à sua transformação.

Daí, advém a importância da *educação*, porque é justamente através dela que torna possível difundir e socializar os conhecimentos científicos em suas condições de produção, colocando o pensamento em movimento. A educação, portanto, é serviço, ou seja, implica o ato de servir ao mundo, ao outro, mediando, relacionando, provocando, produzindo ações de leitura,

reflexão e interpretação, daí o seu potencial transformador e libertador, condição essencial para o desenvolvimento humano, e por isso, corretamente tomado como um direito universal e humano. (FREIRE, 2005, p.98) ressalta que "como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo".

Desta forma, tanto o conhecimento científico é mais valioso quanto a educação é mais essencial e estratégica para o desenvolvimento da humanidade, quanto mais vividos, compartilhados e disfrutados por um conjunto mais amplo da sociedade. Por isso, nem o conhecimento científico se desenvolve nem a educação se realiza, tomados de forma individual, pois não se encerram em alguém solitariamente, uma vez que só há educação quando se ensina, e desta forma se chega ao outro, percebendo nele os efeitos do aprendizado, ao mesmo tempo recebendo dele as respos-

tas que também nos ensinam algo sobre o conhecimento, num movimento dialético, já que o "sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso', mas um 'pensamos'. É 'pensamos' que estabelece o 'penso'.(FREIRE, 1983, p. 45)

Ser docente relaciona-se com a mediação dos conhecimentos, sendo o educador alguém que constrói a sua identidade e o objetivo do seu exercício profissional, saindo de si e indo em direção ao outro, ao educando, constituindo com ele uma relação social "indo ao encontro de" e "não indo de encontro a". Esta é a razão também pela qual é a autoridade que se constitui nas relações pedagógicas se constrói pelo respeito, enquanto afeto, admiração, etc., e não pela hierarquia, pela força, pela opressão, ou superioridade de um lado sobre o

outro entre os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Finalmente, o *ser discente* não se confunde jamais com o sentido etimológico do termo *aluno*, visto que este é sujeito ativo no processo, e não um mero coadjuvante, tendo-se em conta o fato de que ele aprende, mas neste mesmo processo pode ensinar, quando socializa suas leituras de mundo, porque ainda que imprecisas e em processo, são ricas, criativas, complexas, e com uma lógica de construção, muito embora possam ser até errôneas ou equivocadas. O educando deixa ser visto como um depósito de dados, mas como um intelectual de fato e em potencial porque está em processo de formação, com um importante detalhe neste caso, que é a relação ressignificada do processo de ensino-aprendizagem com o erro, algo muito diferente das práticas bancárias classificatórias, pois "Quanto mais simples e dócil

receptor de conteúdos com os quais, em nome do saber, é 'enchido', por seus professores tantos menos pode pensar, apenas repete" (FREIRE, 1983, p.36). Por outro lado, segundo Freire (2001, p.42):

Faz parte da importância dos conteúdos a qualidade crítico-epistemológica da posição do educando em face deles. Em outras palavras: por mais fundamentais que sejam os conteúdos, a sua importância efetiva não reside apenas neles, mas na maneira como sejam apreendidos pelos educandos e incorporados à sua prática. Ensinar conteúdos, por isso, é algo mais sério e complexo do que fazer discursos sobre seu perfil.

Em suma, estas quatro dimensões constituem a práxis pedagógica freiriana, inserindo-a no âmbito das pedagogias críti-

cas, num movimento sempre do indivíduo para o mundo, ou seja, cujo sentido da formação humana é sempre para fora, para o mundo, para o outros, como bem resume o próprio (FREIRE, 2005, p. 136), "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seus gestos a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História".

Os esfarrapados do mundo como sujeitos da história e o direito à educação como recurso indispensável para que cheguem a percebê-lo

Ao dedicar a Pedagogia do Oprimido aos esfarrapados do mundo, Freire resume nessa palavra, uma condição social que resume muitas formas de exclusão, dependência e dominação em que se encontra a imensa maioria da humanidade, atravessada pelo sistema capitalista, em suas formas tão contraditórias e excludentes de

sociabilidade. Além englobar as formas de exclusão material e a desigualdade social, o termo esfarrapados também alcança a dimensão da condição humana no seu interior, atravessada pelas consequências de um sistema de pensamento que organiza, naturaliza e acomoda a ordem desigual, assentada sobre negação de direitos como, por exemplo, a educação, a saúde etc., mas que coloniza o pensamento e a visão de mundo dos oprimidos por esta ordem social, fazendo com que sintam na pele o problema, mas dificilmente consigam identificar suas verdadeiras fontes ou origens. Não é raro entre os estudantes da EJA, por exemplo, atitudes de auto responsabilização pela condição social em que vivem como trabalhadores explorados e precarizados, e pela privação de direitos a que acabaram relegados. Contudo, os esfarrapados são aqueles que oprimidos nas formas de viver e pensar, não deixam

ser também aqueles a quem quase nada ou nada do que está aí, colocado no mundo, seja a sua posição na sociedade, seja a ordem existente, interessa, sendo justamente os maiores interessados em sua profunda mudança. É justamente aqui, no entanto, que se insere uma possibilidade emancipatória da Educação de Jovens e Adultos. Sobre aspecto especificamente, Chabalgoity (2015, p. 61), quando aborda a influência do pensamento de Gramsci sobre Freire, ao refletir sobre o papel do educador e da educação, ressalta:

(...) a ideia de que não há situação histórica que não possa ser transformada é o ponto partida para a ação concreta. Em uma situação de opressão, é fundamental que o ser humano oprimido se dê conta de seus papel e potencial na transformação da história."

Entram na discussão, tanto o papel do educador, quanto a importância e o caráter da formação docente, que para a EJA, impõem exigências e possuem especificidades, como destaca Chabalgoity (2015, p. 62) complementando a citação anterior:

Por isso, para o educador que percebe e desvenda as relações de opressão, esta tarefa é um imperativo, é um imperativo ético. Pois, frente às massas, na sua função intelectual, a política torna-se a principal arma de luta. É na política que tal relação se estabelece. Seu propósito ético, mais do que a luta pela superação do sofrimento – desmascarando pelo historicismo absoluto trazido pela filosofia da práxis –, é a luta por sua vocação de construir e dizer a própria história. A opção pelas massas não é revolucionária no âmbito restrito da economia, mas também porque traz horizontes para aqueles que não navegaram. Mostra que todos os homens são filósofos

e intelectuais, também devem pensar e dizer sua própria história

Portanto, aqui temos os jovens, adultos e idosos, estudantes da EJA, esfarrapados, oprimidos que buscam de alguma forma assumir o timão e a bússola de suas embarcações. Temos ainda o educador da EJA como aquele que pode compartilhar e refletir sobre os conhecimentos não só sobre o mar e arte de navegar, mas que também pode fazer com que os estudantes, indo além, descubram um porto ou destino a que possam ser dirigir. Finalmente, uma proposta de formação docente, a humildade científica, através da qual os conteúdos passam a ter intenção e finalidades claras, não neutras, explícitas, científicas, porque partem do material e concreto e do

vivido ensinados para transformar a própria realidade concreta e vivida dos que vieram aprender. Eis aqui uma EJA freiriana!!!

Descobrir-se, sofrer e lutar no coletivo: o sentido de uma EJA freiriana e emancipatória

A busca pelo exercício do direito à educação negado anteriormente e a consequente procura pela escola mostram algo recorrente entre os estudantes da EJA, que há gerações e gerações vem atravessando um processo de silenciamento, intimidação e desqualificação dos seus jeitos de ser, dos modos de viver, de suas histórias de superação das dificuldades de enfrentadas ao longo da vida, para não dizer da violência física e simbólica a que tantos denunciam terem sido submetidos. Daí realmente ser praticamente impossível que educadores não se envolvam com tais narrativas, sendo

apanhados por sentimentos e impressões provenientes de inúmeros relatos pessoais refletindo uma cidade, um país e um mundo desigual. A desigualdade, o abandono e a resistência estão sempre ali, escondidos no meio das reações e dos casos que antecederam a lembrança de que a escola ainda existe, que ainda há educação para quem traz este legado sobre os ombros, e que a chegada à escola pode representar um sopro de vida, de esperança, um fôlego novo. Porém, há ainda um outro desafio que é conceito de escola, de educação, de conteúdos e procedimentos que alguns trazem na memória de experiências anteriormente vividas. No geral, experiências muito esparsas, baseadas em práticas solitárias, que se erguem sobre exercícios mecânicos e superficiais, completamente descolados de suas realidades vividas. É como se a prática social e a prática educativa não se tocassem. O ir à escola assume

formas mistificadas de obtenção de certificados e diplomas, que não se traduzem em uma experiência mais consistente, marcante ou razoavelmente significativa para os próprios. Nas sondagens vêm à tona palavras estanques, momentos escassos e alguns conhecimentos fixados de forma isolada. Curioso, no entanto, é que no retorno, em geral, jovens, adultos e idosos sempre recordam com carinho destas experiências e projetem no presente a ideia de que é exatamente aquilo que encontrarão na Escola, depois de tanto tempo. Seguindo nesta trilha, tomam aspectos como as carteiras enfileiradas, o modelo espacial da sala de aula organizado em torno de propostas bancárias de educação como aquilo que irão encontrar, e mais, como o único modelo possível, como a única possibilidade correta de as coisas acontecerem de novo. E não são raros nestes casos os exemplos de frustração, medo, insegu-

rança e ameaça de desistência por parte dos educandos. Também da parte de educadores, muitos no início até entusiasmados e cheios de sugestões, há um choque diante do mal-estar às vezes colocado, que produz um movimento de recuo e rendição às práticas tradicionais, expositivas de conteúdos, adaptando-se como resposta às contradições surgidas no percurso, instalando o obscurantismo no processo de ensino-aprendizagem.

Tais situações não são novidade nem surpresa, visto que a escola ainda hoje traz um ranço tradicional e opressivo inculcado, o que infelizmente é tomado como concepção mesmo por aqueles que são massificados por ela, e que assim não receberão dela nenhuma resposta para as suas dúvidas ou perguntas.

Souza (2016) realizou uma pesquisa com mais de 200 estudantes de EJA, que algumas falas de jovens, adultos e idosos,

dizendo que não sabiam ter o direito de expressar opiniões sobre os conhecimentos escolares trabalhados em sala de aula. Demonstavam uma aceitação de tais informações e conhecimentos vindos do professor como verdades absolutas e inquestionáveis, impossíveis de submeter-se a análises e posicionamentos. Alguns mais veteranos sinalizam, não raro, que nem sabiam que era para falar em sala de aula sobre os conteúdos. O exercício da opinião, da conversa em rodas ou círculos pareciam desvirtuar as aulas de um modelo e uma direção "corretos". Percebe-se como a opressão molda concepções e mentes, colonizando-as.

Justamente esse é o ponto de partida, o grande desafio de quem atua como educador ou é educando na EJA. Estabelecer esse debate logo de início, problematizando o conceito de educação e de escola. É fundamental que se desmonte o modelo

autoritário, monológico, elitista e acadêmico para dar lugar a uma EJA viva, revolucionária, experimental, que instigue e questione, que impulsione a curiosidade e a investigação.

Claro que este enfrentamento é complexo, e não pode ser imposto de forma vertical e unilateral, mas é preciso desconstruir a educação burocrática para dar lugar à educação que cumpra sua real finalidade. É necessária uma forma de abordagem destas questões com diálogo e abertura para diferentes opiniões se confrontem, e que o caminho seja culturalmente negociado. Há um exercício de convencimento e de conquista que antecede a trajetória dos estudantes da EJA, em que eles precisam se descobrir na sua condição de sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem, em que eles saibam o que está em jogo, reconhecendo que também o processo é dinâmico é formativo, que se resume aos

conteúdos e conceitos de componentes disciplinares escolares (FREIRE, 1983, 51):

É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que iremos discutir a educação como um processo constante de libertação do homem. Educação, que por isto mesmo, não aceitará nem o homem isolado no mundo - criando este em sua consciência -, nem tampouco o mundo sem o homem - incapaz de transformá-lo

É na perspectiva do materialismo histórico-dialético, que uma educação crítica torna possível que estudando, se aprenda, e ao aprender se descubra, percebendo o sofrimento sentido, se identificando as suas causas, para mobilizar-se na luta pela superação do mesmo, libertando-se (FREIRE, 1987, p. 47):

"Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado [...] Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que têm a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação."

Percebe-se com esse não é um movimento individual, uma vez que se realiza nas interações com o coletivo, atravessado, especialmente na EJA, pela vinculação de classe, a que os sujeitos da EJA estão vinculados como trabalhadores, mas ao mesmo tempo, também perpassados por uma enorme diversidade, mas que alcançará também o mundo fora da sala de aula e da escola (FREIRE,1967, p.36):

a "elevação do pensamento" das massas, "o que se sói chamar

apressadamente de politização", (...) começa exatamente por esta autorreflexão. Autorreflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras.

E aí também se encontra, para Freire, o valor do educador crítico e coerente ético-politicamente (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1995, p. 54 Apud CHABALGOITY, 2015, p. 62):

Para mim o caminho gramsciano é fascinante. É nessa perspectiva que me coloco. No fundo tudo isso tem a ver com o papel do chamado intelectual, que Gramsci estuda tão bem e amplamente. Para mim, se a classe trabalhadora não teoriza a sua prática é por-

que a burguesia impede de fazê-la. Não porque ela seja naturalmente incompetente para tal. Por outro lado, o papel do intelectual revolucionário não é o de depositar na classe trabalhadora, que também é intelectual, os conteúdos da teoria revolucionária, mas o de, aprendendo com ela, ensinar a ela. Neste ponto voltamos ao que já disse a respeito da diferença do método do educador reacionário e do revolucionário.

Considerações finais

Este artigo trouxe algumas contribuições para pensarmos uma Educação de Jovens e Adultos coerente com seus reais objetivos, a saber: formar humana e filosoficamente as classes trabalhadoras anteriormente alijadas do direito à educação, proporcionando que se insiram no debate sobre a

sociedade em que vive de forma consciente, crítica e corajosa. Em tempos de crise econômica global, e das tentativas do capital de inviabilizar a organização e reação das classes trabalhadoras, lançando mão de mentiras disseminadas, manipulações midiáticas, estímulo ao ódio e desqualificação dos que se levantam em defesa de um mundo menos desigual, mais humano e justo, em que se respeite a natureza e busque a emancipação da humanidade. Deixamos para o leitor uma contribuição freiriana para a reflexão quanto a importância de tomarmos a tarefa de oferecer aos trabalhadores jovens, adultos e idosos uma educação realmente como direito de todos, não como um mote, ou seja, mas uma educação, de fato, universal, laica, de qualidade, crítica e inclusiva, em que os educadores tenham também relevante papel protagonistas.(MÉSZAROS, 2008, p. 76-77)

(...) *nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta na frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem que uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo (...). E vice-versa; a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades de transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam ou fracassam juntas. Cabe a nós todos – todos*

porque sabemos bem que “educadores também tem de ser educados” – mantê-las de pé, e não deixá-las cair. As apostas são elevadas demais para que se admita a hipótese do fracasso.

Compete a todos que militam por uma EJA emancipatória, nos perguntar: que caminhos e questões precisam ser pensados por educadores e educandos de modo para superar os desafios e obstáculos atuais, e fazer da EJA uma focada na permanência e para o sucesso dos estudantes? Um primeiro passo pode ser o da superação de uma EJA estimada exclusivamente através de indicadores de evasão e fracasso escolar, expressões que, segundo Paiva(2014, p. 95), há muito já deveriam ter sido superadas das discussões que se voltam para políticas públicas em educação para jovens e adultos. Uma EJA emancipatória não pode se sustentar seu êxito em número de ma-

trículas e conclusões de alunos, tampouco exclusivamente em provas ou avaliações. Quem sabe possamos buscar formas mais precisas de acompanhamento destes sujeitos durante e após as diferentes etapas do processo de escolarização, associando recursos intersetoriais que ampliem a formação, a continuidade do percurso escolar, a formação humana e a educação profissional, certificando-se desta maneira do alcance e do sucesso das políticas públicas na área, de ponta a ponta, mobilizando os próprios estudantes a se organizarem e exercerem um controle social mais amplo e organizado em torno de tais objetivos, afinal temos ou não temos confiança na EJA que oferecemos? Se temos, o que falta para fazê-lo? Que transformemos palavras em ação.

Referências

CHABALGOITY, Diego. Ontologia do Oprimido: construção do pensamento filosófico em Paulo Freire, Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 61.

FREIRE, Paulo. Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos In: Política e Educação, São Paulo, Cortez, 2001, p. 40-43.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1995, p.54.

MÉSZAROS, Istvan. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2008.

PAIVA, Jane. Os desafios da Educação no tempo presente o Lugar da EJA: de que Educação estamos falando? In: Costa R. P.; VIANNA, V. M. (Orgs.). Entrelaçando olhares por uma educação planetária. Rio de Janeiro: Caetés, 2014.

SOUZA, J. C. L. de. A prática de ensino de História e Geografia no Programa de Educação de Jovens e Adultos da Cidade do Rio de Janeiro: a especificidade de um fazer pedagógico. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

CORPOREIDADES E A PLENITUDE NA/DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – UMA ESCRITA QUE SE PRETENDE DIALÓGICA E AMOROSA

Queridos e queridas estudantes, professores/as, gestores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA), população em geral, Uma alegria participar do e-book em comemoração à *Semana da EJA* e do *XXII ExpoPEJA*, ambos coordenados pela equipe gestora da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Agradeço a possibilidade de integrar esse coletivo, compartilhando parte do caminhar como docente, especialmente o que vem sendo realizado na formação inicial e continuada de professores e professoras, em relação com Paulo Freire e seu legado para a EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Fiquei emocionada ao ler as *Cartas a Paulo Freire*¹⁴, escritas pelos estudantes da EJA do município do Rio de Janeiro. E como não ficar? Afinal, nesse terceiro ano da pandemia provocada pela covid-19, com quase 639 mil óbitos¹⁵ no Brasil (muitos deles possíveis de serem evitados com políticas públicas nacionais encaminhadas em benefício da população), nesse contexto tão doloroso, encontrar nas *Cartas a Paulo Freire* o quanto a escola é lugar de sonhos, de cuidados, de inspiração, de alegria em ambiente de camaradagem – dentre tantas menções dos estudantes às escolas – é, sem dúvidas, identificar o quanto a vida está presente nas unidades escolares, no realizado pelos/as professores/as, estudantes, gestores/as e toda a equipe que forma uma comunidade escolar.

¹⁴ Podem ser encontradas em <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/busca?mult=&cat=&tip=&proj=17401&txt=>

¹⁵ Dado acessado em 14 de fevereiro de 2022, no site <https://covid.saude.gov.br/>.

A partir dessa afetação, proporcionada pela leitura das cartas, escrevo no mesmo formato, desejando dialogar, mantendo a possibilidade de continuarmos a trocar mensagens que possam aguçar nosso refletir a intrínseca relação entre educação e plenitude da vida. Alguns poderão pensar que é ridículo ficar emocionada com cartas, em tempos de internet, instagram, facebook, whatsapp. Mas, o poeta Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, no poema *Todas as cartas de amor são ridículas*, nos ensina que

*Todas as cartas de amor são ridículas
Não seriam cartas de amor se não
fossem ridículas (...)
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser ridículas (...)*

Por isso, sem medo de ser considerada ridícula, dialógica e amorosamente lhes escrevo, tornando público, através dessa

carta, algumas considerações a partir da docência realizada.

Amorosamente porque escrever sobre escolarização, destacando projetos relacionados à educação de pessoas jovens e adultas que iniciam ou retomam seus estudos é, sem dúvidas, destacar a nossa necessidade de prestar atenção ao nosso redor, o quanto estamos cuidando do mundo e das pessoas. Afinal, estudar o que foi construído antes de nós, perceber as relações com o presente e os impactos que pode ter com o futuro, com a vida de cada um/a e de todos nós, para mim, são gestos de amor. Nesse processo, podemos reverenciar quem veio antes, sem deixar de questionar e mudar a partir do que hoje é imprescindível e, ao mesmo tempo, preservando para quem vem depois.

Esse percurso nos dá condições de perceber o quanto criamos histórias, realidades compartilhadas, situações em comum. O

que não exclui as particularidades, singularidades das pessoas e seus contextos. Thiago de Mello, poeta amazonense falecido no início de 2022, no poema *Para os que Virão*, ao dizer que

*(...) é tempo de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar. (...)*

*Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando*

Parece compartilhar dessa ideia de seguirmos juntos, sabendo que não será fácil e, por isso, inclui a urgência da luta. De uma batalha em que a vida – e a dignidade do pleno viver – seja o bem maior. Assim, escrevo mobilizada por aprendizagens que vieram de muitos e muitas, como Paulo Freire.

Freire tem ensinado a trabalhar em defesa de uma educação e de uma formação docente para/com a vida. Coloco Paulo Freire no presente pois, quanto mais leio as obras dele ou de quem escreve inspirado/a por ele, mais aprendo, mais entendo o que ele continua ensinando com os escritos e gravações que deixou, as quais materializam um legado de sua trajetória de vida.

Sobre a ideia de legado, Hannah Arendt¹⁶ é uma filósofa que chama nossa atenção para entender que tudo o que existe, e que pode constituir uma espécie de herança, como as lutas e construções deixadas pelas gerações que vieram antes, não nos chega por testamento (pois esse indicaria a força da transmissão fixa, do tempo contínuo e sem alteração). Arendt ensina que herdar pode dar a impressão de que proteger o herdado é mais importante do que pensar sobre

¹⁶ ARENDT, Hannah. La crisis en la educación. In ARENDT, Hannah *Entre el pasado y el futuro – ocho ejercicios sobre la reflexión política*. Espanha, Barcelona: Península, 1996, p. 185 - 208.

o que foi herdado. Mas, algumas narrativas – como velhas cartas – nos fazem perceber que muitas histórias, pessoas e situações foram escondidas e negadas daquilo que é transmitido às novas gerações. Como o apagamento dos quilombolas, indígenas, mulheres, negros, dentre tantos outros grupos oprimidos e explorados, os quais foram impedidos de narrar e registrar suas versões dos acontecimentos, assim como outras possibilidades de construir a vida.

Ainda problematizando a ideia de legado, Paulo Freire, em vários vídeos que registram suas aulas, conferências, encontros, entrevistas¹⁷, nos indaga: “quer me seguir? Então faça diferente de mim”. Ou seja, ele convida a pensarmos nossa presença concreta no contexto ao qual pertencemos, nos provocando a uma nova “leitura do mundo”, incluindo o que encontramos ao nascer.

¹⁷ Uma dessas produções foi uma série documental em cinco episódios, realizada pelo SescTV. Ver em <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/>

Como professora formada em educação física, por estar atenta às leituras das corporeidades e das práticas corporais, o que elas têm de histórias, memórias, criações, esplendor da vida, venho identificando o quanto as práticas corporais são produções da nossa vida em coletivo e, por isso, questiono o porquê de os corpos não poderem se movimentar nas escolas. Ou, quando apenas uma configuração de expressão corporal é possível. Muitos professores e professoras de diferentes formações, assim como os estudantes, também indicam questionar essa imobilidade. Por exemplo, foi no I Encontro de alunos do PEJA, em 2005, que os estudantes da EJA do município do Rio de Janeiro reivindicaram pela educação física nas escolas com EJA¹⁸.

¹⁸ Flora Prata e Fátima Machado relatam isso no texto "Contextualizando a inserção da Educação Física na matriz curricular do PEJA" o qual encontra-se entre as páginas 21 e 35 da obra CARVALHO, Rosa Malena (Org). Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos. Curitiba, PR: CRV, 2011

Ouvir os/as estudantes e os/as professores/as para planejar em conjunto, como o realizado através do *Encontro de alunos do PEJA*, do *ExpoPEJA* e da *Semana da EJA*, todos organizados pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, são exemplos de uma gestão que se quer pública, pois preocupada em inserir as vozes dos diferentes sujeitos que fazem a EJA acontecer (estudantes, professores/as e gestores/as) na condução do realizado.

Essa forma de gestão do espaço público é um dos exemplos que faz identificar o quanto a cultura em que nascemos, a cultura em geral, pressionam para determinada condução da vida. Mas existem diferentes possibilidades – ou seja, não é óbvio que determinado grupo, ao assumir uma gestão pública, esteja comprometido em ouvir e inserir todos/as. Por isso encontramos tantos governos autoritários, que não valorizam a vida e produzem uma po-

lítica que produz exploração, miséria, vida condicionada ao mínimo para sua sobrevivência (incluindo a não oferta de todos os componentes curriculares nas unidades escolares).

Assim, os aspectos culturais são relevantes para entendermos como os caminhos são produzidos e, que o hegemônico, na melhor das hipóteses, é apenas a indicação de uma determinada forma e trajeto para caminhar. Um bom exemplo disso é o nosso próprio nascimento: ao nascermos já estamos mergulhados/as em uma cultura, pois há uma organização para receber quem vai nascer: escolhendo seu nome, roupas, brinquedos, sonhando com quem vai chegar. Mas, ao nascer, cada um/a tem que ser cuidado/a e aprender a realizar tudo! Todos os movimentos, os diferentes tipos de inserção, de entendimento, de relação, de modificação no mundo em que nascemos, pois não chegamos preparados/as.

É na convivência e nas relações que aprendemos – como diz a música *Enquanto houver sol*, dos Titãs:

(...) Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho (...)
Enquanto houver sol
Enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol (...)

São os encontros, as relações que nos preparam, que nos fazem aprender em conjunto, a criarmos hábitos, a duvidarmos das coisas – ou seja, viver é a contínua produção de alguém que nasce incompleto. Essa necessidade de aprender ao longo da vida permite e exige compreender o quanto somos incompletos, precisando de cuidados, proteção e orientação – por isso a educação se faz tão necessária. Nesse processo,

podemos identificar que não estamos determinados/as ao ambiente em que nascemos, às situações fixas, a uma única maneira de viver (ou sobreviver?). Essa forma de entender a necessidades do humano, as incertezas e imprevisibilidades pode causar medo, mas, ao mesmo tempo é a possibilidade de abertura ao novo e à mudança da realidade. Sem dúvidas, também abre chances para alguns/mas quererem controlar e dizer aos outros/as o que e como fazer. A educação, quando objetiva abrir/ampliar o já sabido e conhecido, pode auxiliar a indagar e construir caminhos diferentes dos indivíduos, grupos, situações, forças que querem manter coletivos e pessoas imóveis, olhando somente uma realidade, sem questionar os limites impostos.

Compartilhei parte dessas ideias ao participar do quarto episódio da primeira temporada do *Programa Diálogos da EJA*, intitulado *Território, corpos, sujeitos: modos*

*diversos de resistir e (re)existir*¹⁹, junto com os professores Daniel de Oliveira (GEJA) e Luciana Wollmann (CREJA). Nesse encontro, a partir da indagação do Daniel sobre a "herança colonizadora", destaquei o quanto essa questão é historicamente produzida. Assim, alguns são educados para uma condição de subalternização e opressão, por um processo que relaciona o tipo de corpo a um tipo de vida – ao que chamamos naturalizar as condições históricas, através de uma produção de desigualdade justificada nos e pelos corpos.

O entendimento dos corpos, então, não pelas suas condições fisiológicas ou anatômicas, isoladamente das condições sociais, mas um campo das relações. A sociedade brasileira, tão constituída por uma hierarquização, exclusão, segregação a partir da

¹⁹ Programa integrante do curso "Formação Continuada para professores da EJA" - projeto da SME-RJ "Rio aprende + quando aprende junto". Exibido em 26/11/2021, poderá ser acessado em <https://youtu.be/jga-PdWYogg> [Yt EPF.

cor da pele, também encontra muitas vozes desvelando as razões históricas dessa produção e propondo novas possibilidades – como Lélia Gonzalez vem nos ensinando com a ideia de Amefricanidade²⁰.

O corpo, portanto, como lugar, território de marcadores sociais. E, por isso, para captar sua dimensão histórica e suas relações com os processos educativos, há a necessidade de percepção do corpo como conceito, não como palavra²¹. Judith Butler²², ao perguntar pelos corpos que importam, nos ensina a diferença entre a vulnerabilidade e precariedade da vida. Por sermos seres vivos, estamos vulneráveis ao imprevisível. Já

²⁰ GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988b, p. 69-82.

²¹ Para aprofundar essa temática – a do corpo como categoria de conhecimento e pesquisa - indico uma obra, em forma de e-book, lançada em 2021 pelo grupo de pesquisa que coordeno poderá ser gratuitamente baixada em https://naueditora.com.br/ebook_gratuito/corporeidades-e-processos-formativos-contundencias-e-resistencias-em-defesa-da-vida-e-da-escola/

²² BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

a precariedade são as condições adversas socialmente produzidas, como ter ou não ter acesso à água encanada e tratada, ruas asfaltadas e iluminadas, transporte público em qualquer hora do dia, por exemplos.

E essa diferenciação nos ajuda a olhar com cautela para esse início de 2022, quando a pandemia ainda não acabou, mas é criada uma situação de "vida normal" e a ideia de um retorno progressivo e gradual às escolas, por exemplo, é substituída por "volta todo mundo".

O contexto pandêmico é um bom exemplo para identificarmos que a formação inicial de professores/as não consegue preparar para todas as situações, pois não dá para prever tudo que poderá ocorrer. Por isso, a formação continuada é de extrema importância, na tessitura de uma educação cotidianamente pensada, a partir da composição do trabalho docente em cada unidade escolar – ou seja, o currículo efeti-

vamente praticado. E, como esse trabalho não se faz isolado de um contexto maior, pois pensar as experiências locais indica estudar e compreender como se dá a interação daquele lugar/grupo com outros espaços e coletivos da mesma cidade. Por isso, as gestões e políticas públicas não podem ficar de fora.

Esse conjunto de fatores nos faz afirmar que há uma luta pelo direito à educação. Os estudantes da EJA, enquanto trabalhadores/as que constituem os grupos com menores condições de renda, muitas vezes vivem situações em que estão completamente desvinculados do que ajudam a produzir, como exemplificam os/as que atuam na construção civil, erigindo casas e, ao mesmo tempo, sem habitação; ou àqueles/as que trabalham em setores da alimentação, mas não conseguem levar o básico para sua família. Uma situação que muitos reconhecem há

algum tempo, como identifico na música
E.C.T. de Cássia Eller:

*(...) Levo o mundo
E não vou lá
Levo o mundo e não vou
Mas esse cara
Tem a língua solta
A minha carta
Ele musicou (...)*

Assim, abordar o universo formativo da EJA é dar visibilidade ao que alguns querem esconder, como a exploração do trabalho de muitos. Abuso que atinge os corpos. E, por isso, para a educação física escolar, organizar essa prática pedagógica pelo entendimento de cultura corporal é extremamente importante para uma educação que reconheça a construção histórica do corpo e das práticas corporais, incluindo a realidade dos estudantes. E, ao mesmo tempo, considerar essa constituição histórica do corpo e das

práticas corporais é indicativo para a gestão pública e a composição de currículos em que os contextos não fiquem de fora.

Em um país de tamanho continental, as diferentes realidades das regiões brasileiras, sem dúvida, impactam a organização do trabalho docente e as gestões públicas²³. Por isso, é de fundamental importância termos marcos que nos ajudem a dialogar e a promover a escolarização em todo o território nacional. No caso do direito à educação, como um princípio e combinação nacional, a nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional²⁴, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos²⁵, destacam que a escolarização de pessoas jovens e adultas não

²³ Sobre a educação física escolar na EJA no Brasil, é interessante os olhares que traz a obra CAMARGO, Maria Cecília da Silva; COSTA, Maria da Conceição dos Santos; CARVALHO, Rosa Malena de Araújo (org). A educação física na educação de jovens e adultos: experiências da realidade brasileira. Santa Maria: UFSM, 2021.

²⁴ Para maiores detalhes: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

²⁵ Para maiores detalhes: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>.

é somente a inserção no mundo do trabalho, quando a escola se torna um tempo e um espaço de suspensão do previsto e do prescrito, desenvolvendo uma educação que amplia as possibilidades de leitura do mundo, assim como a inclusão nele.

Essa escolarização tem relação direta com a amplitude da vida. E, por isso, podemos identificar o currículo como cultura, como forma de conceber a educação. Está vivo, é mutável e dialoga com os contextos. Cada elemento curricular tem seus objetos de conhecimentos, mas, por conter a vida em sua dinâmica, pode ampliar o previsto, a partir da conjuntura escolar. Realidade essa em que o ouvir é extremamente importante, pois a relação dialógica nos ajuda a não cairmos na armadilha de dar as respostas, a partir de nossas suposições, de nosso ponto de vista, do nosso conhecer o mundo.

Nesse processo, os temas geradores, propostos por Paulo Freire, abrem a possibilidade

de diálogo e de avaliação da realidade dos estudantes, das suas relações com o estudo em pauta. Com o corpo e as práticas corporais não é diferente, quando entendemos que são conhecimentos e não dados a priori, naturais. Paulo Freire, enquanto Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, escreveu uma carta aos professores/as de educação física. Vocês sabiam? Então, nessa carta²⁶, ao indagar como a educação física se coloca no ato de educar, Paulo Freire indica a inteireza do humano, através da não separação entre corpo e mente, para combatermos a escravidão e a violência.

Mobilizada por essa forma de pensar, concluindo essa carta, mas desejando outros espaços e momentos para a continuidade de nosso diálogo em prol do universo formativo realizado na/pela/com a EJA, finalizo com um convite.

²⁶ Referência: SÃO PAULO. O menino popular e a educação física. Secretaria municipal de educação. DOT: 1990. O CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), em 2021, organizou uma sala virtual em homenagem a Paulo Freire, na qual essa carta poderá ser acessada em <http://conbrace.org.br/exposicao/>.

Em 2021, no ano que marcou as comemorações pelo centenário de nascimento do Patrono da Educação Brasileira - Paulo Freire -, a partir de uma série de situações acadêmicas e coletivas, realizamos o lançamento de uma "Rede de pesquisadores e pesquisadoras – corporeidades, práticas corporais e EJA"²⁷. Uma rede de pesquisadores/as que está se constituindo, aberta aos interessados/as na temática (não somente estudantes e professores/as de educação física), a qual tem, como objetivo principal, pautar a discussão tão presente nessa carta, mas muitas vezes invisibilizada, que é a produção sócio-histórica do corpo e das práticas corporais em uma escolarização para jovens e adultos que seja marcada pela amorosidade, dialogicidade, amplitude da vida.

Caso você, querido/a leitor/a, queira fazer parte dessa Rede, pode enviar uma carta

²⁷ Esse lançamento pode ser visualizado em <https://youtu.be/VJaFNVVmr8w>.

escrita no papel ou por meio eletrônico; ou digitar uma mensagem via *whatsapp*, *instagram* ou *facebook*. Será maravilhoso seguirmos juntos/as, pois, como diz Lia de Itamaracá, em Minha Ciranda, precisamos de outras mãos para fazer uma dança em roda acontecer:

*(...) Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção*

Sigamos juntos/as/es. Sigamos firmes.
Sigamos. Um abraço,

Rosa Malena de Araújo Carvalho²⁸
Verão de 2022 – Bicentenário da
Proclamação da República no Brasil
Ano 03 da pandemia por
covid-19 (e suas variantes)

²⁸ Doutora em Educação; associada no Instituto de Educação Física da UFF; professora no Programa da Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP-UERJ; coordena o grupo de pesquisa ELAC (Educação física escolar; experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades). rosamalena@id.uff.br; [@rosa_malena_carvalho](https://www.instagram.com/rosa_malena_carvalho); [@gpesquisaelac](https://www.instagram.com/gpesquisaelac).



SEÇÃO 4

**ACERVO DIGITAL
DA III SEMANA DA
EJA RIO E DA XXII
EXPOEJA | 2021**

III Semana da EJA Rio: "O legado Freireano para uma EJA emancipadora" – Mesas

XXII ExpoEJA: mostra "Cartas a Paulo Freire" – Coletânea de textos na íntegra

XXII ExpoEJA: mostra "Cartas a Paulo Freire" – Playlist da leitura de cartas



